

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

DAVID ALEXANDRE GELATTI BUENO

LEBENSBOHN: O “INFERNO” DE CRIANÇAS E JOVENS NA ALEMANHA
NAZISTA

PONTA GROSSA

2019

DAVID ALEXANDRE GELATTI BUENO

LEBENSBOHN: O "INFERNO" DAS CRIANÇAS E JOVENS NA ALEMANHA
NAZISTA

Trabalho de conclusão de Curso apresentado para obtenção do título de licenciado em pedagogia na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Área de Educação.

Orientador: Profº Drº Névio de Campos.

PONTA GROSSA

2019

DAVID ALEXANDRE GELATTI BUENO

LEBENSBOHN: O "INFERNO" DAS CRIANÇAS E JOVENS NA ALEMANHA
NAZISTA

Trabalho de Conclusão de curso apresentado para obtenção do título de licenciado em pedagogia na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área da Educação.

Ponta Grossa, 20 de agosto de 2019

Prof^o. Dr^o Névio de Campos - Orientador
Doutor em Educação
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a. Dr^a Lucia Mara de Lima Padilha
Doutora em Educação
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a. Dr^a Maria Julieta Weber Cordova
Doutora em Sociologia
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Dedico aos meus avós, Nira e Carlos.

Que sempre me apoiaram e que são a minha base de vida e de exemplo a ser seguido.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, nosso grande arquiteto celestial que me deu força e garra na escrita deste texto e durante todo o processo de aquisição do conhecimento e a quem sempre peço auxílio e ajuda, bem como, que continue a me iluminar nos meus próximos passos em busca de uma formação que me aperfeiçoe ainda mais como profissional e ser humano.

Ao Prof. Dr. Névio de Campos, pela enorme contribuição e orientação neste trabalho. Bem como, por ter aceitado me orientar dentro de meu tema que tanto gostaria de escrever.

A Prof^a Dra. Lucia Padilha, pela amizade e ensinamentos ao longo do curso que não foram apenas acadêmicos, mas de humanidade e de nos colocarmos no lugar do próximo.

Aos demais professores do curso que sempre nos incentivaram e compartilharam conhecimento conosco ao longo destes anos.

Também gostaria de agradecer a todos meus amigos e as colegas de curso pelas palavras amáveis durante os momentos positivos e negativos, porém sendo este segundo, necessário durante este período em que convivemos juntos.

Por fim, gostaria de agradecer, a todos que de uma forma ou outra me auxiliaram com palavras amigas, com gestos e olhares para que este trabalho frísse da melhor forma possível e estivesse materializado como está hoje.

Que os homens não aprendem muita coisa com as lições da História é a mais importante de todas as lições da história.
Aldous Huxley.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar o programa Lebensborn e a sua organização dentro do regime Nazista, e os seus impactos no pós-guerra. Ainda temos como objetivo a compreensão dos antecedentes desta Alemanha nazista, os movimentos da história que levaram o antissemitismo ser tão profundo e enraizado na Europa; bem como, analisar as questões da memória da sobrevivente Ingrid Von Oelhafen ao programa Lebensborn e a sua busca pela verdadeira identidade e origens que o programa lhe tirou ainda nos primeiros meses de vida. Também cruzamos em nosso estudo a ditadura Argentina que deixou milhares de crianças e jovens sem família e sem identidade por conta dos raptos que se assemelham a Lebensborn. A escolha pelo estudo bibliográfico e documental é devido à historicidade dos acontecimentos e também a fonte primária de consulta para a realização do mesmo o livro *As crianças esquecidas de Hitler*, que foi escrito pelas memórias de Ingrid Von Oelhafen, com o auxílio do Jornalista Tim Tate; contudo, a pesquisa para o tema foi realizada em diversos bancos de dados e teses, levantando assim mais de 380 títulos que auxiliaram no estudo deste trabalho. Por fim, discutimos não só Lebensborn, mas a Alemanha, a ascensão do nazismo ao poder e as questões eugênicas e da escolarização dos indivíduos neste período obscuro da humanidade. Dentre os resultados estão os impactos do programa na vida de seus sobreviventes e também uma reflexão sobre a importância de seu estudo em nossa atualidade, bem como, a sua importância ético-política para aqueles grupos que foram negadas as condições de humanidade.

Palavras-Chave: Lebensborn. Holocausto. Educação nazista. Nazismo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 - ALEMANHA NAZISTA.....	18
1.1 ANTECEDENTES DE UMA ALEMANHA NAZISTA.....	18
1.2 ASCENSÃO DO PARTIDO NAZISTA AO PODER.....	23
1.3 REGIME NAZISTA E O APROFUNDAMENTO DO ANTISSEMITISMO NA ALEMANHA.....	29
CAPÍTULO 2 – AS DIFERENTES MANIFESTAÇÕES DA EUGENIA.....	40
2.1 CONCEPÇÕES GERAIS DA EUGENIA E A SUA RELAÇÃO COM O NAZISMO.....	40
2.2 A EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS ALEMÃES NO PERÍODO NAZISTA.....	45
CAPÍTULO 3 – PROGRAMA LEBENSBORN.....	54
3.1 ORIGENS DO PROGRAMA LEBENSBORN.....	54
3.2 FUGA E DESCOBERTA DE UMA INFÂNCIA ROUBADA.....	61
3.3 PROGRAMA LEBENSBORN – A CAIXA DE PANDORA NAZISTA.....	76
3.4 UM QUEBRA CABEÇA SEM FIM.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS.....	105

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso é um estudo documental e bibliográfico, cujo objetivo consiste em discutir o Programa Lebensborn no contexto da Alemanha Nazista, enfatizando os efeitos à vida de crianças e jovens que dele fizeram parte. Assim, este estudo apoia-se nas memórias e impressões dos sujeitos que viveram na pele este contexto, quando foram retirados de seu seio familiar e viveram com outra família. Essa experiência que fez parte da vida de muitas crianças é retratada a partir das memórias produzidas por Ingrid Von Oelhafen ou Érika Matko¹, registradas no livro “As crianças esquecidas de Hitler - a verdadeira história do Programa Lebensborn”, publicado em 2016 sob autoria de Ingrid Oelhafen e com a colaboração do escritor Tim Tate.²

Lebensborn foi a materialização de um dos ideais de Hitler e de Himmler³ para dar conta do exército alemão de mil anos, pois a taxa de natalidade alemã estava muito baixa e com isso foram criados decretos e portarias definindo que moças alemãs de “bom sangue” poderiam se envolver com soldados alemães em apenas uma noite (caso quisessem) nas Casas Lebensborn e que a Alemanha daria total apoio a essas mães, pois elas estariam auxiliando a vitória do Terceiro Reich e aumentando as forças de suas tropas.

Entretanto, o Programa Lebensborn não teve o impacto esperado, sendo que alguns membros da alta cúpula nazista eram contra essa experiência, que se caracterizava como uma espécie de poligamia nas suas relações. Assim, essas casas foram consideradas como prostíbulos. Fracassada essa ideia inicial, o grupo do poder alemão alterou a organização do projeto. Ao invés de serem geradas crianças consideradas puras a partir de soldados e moças alemães, passou a buscar crianças de outras famílias e de outros países para constituir a tão sonhada legião de pureza racial. Desse modo, foi decretado que se crianças, de territórios

¹Dois nomes, pois a mesma foi registrada em seu país de origem como Eika Matko e após o sequestro e ser dada para outra família assumiu o nome de Ingrid Von Olhafen, mas em seus documentos sempre estivera registrada pelo primeiro nome.

²Esse livro foi escrito em 2016, após muitos anos em que Ingrid Oelhafen realizou busca por suas origens. Os detalhes desse acontecimento serão descritos no terceiro capítulo.

³Heinrich Himmler- ex-*Reichsführer-SS* e chefe da polícia alemã, comandante do Exército de Reserva da *Whrmacht* (Forças Armadas) e ministro do interior do Reich, sendo também o idealizador de Lebensborn (fonte de vida) (LONGERICH, 2003, p. 01).

inimigos vencidos, apresentassem as características de nórdicos “puros”, tais como cor da pele e cabelo, seriam retiradas de suas famílias biológicas e alocadas nas Casas Lebensborn a fim de realizar um processo de germanização, sendo, após isso, entregues a famílias dispostas a acolherem em seus lares.

Nesse contexto, Ingrid Von Oelhafen e muitas outras crianças foram sequestradas de suas famílias, de seus países; elas tiveram todos seus antigos registros apagados e se tornaram filhas e filhos do Programa Lebensborn; a história desse programa mostra as feridas causadas nas crianças que hoje já são idosos, mas que não se esqueceram da falta de amor, de ternura e afetividade, pois elas se percebiam como diferentes junto com as suas famílias adotivas e se viam muitas vezes não compactuar com suas ideias, se sentiam mal, por serem deixadas de lado e de uma forma triste essas crianças tiveram de fato sua infância roubada, bem como sua nacionalidade e a sua identidade, para atender a um ideal nazista que não objetivava o bem estar destas crianças, mas atender a números, para que o exército do *Führer* se perpetuasse por muitas gerações.

Além dessa obra de Ingrid Oelhafen, dialogamos com a produção acadêmica que trata do holocausto nazista⁴. Assim, esta pesquisa visa contribuir com o conhecimento desse programa ainda pouco estudado. Esse programa deve ser entendido no contexto de uma política de avanço do Nazismo, pois segundo Von Oelhafen e Tate (2016, p. 09):

Sangue. Toda a história é permeada de sangue. Sangue de rapazes derramado nos campos de batalha; sangue de civis- velhos e jovens homens e mulheres - que escorreu na sarjeta de cidades, em vilas e aldeias pela Europa; sangue de milhões de pessoas dizimadas nos pogroms e campos de extermínio do Holocausto.

Essa narrativa de Von Oelhafen e Tate encontra sustentação na obra “Os carrascos voluntários de Hitler”, de Daniel Jonah Goldhagen, em particular quando ele diz que:

A inevitabilidade do conflito entre judeus e alemães e as ininterruptas tentativas judaicas de dominar e destruir a Alemanha eram inerentes a essa

⁴O Holocausto é uma tragédia judaica (e de outras minorias, em diferentes escalas) e questão humana, tido por alguns como irrepresentável em sua absoluta excepcionalidade e singularidade (e, nesse sentido é uma tragédia) (LEWGOY, 2010, p. 51).

conceituação racial do Volk que se firmou na última parte do século XIX. A ausência de outra opção que não fosse depreciar os judeus estava implícita na descrição arquetípica da ideologia antisemita disseminada em 1877 (GOLDHAGEN, 1997, p. 80)

O diálogo com o livro de Von Oelhafen e Tate, principal fonte dessa pesquisa e a leitura da obra de Goldhagen nos obrigaram a buscar outras produções existentes. Assim, realizamos pesquisa no banco teses da CAPES e no Google acadêmico com o descritor Alemanha Nazista, cujo resultado foi à indicação de milhares de pesquisas. Depois, fizemos um recorte mais específico a partir do termo Holocausto Nazista, chegando a um conjunto muito menor de produção, pois surgiram 380 títulos, entre dissertações e teses que tratam em alguns de seus fragmentos ou subcapítulos, do Programa Lebensborn. Mas, quando a busca se intitula apenas com o descritor Lebensborn ou Programa Lebensborn não apareceu nenhum trabalho. Dessa forma, observamos a importância de uma discussão mais específica e detalhada sobre essa questão, buscando compreendê-la, indicando as origens desse programa, sua ideia e em qual contexto foi pensado e arquitetado.

Desse modo, o caminho de análise seguiu as pistas do livro “As crianças esquecidas de Hitler - a verdadeira história do projeto Lebensborn”, que consiste na fonte primária. Ele se trata de um relato de memórias da história de Ingrid Von Oelhafen ou Érika Matko. Esses dois nomes indicam a dupla identidade da autora, resultado da sua inserção nesse programa, sendo retirada do seio de sua família no mês de agosto do ano de 1942, na antiga Iugoslávia. Ou seja, a metodologia de investigação orientou-se a partir do livro-memória de Von Oelhafen para explicitar o que foi o Programa Lebensborn e seguiu os estudos bibliográficos para entender o Nazismo e o sentido do holocausto.

A ausência de pesquisa que retratam o Programa Lebensborn nos motivou a dialogar com a produção existente que discute experiências semelhantes que ocorreram no período da Ditadura da Argentina, pois lá muitas crianças foram sequestradas de seus pais biológicos e entregues a famílias adotivas. E, de modo parecido, essas crianças já adultas descobriram que não eram filhos dessas famílias e buscaram pistas de suas origens. No caso da Argentina, muitas crianças foram sequestradas. Uma delas se chama Elena Abinet, cujo próprio relato é bastante elucidativo:

Em 1986 eu tinha 10 anos e fui localizada graças a minha avó que se dedicou a me procurar. Em princípio ela procurava por meus pais, porque pensava que talvez que minha mãe não tinha chegado a dar à luz ao bebê que esperava. Mas logo que ela começou a ir ao encontro das Avós [da Praça de Maio], por sorte, me encontrou (ABINET, 2012 apud BISSOLI; SANTOS, 2014, p. 7).⁵

Esse depoimento está inscrito em um longo movimento de luta pela memória e por busca de desaparecidos na Argentina, conforme descreve Fabris:

De outra natureza é a operação que está na base da instalação coletiva Identidade, apresentada no Centro Cultural Recoleta, de Buenos Aires, entre 19 de novembro e 8 de dezembro de 1998. Contando com o apoio das Abuelas de Plaza de Mayo, 13 artistas envolvidos na causa dos direitos humanos (Carlos Alonso, Nora Aslan, Mireya Baglietto, Remo Bianchedi, Diana Dowek, León Ferrari, Rosana Fuertes, Carlos Gorriarena, Adolfo Nigro, Luis Felipe Noé, Daniel Ontiveros, Juan Carlos Romero e Marcia Schvartz) conceberam uma árvore genealógica peculiar, integrada pelas fotografias de casais desaparecidos, intercaladas por um espelho e informações biográficas. O primeiro objetivo da proposta era localizar crianças nascidas em cativeiro, que poderiam deparar com a própria história familiar ao visitarem a mostra, cuja localização num centro cultural não era casual. Este se tornava o cenário de uma informação ativa e, logo, um espaço de transformação, cuja eficácia repousava no impacto visual provocado no espectador. As fotografias ampliadas para proporcionar uma comunicação imediata e os espelhos concebidos como dispositivos reprodutores envolviam os visitantes na experiência de uma situação presente. Afinal, seus rostos passavam a integrar o drama dos desaparecidos, atestando o acerto estético-político da proposta, que colaborou no processo de devolução de identidade a crianças sequestradas pela ditadura (FABRIS, 2017, p. 268).

Os estudos que tratam da Argentina estão próximos à experiência relatada por Von Oelhafen, pois trabalhamos com as memórias de uma sobrevivente e com o seu relato acerca de acontecimentos de sua vida. Assim, torna-se necessária alguma indicação do que seja a utilização da memória como fonte da história, aproximando a situação de Lebensborn com esses casos da Ditadura Argentina.

A Ditadura Argentina ocorreu entre os anos de 1976 a 1983, quando muitos jovens, crianças e pessoas de diversas faixas etárias sumiram sem deixar rastros. Entretanto, os indivíduos presentes neste contexto não se eximiram das buscas dos entes queridos, destacando que na Argentina os familiares e grande parte da

⁵“En 1986, cuando tenía 10 años, fui localizada gracias a mi abuela que se dedicó a buscarme. En principio ella buscaba a mis viejos y pensaba que tal vez mi mamá no me había dado a la luz. Pero luego empezó a ir a Abuelas y por suerte me encontraron”. (BISSOLI; SANTOS, 2014 p. 7).

população, incluindo ONG's e demais órgãos não governamentais, buscaram localizar com todos os seus meios disponíveis aqueles que desapareceram. E esses indivíduos utilizaram-se principalmente da fonte da memória, como fotos, pertences e outros objetos dos desaparecidos.

Fabris (2017, p. 264):

Únicas formas de oposição à ditadura em nome não de uma ideologia partidária ou política, e sim da defesa da liberdade, da vida e dos direitos fundamentais, as duas associações lançam mão de retratos dos desaparecidos, a fim de comprovar a existência concreta de pessoas, cujas fotografias haviam sido roubadas das casas dos familiares por forças-tarefas militares ou destruídas durante a detenção por agentes governamentais. Em ambos os casos, havia a crença de que o desaparecimento das evidências documentais de uma vida permitiria negar a existência de um determinado indivíduo. Ao desafiarem essa ação do Estado, as mães transformam os próprios corpos em arquivos, “preservando e exibindo as imagens que haviam sido alvo de uma tentativa de apagamento”.

Com essas manifestações, as mães e familiares tinham a tentativa de não deixar se apagar a memória daqueles desaparecidos com o tempo, bem como, lutavam contra o Estado que, além de usar de seus artifícios de coerção pela força para o desaparecimento destas pessoas, colocava nos meios de comunicação de massas que este fato era inexistente. Mas essas mães, avós e demais pessoas, iam ao confronto, sustentado que houve o rapto, a tortura, o desaparecimento e a morte de seus entes queridos e utilizando-se das passeatas e dos documentos como uma ferramenta de sua memória e de luta.

Com essas manifestações ocorridas em solo argentino, algumas fundadoras das agremiações de busca e de fomento à memória dos desaparecidos, acabam por sofrer o mesmo fim que seus filhos e familiares, tal como ocorreu com Azucena Villaflor de Vicente e Esther de Carenga e Maria Ponce Bianco, todas desaparecem no mês de dezembro de 1977 (FABRIS, 2017). Contudo, os ocorridos com as mães dos desaparecidos, não deixaram que o movimento perdesse força e desta forma no mesmo ano, as demais componentes da agremiação realizaram uma marcha silenciosa em volta da pirâmide de Maio, para “reclamar” de certa forma ao Estado e ao governo ditatorial, que as mesmas têm voz e não deixariam que as memórias de vida de seus familiares fossem esquecidas pela história.

É importante observar que o ocorrido com essas mães na Argentina não reflete Lebensborn, pois boa parte do povo alemão foi cúmplice do programa, sabia de sua existência, mas não tomou um posicionamento contra o holocausto promovido pelos nazistas.

No último capítulo deste trabalho, será apresentado de acordo com o livro fonte que, a grande maioria da população apenas não acatou as determinações de Himmler para utilizarem as Casas Lebensborn, como locais de procriação de arianos puros. Porém, os mesmos alemães não se opuseram à utilização das casas para receberem as crianças oriundas dos raptos ocorridos em nações vizinhas.

Uma das táticas para manter viva a memória e a luta dos familiares dos desaparecidos argentinos, foi o pedido dos familiares a artistas plásticos para representação das silhuetas dos corpos dos mesmos, também utilizada na Alemanha após o holocausto para lembrarem os horrores de Auschwitz, como bem coloca Fabris (2017, p. 264-265):

Conscientes de que sua batalha tinha uma forte carga simbólica, os dois grupos recorrem ao auxílio de artistas visuais, organizando várias ações públicas, entre as quais o siluetazo, realizado em 21 e 22 de setembro de 1983. As Madres e Abuelas de Plaza de Mayo propõem que Rodolfo Aguerreberry, Julio Flores e Guillermo Kexel revejam a ideia de elaborar milhares de silhuetas dos desaparecidos dotadas de traços individuais. A ideia de utilizar silhuetas foi sugerida a Aguerreberry, Flores e Kexel pelo cartaz Cada dia em Auschwitz (1978), do artista polonês Jerzy Shapski, reproduzido no El Correo de la Unesco de outubro de 1978. A obra, que fazia referência aos mortos de Auschwitz, era constituída de 24 fileiras de pequenas silhuetas de mulheres, homens e crianças, acompanhadas pelo seguinte texto: “Cada dia em Auschwitz morriam 2370 pessoas, exatamente o número de figuras aqui reproduzidas”. O campo de concentração funcionou durante 1688 dias, e este é precisamente o número de exemplares impressos desse cartaz. Ao todo morreram no campo cerca de quatro milhões de seres humanos.

Com isso, as senhoras e mulheres engajadas na busca de seus familiares, por meio dessa arte e os demais movimentos mencionados lutavam para manter a memória e digamos uma “parte” da vida de seus entes queridos ainda viva, bem como, de se oporem aos horrores que estavam acontecendo em terras portenhas, como a matança e o desaparecimento de milhares de pessoas por pensarem e terem uma ideologia diferente do Estado e daquilo que este estava tentando colocar nos cidadãos deste período histórico.

Outras maneiras articuladas pelos familiares influentes da comunidade argentina foi o de publicitar o desaparecimento de seus entes queridos, realizando publicações em jornais e cartazes. O anúncio com as denúncias e busca por notícias dos desaparecidos mantinham viva a imagem destas pessoas e a busca por maiores informações do que ocorreu durante o período ditatorial e de desaparecimento de pessoas.

O anúncio de pessoas desaparecidas, por sua vez, é um ato claramente público, que se dirige a toda a sociedade, na esperança de que alguém tenha notícias sobre quem está sendo procurado. Não se pode esquecer ainda de que a publicação dos recordatórios⁶ corresponde a uma denúncia pública, já que, várias vezes, são mencionados os nomes dos responsáveis pelos desaparecimentos. Mesmo quando isso não é possível, a simples publicação do anúncio é um ato de acusação contra a ditadura militar. Se, nessa perspectiva, o recordatório desempenha suas funções de maneira complexa, é inegável, porém, que ele é um campo de memória ativa, uma ferida aberta, a indicar a inexistência de um efetivo trabalho de luto (FABRIS, 2017, p. 267).

O anúncio também tem o caráter de denunciador do que ocorreu com essas pessoas, uma busca pela sua vida; algo similar que podemos tomar como nota, é o trabalho desenvolvido por Otto Frank⁷, no museu de Anne Frank, uma ferramenta que visa não só o esclarecimento do holocausto aos olhos das pessoas/turistas e visitantes, mas também uma constante denúncia ao Reich de Adolf Hitler.

Contudo, o anúncio diferentemente do obituário traz um sentimento de angústia para as famílias, pois é uma constante busca por informações acerca de seu paradeiro, ou ao menos uma busca pelo corpo daqueles que estão sumidos; sabe-se que em muitos dos casos, apesar de manter a memória ainda viva e revivendo-a sempre que possível, os mesmos estão mortos, ainda mais, se tratando de um período em que se queria calar todos aqueles considerados como terroristas ou inimigos da pátria pelo Estado.

A ausência do corpo leva o familiar do desaparecido a conviver simultaneamente com a negação da vida e a negação da morte. Instaura-se, assim, “uma presença latente”, associada à esperança de, um dia, conseguir realizar o ritual de passagem com a cerimônia de sepultamento. Sem viver uma situação de luto efetivo, o familiar experimenta “uma sensação de ausência” insolúvel, que não lhe permite aceitar

⁶Recordatórios é um termo muito utilizado no artigo em questão, e em sua tradução literal para o português é equivalente ao termo lembrança.

⁷Museu ou Casa de Anne Frank é um museu bibliográfico localizado na capital dos países baixos em Amsterdã.

adequadamente a perda sofrida. A dimensão do “presente que não se resolve” está na base das reivindicações dos recordatorios e da negação de qualquer possibilidade de reconciliação ou perdão para os algozes (FABRIS, 2017, p. 268).

Com a contribuição acima é bastante nítido o sentimento desses familiares e um dos principais objetivos de sua busca, que não é apenas uma luta travada contra as ações de um Estado ditatorial, mas também uma busca constante pela paz, que somente se daria com o paradeiro daquele que se foi (mesmo que seja a localização de seu corpo).

Algo que também era realizado após a Segunda Guerra na Alemanha que foram às buscas constantes dos libertos dos campos, revisitando suas antigas casas e países, mas muitas das vezes sem boas notícias. Isso também se tornou a rotina dos filhos de Lebensborn (após estes saberem as suas verdadeiras origens), pois se puseram à busca por informações de suas verdadeiras origens na Cruz Vermelha e demais órgãos, a luta por localizar suas verdadeiras famílias, suas raízes e seus países, algo que para muitos até a atualidade ainda permanece nebuloso.

Fabris, em seu trabalho, também traz a questão daqueles filhos nascidos em cativeiros pela ditadura argentina, coloca suas angústias e suas buscas pelos verdadeiros familiares, como se pode observar abaixo:

De outra natureza é a operação que está na base da instalação coletiva Identidade, apresentada no Centro Cultural Recoleta, de Buenos Aires, entre 19 de novembro e 8 de dezembro de 1998. Contando com o apoio das Abuelas de Plaza de Mayo, 13 artistas envolvidos na causa dos direitos humanos (Carlos Alonso, Nora Aslan, Mireya Baglietto, Remo Bianchedi, Diana Dowek, León Ferrari, Rosana Fuertes, Carlos Gorriarena, Adolfo Nigro, Luis Felipe Noé, Daniel Ontiveros, Juan Carlos Romero e Marcia Schvartz) conceberam uma árvore genealógica peculiar, integrada pelas fotografias de casais desaparecidos, intercaladas por um espelho e informações biográficas. O primeiro objetivo da proposta era localizar crianças nascidas em cativeiro, que poderiam deparar com a própria história familiar ao visitarem a mostra, cuja localização num centro cultural não era casual. Este tornava-se o cenário de uma informação ativa e, logo, um espaço de transformação, cuja eficácia repousava no impacto visual provocado no espectador. As fotografias ampliadas para proporcionar uma comunicação imediata e os espelhos concebidos como dispositivos reprodutores envolviam os visitantes na experiência de uma situação presente. Afinal, seus rostos passavam a integrar o drama dos desaparecidos, atestando o acerto estético-político da proposta, que colaborou no processo de devolução de identidade a crianças sequestradas pela ditadura (FABRIS, 2017, p. 268).

Percebe-se que a ditadura instaurada, também, raptou crianças, pais e filhos durante o seu período e que a fotografia dos familiares foi a principal ferramenta de busca para a localização destes, durante e após a ditadura. Essas fotografias, juntamente com os atos, os anúncios e a busca constante dos familiares integram a questão da viva memória dos desaparecidos, e que eles não seriam esquecidos, pois diferentemente dos adultos e senhores, as crianças tidas em cativeiro poderiam ser localizadas, poderiam estar à salvo em outros lares, ou orfanatos das redondezas.

A relação estabelecida entre Lebensborn e a situação da Argentina nos permite precisar nosso próprio trabalho de pesquisa. Trata-se de uma investigação dos casos de sequestro de crianças no período do Nazismo alemão, tomando as memórias de Ingrid Von Oelhafen como fonte de pesquisa. Esclarecido esse ponto da memória e a sua importância para a organização do trabalho, bem como, a sua relação com o ocorrido na Argentina, Lebensborn se torna um objeto de estudo mensurável, pois esse acontecimento de raptos e sumiços de crianças e jovens não ocorreram apenas no Reich Nazista.

O caminho percorrido ao longo deste trabalho toma um olhar acerca das memórias de Ingrid Von Oelhafen (para todos os efeitos utilizaremos o nome desta personagem como Ingrid Von Oelhafen, mas é de suma importância considerar a sua dupla identidade). O conceito de memória é polissêmico, conforme sintetizam Kalina Silva e Maciel Silva no Dicionário de conceitos históricos (2005). Nessa obra, esses autores assinalam a definição de Le Goff, ao resumirem que “[...] a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedades que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas” (SILVA; SILVA, 2005, p. 275). Além disso, esses dois autores, retratam a partir de Maurice Halbwachs, a relação entre memória individual e memória coletiva, aspecto importante desse trabalho, pois partimos das memórias registradas por Ingrid Von Oelhafen, mas para tomá-las como expressão, também, de memórias coletivas, isto é, de muitas crianças que foram sequestradas no contexto do Nazismo. Na síntese dos dois autores, “[...] a forma de maior interesse para o historiador é a memória coletiva, composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas,

mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo” (SILVA; SILVA, 2005, p. 276).

Assim, e por meio dessas memórias que o texto se ampara e é construído, pois em se tratando de Lebensborn as marcas deixadas em todos os sobreviventes é uma constante. O que deve ser ressaltado, inicialmente, é que esta pesquisa está dentro de várias outras investigações que retratam esse contexto do holocausto, porém foca nos desdobramentos do Programa Lebensborn. Desse modo, ao longo dos capítulos e subcapítulos desta monografia, buscamos trazer informações que tratam da Alemanha Nazista, descrevendo a proliferação do antissemitismo⁸, a ascensão dos nazistas ao poder, a institucionalização de aparelhos de combate aos judeus e divulgação do antissemitismo (capítulo 1). Em seguida, privilegiamos um olhar que trate do Nazismo e as questões da eugenia, seja a ideia de uma política de extermínio de judeus (eugenia negativa) ou a defesa de novas gerações puras (eugenia positiva), bem como a reorganização da educação alemã a partir de mudanças nos fundamentos ideológicos e na alteração do próprio currículo (capítulo 2). Por último, o Programa Lebensborn é discutido, em pormenores, na tentativa de mostrar como essa ação estava associada ao projeto político do nazismo, em particular com a eugenia positiva, isto é, a constituição de uma nova geração considerada pura.

Em síntese, ressaltamos a importância deste tema em nossa atual sociedade, pois estamos em um contexto de crescimento de políticas de combate e tentativa de segregação de minorias, de imigrantes, seja nos países da Europa, da América do Norte, da América Latina, no Oriente e, em particular, no Brasil. Assim, esta pesquisa tem uma pretensão acadêmica ao tratar do Programa Lebensborn que é pouco conhecido, mas também tem um sentido ético-político, pois traz à discussão uma das grandes expressões de negação das condições da humanidade, aspecto que precisa ser continuamente discutido.

⁸O antissemitismo é um conceito relativamente moderno, surgido em 1879, criado por Wilhem Marr, um teórico alemão que pretendia diferenciar as formas negativas de relacionamento do corpo social maior, laico e nacional, com os judeus, das modalidades de ódio aos judeus próprias das organizações sociais religiosas que anteriormente eram chamadas de judenhass – “ódio aos judeus” (MALDELBAUM, 2012, p.230).

1. A ALEMANHA NAZISTA

Inicialmente cabe destacar que este capítulo apoia-se na obra de Goldhagen “Os Carrascos Voluntários de Hitler”, bem como nos demais artigos e fontes que possam auxiliar na compreensão da Alemanha Nazista, como os seus antecedentes ao holocausto propriamente dito. Assim, são analisados os antecedentes da Alemanha e da Europa, como também se pretende mapear as bases desse antissemitismo, o qual se originou muito antes do Hitler e do Nacional-Socialismo.

1.1 Antecedentes de uma Alemanha antissemita

Como bem destaca Goldhagen (1997, p. 49) é possível classificar em três noções as bases do antissemitismo alemão:

- 1) A existência do antissemitismo e o conteúdo das acusações antissemitas contra os judeus devem ser entendidos como expressão de cultura não judaica e não são, fundamentalmente, uma resposta a qualquer avaliação objetiva da ação judaica, ainda que características reais dos judeus e aspectos de conflitos realistas estejam incorporados à litania antissemita.
- 2) O antissemitismo tem sido uma característica permanente na civilização cristã (certamente após o início das Cruzadas), mesmo durante o século XX.
- 3) O grau amplamente diverso da expressão antissemita em diferentes momentos de um período de tempo delimitado (digamos que, entre vinte e cinquenta anos), e uma sociedade em particular, não é resultado do surgimento e desaparecimento do antissemitismo, de um número maior ou menor de pessoas sendo ou tornando-se antissemita, mas de um antissemitismo em geral, constante, que se torna mais ou menos manifesto, devido principalmente a alteração das condições sociais que encorajam ou desencorajam a expressão do antissemitismo pessoal.

Nesta pesquisa, utilizamos, principalmente, a terceira proposição, pois, tem-se a percepção de que as origens desse antissemitismo vão muito além de dogmas e valores morais, mas sim estão enraizados em valores religiosos, culturais e políticos. A acusação dos cristãos aos judeus é que esses negaram Jesus Cristo, sendo colocados ao mesmo patamar de demônios na sociedade. Pois, como bem nos esclarece Goldhagen (1997), esse antissemitismo é de construção social, sendo passado de geração a geração; pessoas que nunca viram judeus acreditam que esses são agentes do demônio, inimigos de tudo o que é bom no mundo; são

responsabilizados por todo o mal recorrente na sociedade, pois querem dominar essa sociedade e destruí-la.

Pode-se destacar, segundo Goldhagen, que as origens ainda mais remotas do antissemitismo tenham sido na Inglaterra durante os anos de 1290 e 1256; nesse período, milhares de judeus foram expulsos a partir de uma campanha, mesmo que na maior parte desse tempo a Inglaterra estivesse praticamente sem Judeus em sua jurisdição; permaneceu por mais de quatrocentos anos a imagem desses judeus demonizados em sua cultura, pois aqui, podemos compreender o antissemitismo com relações religiosas, a partir de um sistema de crenças que é transmitido pela igreja e pelos valores morais de cada momento da sociedade.

A imagem não se tratava do judeu em si, mas do próprio antissemitismo.

Poderes sobrenaturais, que realizavam conspirações internacionais e a habilidade de fazer naufragar economias; utilização de sangue de crianças cristãs em seus rituais, até mesmo assassinando para obter seu sangue; aliança com o demônio; controle simultâneo sobre o capital internacional e o bolchevismo. Com isso, com o antissemitismo vai em busca, fundamentalmente, de fontes culturais independentes da natureza dos judeus e de suas ações, e os próprios judeus passam a ser definidos por noções culturalmente derivadas de imposições antissemitas (GOLDHAGEN, 1997 p. 49, grifo nosso).

Com essa explicação torna-se bastante nítida a questão dos judeus, o preconceito enfrentado por eles mesmo em terras antissemitas, nas quais já havia uma rotulação; cabe um destaque que esses rótulos impressos já estavam colados antes mesmo de Hitler, e do holocausto ocorrer, mas foi esta corrente de pensamento cultural de enxergar este povo que auxiliou na disseminação de ódio e do holocausto produzidos por Hitler e sua cúpula.

O preconceito já era existente desde a Idade Média e estava presente, em alguns momentos de nossa sociedade ora modo mais forte e em outros, mais calmo. Uma das causas do antissemitismo colocadas em xeque por Goldhagen são as questões econômicas, pois este autor em seu livro exemplifica: judeus que habitavam outras partes do globo, tais como África e Ásia eram portadores de riquezas, mas nem por isso tinham perseguições e acusações por serem judeus. O conflito econômico não pode ser a principal fonte do antissemitismo, que, historicamente, traz quase sempre acusações alucinatórias em sua essência. E

como já destacado, anteriormente, o antissemitismo e as suas bases nada têm a ver com as ações dos judeus, mas sim das questões culturais, religiosas e políticas.

Pessoas que nunca viram ou conviveram com judeus têm acreditado, século após século, que eles são inimigos de tudo aquilo que possa vir a ser bom, bem como eram também responsáveis por tudo de mal que ocorria na sociedade e que os mesmos queriam destruir essa sociedade. Um dos exemplos é a questão dos ingleses:

Durante quase quatro séculos o povo inglês raramente entrou em contato com os judeus de carne e osso, se é que o fez. Mesmo assim, considerava-os um execrável grupo de usuários que, em parceria com o Demônio, recebia a culpa por todo crime capaz de ser idealizado pela imaginação popular (GOLDHAGEN, 1997, p. 51-52).

Uma das questões obtidas em dados históricos, que realmente assustam é que, mesmo antes de Hitler e do Nazismo os judeus já eram perseguidos e isolados, pois como nos esclarece Goldhagen (1997, p. 52):

Os judeus foram sempre segregados em guetos pelos cristãos e tiveram suas atividades restritas por leis e costumes opressivos. Foram isolados social e fisicamente dos cristãos. O antissemitismo cristão não era baseado em nenhuma familiaridade com os judeus reais. E não poderia ter sido diferente. Da mesma forma, é pouco provável que antissemitas virulentos da Alemanha da República de Weimar e do período Nazista tivessem tido contato com os judeus. Áreas inteiras da Alemanha praticamente não abrigavam judeus, já que estes representavam menos de 1% da população alemã e 70% dessa pequena porcentagem vivia em grandes áreas urbanas.

Portanto, o que cabe destacar é que as bases do antissemitismo alemão não se deram pelo contato com o povo judeu, mas sim a partir de representações negativas construídas. O preconceito e o antissemitismo estão presentes e enraizados na cultura ocidental.

Uma das questões que podem ser destacadas é a versatilidade do antissemitismo alemão e de certa forma europeu, que em dadas épocas da sociedade era mais forte e em outras um pouco menos e quase sumia, mas foi algo que ressurgiu na ascensão de Hitler e do Nazismo como veremos, mas o que cabe destacar, inicialmente, é que apesar da versatilidade do preconceito o mesmo nunca desapareceu da sociedade.

Um segundo ponto central para poder se compreender a questão do antissemitismo europeu é a ordem moral da sociedade, o conceito de moralidade que ali estava permeado, pois como ressalta Goldhagen (1997, p. 53):

A necessidade subjacente de pensar mal dos judeus, de odiá-los para se obter um resultado dessa instância emocional, faz parte da techedura cristã, juntamente com a noção derivativa de que os judeus estão em oposição à ordem moral estabelecida pela cristandade. Sendo que, isso cria uma aptidão, uma abertura, se não uma disposição, para acreditar que os judeus são capazes de todos os atos odiosos possíveis.

Isto esclarece que, os judeus além de estarem contra toda e qualquer ordem moral da sociedade, ajudavam a mesma a ser destruída. Contudo, essa definição dos judeus contra a ordem moral é uma das armas mais poderosas contra esse povo, bem como uma das geradoras do antissemitismo; porém, junto com a ordem moral, têm-se também outras duas questões que auxiliam o antissemitismo e a sua perpetuação ao longo do século:

A primeira delas: as funções social e psicológica que a aversão ao judeu, uma vez oculta, desempenham na economia mental das pessoas reforça o antissemitismo em si, pois seu abandono obrigaria a uma desconfortável reconceituação da ordem social. E a segunda, os judeus ao longo da história têm sido alvos seguros de agressões verbais e físicas, incorrendo o antissemita em custos menores do que se dirigisse seus ataques a outros grupos e instituições da sociedade. Essas duas causas têm alicerçado os fundamentos da causa cristã, produzindo um ódio profundo e duradouro - fora de proporção com qualquer objetivo ou conflito social -, sem rival se comparado ao sofrido por outros grupos abominados na história ocidental (GOLDHAGEN, 1997, p. 53-54).

Com estas questões de origem e bases do antissemitismo abordadas e explicadas, torna-se mais compreensível a questão do nazismo e das perseguições aos judeus, pois para grande parte do senso comum e das pessoas essa filosofia de perseguição se originou com Hitler. Sem dúvida, com contexto alemão do século XX, a singularidade foi à extensão da perseguição que é denominada de holocausto. Entretanto, o que diferencia as raízes do antissemitismo cristão com os carrascos de Hitler é que apesar da igreja abominar os judeus, a mesma permitiu a vida deles mesmos, como bem salienta Goldhagen (1997); a igreja admitia o direito à vida e à prática de sua religião, com a ressalva da condenação a viverem em estado degradante, como punição pela rejeição a Jesus. O que também pode ser destacado

é que a igreja e o cristianismo permitiram aos judeus principalmente no início do período moderno na sociedade alemã a conversão dos mesmos, ou seja, em abandonar o judaísmo e se converterem ao cristianismo.

Cabe também destacar, ainda, que a partir da segunda metade do século XIX os judeus eram vistos na perspectiva de uma raça; e vistos dessa forma, os alemães os definiam da seguinte forma: tinham-se três noções básicas sobre este povo: o judeu era diferente do alemão, estava em oposição binária ao alemão e não era benignamente diferente, mas malevolente corrosivo (GOLDHAGEN, 1997). Contudo, é digno de nota que durante todo o século XIX houve movimentos para conceder aos judeus, nas legislações vigentes, o *status* de cidadãos alemães, mas a sua crença judaica deveria ser deixada de lado para que pudessem ter acesso a tal “privilégio”, e em outros momentos estes eram mais uma vez colocados à margem da sociedade, pois por terem sido considerados como uma raça os mesmos não podiam ser mudados, as suas características como judeus eram inatas ao seu desenvolvimento e desta forma como mencionado mais uma vez os mesmos vieram a ser desrespeitados e marginalizados dentro da sociedade.

De uma forma geral, cabe aqui ressaltar alguns pontos que nortearam a concepção dos judeus no século XIX e que tem relação com a formação da história alemã no século XX:

- 1) Desde o início do século XIX, o antissemitismo era ubíquo na Alemanha. Era seu “senso comum”.
- 2) A preocupação com os judeus tinha uma característica obsessiva;
- 3) Os judeus passaram a ser identificados como tudo o que era de errado na sociedade alemã e se tornaram um símbolo deste erro.
- 4) A imagem central dos judeus era a de seres malevolentes, poderosos e uma fonte intensa, se não a principal, dos infortúnios que assolavam a Alemanha. Por esse motivo, um perigo para o bem estar do país. Essa visão era diferente da ótica cristã medieval, que, embora os apontasse como sinônimos da maldade e fonte de grande ameaça, isolava os judeus em uma posição periférica. Diferentemente de seus antecessores medievais, os modernos antissemitas alemães diziam que não haveria paz na Terra enquanto os judeus não fossem eliminados.
- 5) O modelo cultural existente na segunda metade do século XIX girava em torno do conceito de “raça”.
- 6) Esse novo antissemitismo era singularmente violento em suas fantasias e possuía uma tendência para a concretização dessa violência.
- 7) Sua lógica era promover a “eliminação” dos judeus através de quaisquer meios necessários e possíveis, considerados os constrangimentos éticos predominantes (GOLDHAGEN, 1997, p. 89).

A partir dessa síntese dada pelo autor consegue-se, principalmente, observar os pontos centrais que estavam enraizados no antissemitismo alemão. Essa nova roupagem do antissemitismo se apega ao conceito de “raça”, condição que sustenta a ideia de que os judeus são imutáveis. Assim, passamos e apresentamos a ascensão nazista ao poder e como esse ódio à comunidade judaica foi colocado em prática.

1.2 A ascensão do Partido Nazista ao poder

Com o fim da Primeira Guerra e a derrota alemã, no ano de 1919 tem-se a reunião das grandes potências para a definição de vários tratados e acordos de paz, entre eles o de Versalhes; nesse tratado a Alemanha é culpabilizada por muitas questões da Guerra, além de sofrer uma “humilhação” aos seus olhos pelo então tratado, há ainda retaliações ao então país:

O Tratado de Versalhes assinado continha 440 artigos e constituía uma verdadeira condenação à Alemanha. Estipulava, entre outras coisas, cláusulas que a Alemanha deveria cumprir, tais como: Cláusulas Territoriais – Deveria entregar a Alsácia-Lorena à França, Eupen e Malmedy à Bélgica, a parte setentrional de Schleswig à Dinamarca e largos trechos da Posnânia e da Prússia Ocidental à Polônia; A França teria o direito sobre as minas de carvão de Sarre, ao passar quinze anos, a Alemanha poderia comprá-la novamente; A Polônia teria acesso ao mar via Dantzig pelo “corredor polonês”; Ceder as colônias aos vencedores sendo assegurado pela Liga das Nações. Cláusulas Militares – Reduzir o poderio militar dos seus exércitos a um máximo de 100 mil homens armados exclusivamente com armas leves; Vetado o direito de possuir armamento estratégico; A frota alemã seria entregue aos aliados; A margem esquerda do Reno seria ocupada, tendo manutenção de cinco em cinco anos, a fim de sua completa desmilitarização. A Cláusula Moral e Financeira – A Alemanha admitira a culpa pela eclosão da guerra, assumindo integralmente o fardo dos prejuízos que a guerra causou aos governos aliados e aos seus cidadãos. Pedindo pesadas reparações por conta da guerra, a importância de 33 bilhões de dólares. Tais imposições feitas sem rodeios à Alemanha, com suas cláusulas humilhantes, a fim de “domesticar” todos os germânicos por meio da palavra escrita, causou certa comoção entre as forças políticas. Formando assim uma incrível vontade da nação que reivindicava a rescisão das duras e injuriosas imposições do Tratado de Versalhes. (MONTEIRO, 2017, p. 28).

Com isso, temos também a contribuição de Rodrigues (1985), reproduzido por Monteiro (2017), que nos lembra: amputada por um tratado não discutido de 1/7 de seu território, de 1/10 de sua população, de suas forças armadas e de suas

colônias, a Alemanha passou a alimentar um violento ódio revanchista em relação aos aliados, notadamente à intransigente França.

Com isso, podemos salientar que o Tratado de Versalhes gerou o ódio e a vontade de uma revanche por parte de Alemanha, pois os mesmos se sentiam humilhados e depreciados com relação aos itens ancorados pelo tratado. Também com isso se tem uma transformação do Império alemão para a República de Weimar (Monteiro, 2017).

Salientamos ainda que, no governo republicano de Weimar no pós-guerra e com uma Alemanha devastada e em crise o novo governo vem com muitos desafios a serem vencidos; por uma República muito fragilizada, tanto pelas questões econômicas do momento, de muita pobreza, falta de emprego, greves, revoltas e manifestações, como também, um jogo político, como a tentativa do golpe soviético, como salienta Shirer (2008, p. 84 apud MONTEIRO, 2017, p. 29):

A revolução, porém, estava no ar em Berlim. A capital foi paralisada por uma greve geral. [...] a poucos quarteirões do *Reichstag*, os espartaquistas, chefiados pela socialista esquerdista Rosa Luxemburgo e por Karl Liebknecht preparavam-se [...] para proclamar uma república soviética. [...] Alguma coisa precisava ser feita imediatamente para frustrar o golpe dos espartaquistas. Scheidemann teve uma ideia. Sem consultar os camaradas, correu a janela que dava para a Königsplatz [...] e proclamou a república.

Com esta “proclamação da república” e uma nova forma de governar o então país, a mesma estaria nos moldes de uma democracia representativa, com o auxílio do parlamento em sua tomada de decisões pela nação. A então República de Weimar é promulgada no dia 11 de agosto do ano de 1919, na cidade de Weimar na Alemanha.

A respeito desta organização podemos contar com a colaboração de Monteiro (2017, p. 29) que descreve as seguintes características da então República:

O modelo seria bicameral, isto é, relativo a um sistema de duas câmaras sendo assim teria duas casas legislativas, o *Reichstag* (o Parlamento) e o *Reichsrat* (a Assembleia). Haveria também dois chefes da república, o chefe de Estado, o presidente, responsável pelas questões de Estado: como diplomacia, forças armadas, dentre outras, e o chefe de governo, o chanceler, responsável pela administração geral.

A assembleia geral desse parlamento estava constituída por socialistas e democratas-cristãos, como menciona Monteiro. O Reichspräsident⁹ teria consigo um mandato de sete anos, tendo inúmeros poderes consentidos, como retirar sem consulta prévia ao parlamento os direitos dos cidadãos; dava ao chanceler a chance de governar por decretos e leis, sem a devida consulta, ou seja, um grande poder, o qual em muitos momentos poderia retirar o voto e o poder parlamentar.

Contudo, nesse meio tempo de formação de República, nasce no ano de 1929, mais precisamente no dia 5 de Janeiro, na Capital de Munique o partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, do qual apenas se ouviria falar dois anos após a sua fundação, mas que anos mais tarde estaria no controle da nação. O jovem Adolf Hitler, com apenas 29 anos nessa época, vivendo em Munique, ingressa no partido como seu membro de número sete, como bem relembra Goldhagen (1997); logo após o seu ingresso, Hitler foi designado ao setor de propaganda do partido.

O declínio da República Weimar realmente tomou forças no ano de 1929, com a grande crise americana e com a quebra da bolsa de valores de Nova York; com isso, a então Alemanha que estava controlada, voltou a viver momentos difíceis em sua história, com a taxa de desempregos voltando a números exorbitantes, a crise que no ano de 1931 levava a quebra de bancos alemães, e em meio a todos esses tumultos houve a eleição alemã, na qual Hitler, já à frente do partido Nazista, ficou em segundo lugar; dessa forma o ex-marechal Hindenburg foi reeleito chanceler, conforme nos lembra de Monteiro (2017).

Com questões de tumulto causado pelo então Nacional-Socialismo de Adolf Hitler, o novo governo revogou medidas para conter as formações paramilitares do então partido e desta forma, Hitler o tolerou no poder (MONTEIRO, 2017). Contudo, após a demissão do chanceler alemão Von Papen, Hitler é acionado para o cargo pelo então presidente Hindenburg. Nesse contexto, Shirer (2008, p. 208 apud MONTEIRO, 2017, p. 32) observa que:

Enquanto o ano de 1931 transcorria cheio de dificuldades, com mais de cinco milhões de assalariados sem trabalho, com a classe média enfrentando a ruína, os agricultores impossibilitados de pagar suas hipotecas, o Parlamento paralisado, o governo estrebuchando, o presidente

⁹ Nomenclatura dada ao presidente alemão.

de 84 anos rapidamente mergulhado na confusão da senilidade, uma confiança, de que eles não teriam muito que esperar, enchia os peitos dos cabeças nazistas.

Com toda essa situação no parlamento alemão, Hitler e sua cúpula nazista iniciam a sua ascensão, das quais temos algumas promessas trazidas pelos mesmos que eram:

A total ruptura com todas as sanções e injúrias impostas pelo Tratado de Versalhes, a remilitarização da pátria e a recuperação do antigo prestígio da época do II Reich Alemão. A notoriedade que Hitler possuía e exercia no início dos anos 1930 fez com que Hindenburg, Presidente da República, o nomeasse chanceler em lugar de Papen. Com a morte do presidente marechal em 1934, Hitler assumiu também os poderes de chefe de Estado, tornando-se senhor das forças armadas da Alemanha e levando o país rumo ao totalitarismo do III Reich, pondo fim à República de Weimar definitivamente, fato que logo seria revelado como um dos grandes passos rumo à Segunda Guerra Mundial (MONTEIRO, 2017, p. 32-33).

Com essa contribuição, percebe-se que no ano de 1934, após 15 anos a República de Weimar chega ao fim, pois com a chegada do partido Nacional-Socialista ao poder; com inúmeras promessas e uma grande perseguição aos judeus que seria vista logo após a tomada de poder, com discursos inflamados de ódio e permeados de um nacionalismo extremo e perseguição a todos aqueles que viam com ideias ou ideais contrários aos que estavam sendo impostos ao todo.

Com a ascensão do partido Nazista e a chegada de Hitler ao poder, ele se aproveitou dos momentos de crise para inflamar a sociedade e se construir como um líder para o governo alemão; cabe aqui perceber as bases deste partido e de seu ideário que eram:

A destruição da democracia de Weimar, a revisão do tratado de Versalhes, ao revanchismo, antibolchevismo, militarismo e, de forma especial e implacável, ao antissemitismo. Os judeus, como repetiam obsessivamente Hitler e os nazistas, eram vistos como a causa primordial de todas as demais aflições da Alemanha, incluindo a derrota na guerra, a extirpação do poder Alemão pela imposição da democracia, a ameaça representada pelo bolchevismo, as descontinuidades e desorientações da modernidade e mais. O programa de 25 pontos do partido, promulgado em fevereiro de 1920 e jamais alterado, incluía em muitos deles ataques aos judeus e pedia sua exclusão da sociedade e das instituições alemãs, assim como o fim de sua influência. O item de número quatro dispunha: “Só membros da nação podem ser cidadãos do Estado. Apenas aqueles com sangue alemão, qualquer que seja seu credo, podem ser membros da nação. Consequentemente, nenhum judeu pode ser membro da nação” (GOLDHAGEN, 1997, p. 97).

No início de sua formação, racista, extremista e de ódio aos judeus, o palco de Hitler para a sua oratória ocorreu durante o *putsch* na cervejaria nos dias oito e nove de novembro do ano de 1923, quando os seus seguidores que formavam um número de no máximo três mil membros tentaram derrubar a República de Weimar (GOLDHAGEN, 1997). Esse episódio rendeu a Hitler, além de um primeiro palanque para colocar em prática as suas ideias absurdas, um período de nove meses em cárcere, quando o mesmo aproveitou para se dedicar a escrita de sua obra - *MEIN KAMPF*, colocando nesse livro de memórias a sua filosofia e visão de mundo, bem como representando a si mesmo como visionário, um grande estrategista e um líder nato, que poderia oferecer aos seus compatriotas alemães uma “Nova Alemanha”, pois como bem salienta Goldhagen (1997), “seria racialmente harmoniosa, purgada de conflitos de classe e, especialmente dos judeus”.

O princípio fundamental desse “grande líder” era o ódio aos judeus, pois o mesmo escreve em seu livro que:

Hoje não são amantes de príncipes e princesas que disputam e barganham as fronteiras dos Estados; é o judeu implacável que luta para dominar as nações. Nenhuma nação pode tirar essas mãos de sua garganta exceto pela espada. Somente o poder conjunto e concentrado de uma paixão nacional erguendo-se até o limite de suas forças pode desafiar a escravização internacional dos povos. Tal processo é e continuará sendo sangrento (HITLER, 1983 apud GOLDHAGEN, 1997, p. 98).

Ao sair de seu encarceramento, tanto Hitler como o seu partido viveram anos de muita glória, pois devido aos fatores já mencionados, neste item, já no ano de 1930 o partido conseguiu mais de 18% dos votos com mais de 6,4 milhões de votos, dos quais lhes garantiram 107 das 577 cadeiras do *Reichstag*, e assim tornando-se o segundo maior partido alemão. Em 1932, esse número praticamente dobrou em todos os sentidos, pois teve nas eleições um sucesso de 37,4% dos votos, com mais de 13 milhões de alemães acreditando na ideologia nazista e entregando de certa forma a Hitler os seus destinos; os Nacionais-Socialistas já ocupavam mais de 230 cadeiras no *Reichstag* e dando a Hitler, posteriormente, como já mencionado o posto de Chanceler Alemão.

A história e os relatos mostram que muitos dos alemães que votarem no partido do futuro *Führer* alemão, consideravam o mesmo e o seu partido uma das

únicas forças capazes de restaurar na Alemanha, a sua ordem e a paz social, bem como, derrotar os inimigos alemães e restaurar o *status* do país como uma grande potência mundial. O que fica bastante claro disso é que tanto o povo alemão como Hitler, além de terem as suas bases antissemitas como já foi discutido anteriormente, não se conformavam com o seu país ter perdido a primeira grande Guerra e queriam de certa forma uma revanche a tudo o que ocorreu em particular ao tratado de Versalhes e que esse fosse desfeito, que a sua terra voltasse a ser considerada mundialmente como a melhor; isto se torna claro pelos discursos de Hitler, pela defesa da eugenia alemã (tópico esse que será discutido mais à frente, a questão do sangue nórdico, dos poderosos e do trono de direito que os alemães possuíam ao mundo).

Ao assumir a chancelaria, Hitler promoveu uma última eleição nacional, no dia 5 de março de 1933, sobre a qual se pode destacar que:

Difícilmente esse pleito poderia ser considerado livre e justo (o Partido Comunista era ilegal e havia extensa intimidação aos opositoristas). Apesar dessas táticas antidemocráticas e da violência deferida pelos nazistas contra judeus e esquerdistas, o apoio eleitoral não cessou de crescer, aumentando para 17 milhões de eleitores, isto é, 43,9% do total de votantes. Nesse período, Hitler efetivamente aboliu as liberdades civis na Alemanha, a República de Weimar e qualquer mecanismo capaz de dissuadi-lo de usar violência. Os nazistas estavam no poder e podiam começar a colocar em prática o programa revolucionário de Hitler (GOLDHAGEN, 1997, p. 99).

Com isso, temos instaurada a ascensão nazista ao poder. Conforme salienta Goldhagen (1997), não teve muitas dificuldades para persuadir a grande maioria da população contra os judeus, pois esse antissemitismo já estava enraizado; Hitler e sua cúpula institucionalizaram a política de extermínio desse grupo. Portanto, o que é válido para destaque é o caminho seguido por Hitler, desde a sua prisão até a chegada ao poder; desde o momento em que o Partido Nazista estava com menos de 20 homens e terminar com quase 50% da população alemã ao seu favor e de promover um governo sangrento.

1.3 Regime Nazista e o aprofundamento do antissemitismo na Alemanha

Além da chegada dos Nazistas ao poder e a visão central baseada em uma proliferação do antissemitismo, Hitler, também, propõe objetivos para diminuir a luta de classes dentro da Alemanha, bem como reorganizar os trabalhadores, como bem salienta Koch: “[...] trabalhadores e empregados marchavam sob a mesma bandeira, usando o mesmo uniforme e visando o mesmo objetivo” (KOCH, 1972 apud MONTEIRO, 2017, p. 46). Também vale ressaltar um discurso, oriundo do próprio *Führer* no qual salienta que:

Vocês representam o grande ideal, e sabemos disso por milhões de nossos compatriotas que o conceito de trabalho não mais será um conceito de divisão, mas sim de união, e que não mais haverá alguém na Alemanha, que olhará o trabalho do campo com menos importância do que qualquer outro (HITLER, 1934 apud MONTEIRO, 2017, p. 46).

Essa noção de igualdade do sistema alemão se reproduzia na educação alemã desse período, trazendo o igualitarismo entre todos os alemães, o que não se era pregado aos considerados sub-humanos; nos sistemas escolares da juventude hitlerista pregavam-se esses valores da igualdade entre os alemães, a sua supremacia entre as demais raças e, principalmente, um antissemitismo.

Partindo desses discursos da igualdade e unificação de uma melhor Alemanha tinha-se nesse período, muito fortemente também a questão do higienismo nacional que, como bem nos coloca (MONTEIRO, 2017), era uma seleção feita pelo Estado dos seres humanos com melhores capacidades intelectuais, morais e físicas para produzirem a próxima geração forte e capaz para as fileiras da nação; questão essa da reprodução alemã e do exército de mil anos de Hitler que será mais amplamente discutida no capítulo três, mas o que cabe aqui destacar inicialmente é a visão do regime nazista desde o seu início até a sua chegada ao poder.

Contudo, voltando ao cerne da discussão deste capítulo, temos uma “Alemanha nova”, renascendo da República de Weimar, na qual o regime Nazista chega ao poder, inflamando o ódio aos judeus, principalmente, em suas concepções de que, todo o mal causado à Alemanha vem desse povo, e de que eles eram a real ameaça ao progresso alemão. Essa afirmação pode ser identificada em Goldhagen (1997, p. 100):

Esses judeus eram e continuam sendo algo misteriosamente ameaçador e anônimo. Eles não eram a soma dos indivíduos judeus... Era um poder maligno, algo com atributos de uma assombração. Não se conseguia vê-los, mas estava ali, uma ativa força do mal.

Sendo isso pregado nas escolas, na sociedade alemã e algo que como já foi discutido aparentemente estava incutido na grande maioria dos alemães, afirmação essa tecida de acordo com as leituras e pesquisas realizadas para a elaboração deste trabalho; gerações e gerações pregavam um antissemitismo, ora mais leve e ora mais severo. Sendo que, durante todo o período nazista, o antissemitismo alemão alcançou níveis jamais antes vistos de ódio e de perseguições; iniciando com perseguições e agressões verbais; após isso uma legislação oriunda de Nuremberg mais severa e, por fim, um genocídio e mortes sem precedentes vistos de qualquer outro povo perseguido na história de nossa humanidade.

Um dos primeiros guias do governo Hitler previa aos judeus um triste futuro como podemos observar a seguir:

- 1) O estabelecimento de extensas e severas restrições legais sobre a existência judaica na Alemanha.
- 2) Ataques físicos e verbais contra os judeus, lançados de forma espontânea por alemães comuns e/ou orquestrados por instituições governamentais e do partido.
- 3) Uma intensificação adicional do antissemitismo da sociedade.
- 4) A transformação dos judeus em seres "socialmente mortos".
- 5) Um amplo consenso social sobre a necessidade de eliminar a influência judaica na Alemanha (GOLDHAGEN, 1997, p. 102, grifo nosso).

Com esse guia exposto a sociedade em seus discursos inflamados de ódio à comunidade judaica, Adolf Hitler não apenas conquista o poder, mas de fato inflama o ódio e com o apoio total da população alemã a seu favor institucionaliza uma caça aos judeus; cabe destacar que, a sociedade comum alemã não somente apoiou, mas auxiliou no cumprimento desse guia; os judeus receberam inúmeros ataques verbais, alguns físicos; não faziam mais negócios com os alemães, bem como, estavam de fato mortos socialmente, e isso principalmente ocorria no campo, onde muitos de seus compatriotas alemães tinham inveja de seu crescimento econômico

e não somente os denunciavam a SS¹⁰ e a Gestapo¹¹, como também auxiliavam nas capturas e nas revoltas.

O tamanho ódio aos judeus estava tão crescente que aqueles que puderam, logo abandonaram o campo e foram se misturar aos demais nas grandes capitais, onde no início estavam de fato mais seguros, mas conforme o regime nazista foi conquistando mais poder, mas perto estava à solução final, orquestrada pelo partido Nazista.

Contudo, e após esse guia, o boicote oficial aos comerciantes judeus se estendeu por toda a Alemanha, sendo que, conforme esclarece Goldhagen (1997, p. 102), “[...] os nazistas assinalaram repetida e claramente que o boicote havia sido apenas uma etapa e a era dos judeus na Alemanha brevemente terminaria”. Com esse avanço houve emigração de judeus, pois aqueles que podiam saíram da Alemanha.

Sendo também estabelecida uma série de medidas legais antijudaicas por toda a Alemanha, com o objetivo de destruir a vida social, econômica e cultural desse povo, sendo que, logo após o boicote veio a Lei para a Restauração do Serviço Civil Profissional, que provocou imediatamente uma demissão em massa daqueles judeus que prestavam serviços públicos à nação alemã, pois o critério de “raça” era um dos elementos centrais para a contratação ao serviço público. Essa lei nada mais visava do que a purificação do Estado Alemão contra os judeus, sendo que foi muito aclamada pelos alemães; muitos colegas daqueles judeus do serviço público gostaram muito da medida.

Durante os anos seguintes do governo Hitler, houve muitos outros ataques aos judeus, as suas lojas e as suas vidas, pois tanto os membros das instituições legais como a população civil trabalharam juntos nesse ponto para tornar a vida desse povo intolerável na Alemanha. Os ataques de origem verbal, psicológica e cultural já estavam tão comuns no momento que a própria sociedade deixou claro por suas atitudes o ódio guardado aos judeus e o seu antissemitismo.

¹⁰Schutzstaffel (conhecido pela sigla SS) é um termo alemão que significa “esquadrilha de proteção”, em tradução literal à língua portuguesa. Também foi um grupo fundado no ano 1925, que tinha como objetivo principal proteger Adolf Hitler e os dirigentes do Partido Nazista.

¹¹Em tradução literal tem equivalência a polícia secreta alemã, que também cobria as denúncias contra os judeus e todos aqueles considerados contrários ao Reich nazista.

Muitas cidades e localidades alemãs carregavam cartazes e placas contra os judeus, diziam que a sua entrada ali não era bem vinda e a hostilidade contra estes só aumentava; isso já era muito comum na Alemanha dos anos 30 antes das deliberações formais de Nuremberg.

Complementando os ataques verbais, as agressões físicas de conteúdo simbólico aterrorizador iniciaram-se logo nos primeiros meses do período nazista e se prolongaram até o seu final. Esses ataques incluíam os forçosos cortes de barba e cabelo dos judeus (GOLDHAGEN, 1997, p. 105).

Além da perseguição verbal, a perseguição religiosa também se propagava por toda a Alemanha, como pode observar na contribuição acima de Goldhagen; além das diversas perseguições, os judeus começavam a ter sua fé colocada em xeque; passaram a ser colocados em situações vexatórias e vergonhosas. Como podemos observar no relato abaixo de um refugiado judeu que presenciou uma cena grotesca em um hospital:

[...] No início de 1933, um judeu idoso com ferimentos faciais pouco comuns: “Era um pobre rabino da Galícia, detido na rua por dois homens uniformizados. Um deles o segurou pelos ombros, enquanto o outro puxava a sua longa barba. Esse segundo homem, então, tirou uma faca do bolso e cortou a barba do velho. Para removê-la inteiramente dilacerou vários pedaços de pele”. Ao ser perguntado pelo médico se o perpetrador havia falado alguma coisa durante a agressão, o rabino respondeu: “Eu não sei. Ele gritou para mim: morte aos judeus” (GOLDHAGEN, 1997, p. 105).

A partir de relatos como esse, percebe-se a magnitude que se transformou o antissemitismo alemão em poucos anos; um regime totalitário que se expressou contra aqueles que eram perseguidos; havia uma total falta de humanidade por parte da população, que deixou de enxergar os judeus como seres humanos, mas apenas os enxergava como os párias da sociedade, a doença alemã que deveria ser eliminada.

Após os ataques iniciais aos judeus da Alemanha e uma paixão antissemita por uma grande parte do povo alemão, vieram à tona as leis de Nuremberg que oficializaram a perseguição ao povo judeu. Essas leis tinham como principal objetivo separar os judeus da maioria da população, conforme o exposto:

Suas duas medidas, a Lei de Cidadania do Reich e a Lei de Proteção ao Sangue e à Honra Alemães, tiraram dos judeus a cidadania e proibiram

novos casamentos e relações sexuais fora dos casamentos existentes entre judeus e alemães. Essas leis eram muito populares entre os alemães (GOLDHAGEN, 1997, p. 110).

Com essa regulamentação torna-se claro que os juízes e a Alemanha gostariam de se livrar do problema judeu, sendo muito bem aceitas como mencionado acima pela população alemã.

Um dado que vale ser levantado é que, após as Leis de Nuremberg, os ataques contra os judeus baixaram durante o ano de 1937; embora os ataques tenham diminuído, a população alemã continuou com as agressões verbais e físicas, além de pregarem pela exclusão social e profissional deste povo (GOLDHAGEN, 1997). Mas essa calma chega ao fim, no ano de 1938, a partir de novos decretos e perseguições por parte das instituições oficiais do Estado, objetivando resolver e acabar com o “problema judeu”. Assim, os ataques, a destruição de suas propriedades, as humilhações e outras formas de antissemitismo voltaram a se fazer presentes, bem como seu número aumentou de forma muito elevada.

Um dos episódios mais fatídicos da história de perseguição aos judeus foi a *Kristallnacht* (Noite de Cristal), orquestrada pelo ministro da propaganda Joseph Goebbels¹². O ataque ocorreu na noite do dia 9 para 10 de novembro do ano de 1938, como uma suposta retaliação ao assassinato de um diplomata alemão, por um judeu perturbado com as deportações para a Polônia (GOLDHAGEN, 1997).

O ataque envolveu diversas cidades e vilarejos alemães, sendo todos acordados com barulhos de vidros quebrados, e cheiro de fumaça de diversas sinagogas queimadas; muitos alemães aproveitaram o momento para agredir aos judeus.

A magnitude da violência e da destruição, a enormidade dessa noite de Rubicão (dados os padrões embrionários da época), pode ser refletida pelas estatísticas. Os perpetradores, principalmente homens da SA, mataram aproximadamente cem judeus e enviaram outros 30 mil para campos de concentração. Incendiaram e demoliram centenas de sinagogas que haviam escapado da destruição. Foram estilhaçadas as vitrinas de cerca de 7500 lojas e empresas de judeus, motivo do nome *Kristallnacht* (GOLDHAGEN, 1997, p. 111).

¹² Paul Joseph Goebbels foi o Ministro da Propaganda da Alemanha nazista. O mesmo nasceu no dia 29 do mês de outubro do ano de 1897 na cidade de *Rheydt*, na Alemanha. Aderiu ao Partido Nazista no ano de 1924 e algum tempo após sua adesão foi escolhido pelo próprio Hitler para ser um de seus ministros em Berlim.

Com isso, cada vez mais se tornaram comuns às deportações para diversos campos de concentração e trabalho forçado, espalhados pela Alemanha, campos esses que serviam para auxiliar na fabricação de diversos armamentos, utensílios e outros, após a eclosão da Segunda Guerra Mundial no ano de 1939.

Com relação ainda a *Kristallnacht* o povo alemão reagiu a isso de modo favorável, pois muitos soldados da SA foram recebidos nos pequenos vilarejos e cidades ao som de aplausos e ainda o povo auxiliou no massacre aos judeus. Como bem ressalta Goldhagen (1997, p. 111-112), “alemães comuns, sem provocação ou encorajamento, participaram espontaneamente das brutalidades. Mesmo jovens e crianças, se envolveram nos ataques, alguns, sem dúvida, com a bênção dos pais”.

O que mais assombra este período foi o apoio maciço da população e do Clero Alemão, que não se opunha em nenhum momento à solução final dada pelos nazistas aos judeus, questão que já será um pouco mais aprofundada. De uma forma geral, a Noite de Cristal foi um divisor de águas no período nazista, pois a mesma foi:

A data mais reveladora de toda a era nazista, em que surgia, para o povo alemão, a oportunidade de se levantar em solidariedade a seus concidadãos, acabou sendo o dia em que esse povo selou a sorte dos judeus, deixando as autoridades cientes de sua concordância com o empreendimento eliminacionista (GOLDHAGEN, 1997, p. 115).

E o porquê ser um divisor de águas da era nazista? Pois, como visto acima, os alemães poderiam não ter se sujeitado ao ocorrido, mas sim se opor às medidas desumanas que estavam sendo aplicadas aos judeus, mas pelo contrário auxiliaram os Nazis, com perseguições, denúncias, e outros episódios durante o período de Hitler no poder.

A questão que realmente incomodava e atormentava a muitas famílias alemãs, nesse período, foi o medo de represálias por parte dos judeus, caso a solução final não desse certo. Mas ao contrário, não há dados em estudos históricos de que a população se opôs verdadeiramente aos nazistas ou demonstraram alguma tentativa de salvar as almas judias do triste fim que muitas tiveram.¹³

¹³A eugenia alemã também estava muito presente, nesse período, bem como expressa na Lei de Proteção ao Sangue e à Honra já mencionada, anteriormente; a questão da eugenia será o fio

Com a explosão da segunda Guerra Mundial os alemães mais do que decididos colocaram em prática a última etapa da solução final, que foi desenvolvida especialmente para os judeus-alemães; mas conforme novos territórios eram dominados, se aplicavam aos demais judeus da Europa, que foi a deportação dos mesmos para o Leste; isso ocorreu entre o mês de outubro de 1941 e o início do ano de 1943, como destacamos abaixo:

[...] As deportações, medidas eliminacionistas das mais visíveis e inequívocas já tomadas até então pelos alemães, foram, com algumas exceções, enormemente populares entre o povo.

[...] A profunda paixão antissemita do alemão comum era tal que cenas de aberta e entusiástica festança ocorreram em Berlim quando dos preparativos para a deportação dos judeus. Uma alemã testemunhou: “Infelizmente, devo relatar que muitas pessoas permaneceram às portas de suas casas e, adiante da procissão da miséria, expressaram contentamento. ‘Vejam esses judeus sem-vergonha!’, berrou um. ‘Agora eles ainda podem rir, mas sua hora final está chegando’” (GOLDHAGEN, 1997, p. 117).

Com esses relatos acerca das deportações, das festividades que eram realizadas nas cidades e metrópoles alemãs, torna-se muito nítido o apoio que os Nazis tinham da população, bem como a real paixão antissemita e a falta de apreço aos seus concidadãos judeus. E não muito longe disso, o Clero como já mencionado também era antissemita (o alemão), dos quais os sermões pregados em igrejas inflavam ainda mais ódio aos judeus, e até mesmo aqueles que haviam negado o judaísmo e seguiam a crença cristã enfrentaram preconceito.

O povo judeu dentro da Alemanha estava abandonado à própria sorte, pois nem mesmo a Igreja os olhava pela ótica de seres humanos, mas sim sob a doutrina nazista, e que eles deveriam ser expurgados da Alemanha, como podemos notar na contribuição a seguir:

[...] O catolicismo institucionalizado permaneceu inteira e publicamente antissemita.

[...] As igrejas alemãs cooperaram de bom grado com as medidas eliminacionistas e com frequência letal. Se os guias e consciências morais da Alemanha trabalharam de boa vontade para servir às políticas antissemitas, o que mais poderia se esperar de seus acólitos? Esses líderes religiosos foram os mesmos homens que, de corpo e alma, lutaram abertamente contra a eutanásia e outras medidas governamentais, tais

condutor dos próximos capítulos, mas em princípio o que caba destacar é que com essa Lei os judeus finalmente estavam “fora” do caminho e da prosperidade alemã.

como a tolerância a duelos e à cremação (não contra o crematório de Auschwitz, fato de seu conhecimento). Enquanto dirigentes da Igreja nos países da Europa sob ocupação Alemã, incluindo Dinamarca, Holanda, Noruega e Vichy, assim como na França ocupada, condenavam abertamente a perseguição e o assassinato aos judeus, além de pedir aos cidadãos (às vezes em vão) para que não participassem dos ataques, a liderança religiosa alemã abandonou os judeus à própria sorte e chegou até mesmo a contribuir para a perseguição eliminacionista (GOLDHAGEN, 1997, p. 121-123).

Enquanto isso, em países que de fato estavam ocupados parte do clero não mudou sua visão sobre os judeus enquanto seres humanos, pedindo até como mostra a contribuição acima para que as pessoas não participassem dos ataques. Um questionamento que pode vir a ser levantado é: se o clero alemão tivesse se posicionado contra os ataques e a matança (com todo o seu poder e os fieis), será que o holocausto teria tido essas proporções e a magnitude em questões de mortes, aprisionamentos e sofrimento aos judeus? Certamente não, mas a política da igreja foi a de apoiar o Reich e contribuir para a matança de milhares de inocentes, em campos de concentração. A discussão de Goldhagen (1997) traz elementos para refletir sobre a posição institucional da Igreja Católica da Alemanha. No interior das instituições é possível que os indivíduos não compartilhassem do posicionamento oficial. Porém, esse historiador destaca que não houve movimento do clero alemão em combate ao holocausto.

Goldhagen (1997) sustenta que, em geral, entre os alemães havia forte apoio à solução do problema dos judeus. Igualmente, essa argumentação não implica em dizer que havia alemães que não compartilhavam com a transformação da situação dos judeus em uma questão política. No entanto, esse autor dá visibilidade à ideia de que os alemães compartilhavam e compactuavam com as ações do Nazismo. De outra parte, é importante destacar que o tratamento dos alemães aos estrangeiros não judeus tinha alguma diferenciação, como, por exemplo, o caso dos poloneses.

Nos campos de concentração e em outras instalações, o melhor tratamento concedido pelos perpetradores a não judeus, comparativamente ao dispensado àqueles, espalhava o comportamento da população civil alemã. Dentro da sociedade alemã, o cumprimento das leis raciais e regulamentos dependiam em grande medida de informações voluntárias fornecidas à Gestapo, pois ao contrário de sua imagem mitológica, tratava-se de uma instituição terrivelmente incompetente, incapaz de policiar sequer a sociedade alemã (GOLDHAGEN, 1997, p. 129).

Vale destacar que, a ação da Gestapo¹⁴ somente obteve sucesso em suas ações contra os judeus devido à ajuda e denúncias da população, ou seja, sem a efetiva participação popular e auxílio do povo o holocausto e o genocídio aos judeus não teriam obtido o sucesso do qual tiveram em nossa história.

Desta forma, o autor mostra que os alemães se opunham a muitas práticas do regime nazista, como, por exemplo, quando havia ataques do regime à cristandade, restringindo a realização de cultos ou removendo crucifixos. Além disso, os alemães realizaram várias greves que condenavam as políticas sociais do regime nazista. Esse historiador destaca o caso do programa de eutanásia (intitulado também de T-4, devido à localização de seu QG, na Tiergarten Strasse nº 4), em que médicos alemães tiraram a vida de mais de setenta mil pessoas, consideradas “indignas de viver”, pois em muitos casos eram doentes mentais, ou portadores de deficiências físicas. Os protestos contra essa ação partiram dos familiares das vítimas, ganhando adesão de vários grupos e instituições, como padres e bispos. Na avaliação de Goldhagen, os alemães:

- 1) Reconheceram essa matança como errada;
- 2) Expressaram a sua visão sobre ela;
- 3) Protestaram abertamente pedindo seu fim;
- 4) Não sofreram represálias por terem manifestado seus pontos de vista e exercido pressão com suas demandas;
- 5) Conseguiram a cessação formal do programa de assassinatos, salvando a vida de concidadãos (GOLDHAGEN, 1997, p. 131-132, grifo nosso).

Esse episódio destacado mostra que a manifestação dos alemães impediu a continuidade de matança de seus concidadãos da morte.

O longo e impressionante registro de dissensões alemãs em relação a políticas nazistas particulares não pode de forma alguma ser traduzida por uma oposição geral ao regime em si, ao sistema nazista alemão e a seus objetivos primordiais de uma Alemanha racialmente purificada e militarizada, ressurgem-te dentro da Europa. Mesmo os conflitos mais amargos, geradores de prolongadas disputas populares contra o regime, não arranharam o sólido apoio alemão ao nazismo e, especialmente, ao seu programa eliminacionista. (GOLDHAGEN, 1997, p. 132).

¹⁴ Nome dado à polícia secreta, na Alemanha nazista.

Porém, conforme ressalta Goldhagen (1997), existia alguma resistência ao ataque nazista contra os judeus. Ele descreve:

Apenas uma vez houve, em larga escala, um protesto de alemães em favor dos judeus: quando mulheres alemãs fizeram demonstrações durante três dias na cidade de Berlim pela libertação de seus maridos judeus aprisionados. De que forma o regime respondeu a essa oposição popular? Recuou. Os seis mil judeus foram libertados e as mulheres não sofreram sanções (GOLDHAGEN, 1997, p. 132).

Apesar disso, o autor base deste capítulo sustenta que, não houve movimentação em massa de alemães em defesa da condição humana dos judeus. Ele reitera, “indisposições episódicas em relação a aspectos do ataque nazista contra os judeus não podem ser entendidas como indicativas de uma rejeição geral e disseminada ao ideal e ao programa eliminacionista” (GOLDHAGEN, 1997, p. 133).

Por fim, é digno de nota o guia da política nazista com relação aos judeus e o seu extermínio final na Alemanha, que passou por diversas fases e níveis. Em linhas gerais, a política alemã para por fim a essa “raça” atuou da seguinte forma, desde o seu início até os últimos minutos:

- 1) Ataques verbais.
- 2) Ataques físicos.
- 3) Medidas legais e administrativas para isolar os judeus de não judeus.
- 4) Estímulo à emigração.
- 5) Deportação forçada “reassentamento”.
- 6) Separação física em guetos.
- 7) Matança, através da fome, debilitação e doenças (anteriores ao programa genocida).
- 8) Trabalho escravo como substituto para morte.
- 9) Genocídio, principalmente através de fuzilamentos em massa, fome programada e gás.
- 10) Marchas da morte (GOLDHAGEN, 1997, p. 150).

Cada um desses itens mencionados seria digno de um maior aprofundamento e de explicações mais específicas, entretanto o espaço aqui não permite. Porém, é importante assinalar que, além do exposto até aqui, é necessário refletir sobre o aumento do ódio e do antissemitismo alemão durante o período nazista, o desamparo sofrido pelos judeus até por parte da Igreja e em linhas gerais um pequeno roteiro de como foi o fim de mais de seis milhões de judeus, ao término da Guerra, iniciando pelas agressões verbais e finalizando com as marchas da

morte; isso sem contar os anos de internação em campos de concentração, que mais deveriam se chamar campos para a morte.

Até aqui mostramos alguns aspectos das diversas esferas do nazismo, destacando as origens do antissemitismo até sua transformação em política de Estado no governo de Adolf Hitler.

Portanto, em nosso último capítulo será realizado um maior aprofundamento sobre Lebensborn, o programa tido como fonte de vida, mas que ao invés de criar novas vidas, acabou por destruir vínculos familiares e famílias, como é o caso de Ingrid Von Oelhafen que terá destaque também no estudo do programa; contudo, o que nos resta aqui é estabelecer essa relação, na qual Lebensborn somente existiu graças à obsessão nazista por uma raça pura e de seu antissemitismo, onde milhões de vidas eram ceifadas por não serem consideradas dignas, enquanto outras eram preservadas.

2. AS DIFERENTES MANIFESTAÇÕES DA EUGENIA

Neste capítulo serão abordadas as questões acerca do que é a eugenia positiva e negativa. E essa discussão se torna importante para compreender como a eugenia foi utilizada no período do holocausto alemão, quando se estabeleceram critérios para definir quem integrava a ideia de raça pura. Além disso, a disseminação desse ideário contava com a reforma educacional promovida pelo governo de Hitler.

2.1 Concepções gerais da Eugenia e a sua relação com o Nazismo

A partir de algumas indicações fornecidas no capítulo anterior, a ideia deste capítulo é tratar de modo específico às concepções da eugenia, pois é praticamente impossível não tratar deste tema, quando falamos sobre a perseguição realizada aos judeus. A prática eugênica, como ressalta Vieira (2012), como discurso científico-político, surge na Inglaterra do século XIX, sendo um trabalho de teoria bastante elaborado. Têm-se, também, relatos de que na Grécia Antiga houve controle populacional e de natalidade, mas apenas na Modernidade é que as práticas eugênicas chegaram com essa nova roupagem científica, oriunda de estudiosos presentes na área da biologia e se disseminando como conceito na sociedade.

Conforme esclarece Vieira (2012), um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento das práticas eugênicas foi Francis Galton¹⁵, influenciado pelas ideias e de correntes do momento histórico vivido e na busca pela segregação de indivíduos. Com isso, Galton também foi o criador do termo eugenia na Europa e reproduzida em diversos países. A base dessa teoria, transformada em tese pelo então autor e pai do eugenismo, tinha em sua essência um controle social dos indivíduos para formarem a sociedade e ideais de melhora das futuras gerações que ali estivessem presentes, seja na forma física, mental e cognitiva da época (VIEIRA, 2012).

Segundo Vieira (2012, p. 256):

¹⁵Francis Galton (1822-1911) fundador da eugenia procurou apresentá-la como a ciência que forneceria as bases teóricas para não só compreender os mecanismos da transmissão dos caracteres entre as gerações, como também contribuir positivamente para a melhora das características do conjunto populacional (DEL CONT, 2008, p. 201).

Diversas características da espécie humana, tais como a inteligência e o talento para as artes, entre outras capacidades, eram fortemente determinadas pelo fator genético, e não pelo fator ambiental. Sendo assim, a única forma de melhorar as qualidades sociais das gerações vindouras era proibir as procriações para todos aqueles indivíduos que se revelassem geneticamente inferiores. Isto se deve ao fato de que ao procriarem com pessoas de distintas qualidades genéticas gerariam descendentes fadados a serem geneticamente inferiores.

A partir dessa contribuição pode ser elucidado os ideais nazistas acerca dos judeus, das proibições de atos sexuais de alemães com estrangeiros, as questões de superioridade da raça alemã e inferioridade das demais; os nazis não foram responsáveis pela criação da corrente eugenista, mas foram eles que deram luz à mesma; foi o apogeu da eugenia no Reich de Hitler, o qual usou desses conceitos para estimular ainda mais a segregação racial e o preconceito a todo aquele indivíduo que não se encaixasse nas características raciais tidas como necessárias para um ariano puro.

Na eugenia de Galton, e o seu ideal colocado para a sociedade previa e salientava que o Estado tomasse providências e controle dos casamentos e natalidades da sociedade, pois segundo o cientista apenas pessoas que eram de fato pertencentes à eugenia positiva, ou seja, superiores racialmente deveriam se casar e ter relações sexuais, pois desta forma a natalidade seria certa de uma nova geração superior.

As ideias apontadas na Inglaterra acerca da eugenia positiva não ficaram “presas” a este país, mas atravessariam o Atlântico e vieram ter impactos entre os norte-americanos, sendo aclamadas principalmente pelos racistas que viam a eugenia como um excelente mecanismo para haver e amparar a segregação no país¹⁶. Essas questões eugênicas americanas e da chegada desta corrente de

¹⁶Movimentos eugênicos brasileiros- É bastante conhecido o argumento de que a eugenia no Brasil teria adotado um modelo de pensamento mais “suave” do que se desenvolveu em países como EUA, Alemanha, Suécia e Inglaterra. Se nesses países as medidas se basearam em políticas extremas de segregação racial e controle da reprodução humana, o movimento eugênico brasileiro teria adotado projetos menos radicais, ligados às políticas de saneamento, higiene, educação e outras ações de melhoramento das condições do meio. Mesmo quando o foco recaía sobre a questão da miscigenação racial e a presença de uma grande parcela da população formada por descendentes de indígenas e africanos, as intervenções eugênicas não seriam tão radicais. Durante os anos 1930, no auge das discussões sobre o processo de imigração e colonização do território brasileiro, os eugenistas ainda se dividiam entre a aceitação de um país mestiço ou a substituição dos brasileiros por europeus (SOUZA, 2016, p. 54).

pensamento no país pode ser entendida da seguinte forma: “Com este mote, a eugenia negativa não foi desenvolvida por acaso nos Estados Unidos, mas foi fruto de uma peculiaridade social, econômica e, sobretudo, devido às características de colonização”. (VIEIRA, 2012, p. 257). O país, nesse contexto, vivia de fato uma forte segregação entre brancos e negros.

Esse conceito pode ser compreendido em três fundamentos principais:

Em primeiro lugar, diferentemente da colonização espanhola e portuguesa, os americanos isolaram as grandes levas de imigrantes em grupos étnicos e guetos. “Com isso, evitavam a miscigenação, influenciados, principalmente, pela mentalidade puritana dos primeiros colonos, que acreditavam ser o “novo povo eleito” e a América a Nova Terra Prometida”. Em segundo, a criminologia americana do final do século XIX começou a considerar a criminalidade como um fenômeno de grupo motivado por características criminosas herdadas: “A criminologia levou o ódio racial e étnico para a esfera da hereditariedade. Nos últimos anos do século XIX, o crime foi sendo considerado progressivamente um fenômeno de grupo e, de fato, um traço familiar herdado”. Terceiro, o surgimento de teorias sociológicas sobre famílias de degenerados e suas implicações hereditárias (VIEIRA, 2012, p. 257).

Com a disseminação do conceito da eugenia, muitos fatores eram dados por um viés positivista, isto é, eram inatas daqueles indivíduos, características herdadas entre familiares e não apenas da natureza da raça destes, mas também em um enfoque social de criminalidade.

Esse modelo de eugenia positiva (definição de uma raça superior) e de eugenia negativa (definição de uma raça inferior) definiu a construção de políticas de manutenção de um grupo puro e de práticas de segregação e por outro lado o extermínio de grupos considerados degenerativos. Vale ressaltar que, as práticas de esterilização eram frequentemente utilizadas. Nesse contexto, segundo Vieira (2012), mais de setenta mil pessoas foram esterilizadas no continente norte-americano a fim de evitar a suposta “contaminação social”. Estas práticas tinham o aval legal do momento e eram fortemente apoiadas pelos médicos e biólogos que tinham esse viés eugenista, pois alegavam que isso era um importante ato para haver o controle social e para existir, também, um aprimoramento da espécie. Essa teoria de caráter científico transforma-se em justificativa para políticas sociais de higienização e extermínio de gerações indesejadas pela sociedade daquele momento histórico.

Vale ressaltar que, americanos e nazistas trabalhavam em um modelo de cooperação acerca da concepção higiênica e eugênica da sociedade, pois como bem nos coloca Vieira (2012, p. 259-260):

Os eugenistas alemães estabeleceram relações acadêmicas e pessoais com diversos doutrinadores e fundações norte-americanas que não apenas patrocinavam generosamente o desenvolvimento da biologia racial alemã com centenas de milhares de dólares – mesmo durante a grande depressão econômica – como também apoiaram teoricamente parte das intervenções nazistas. Vale dizer, embora a Alemanha tenha desenvolvido ao longo dos primeiros vinte anos do século XX, seu próprio conhecimento eugenista, tendo suas próprias publicações a respeito do assunto, os adeptos alemães da eugenia ainda seguiam o modelo eugenista americano: os tribunais biológicos, a esterilização forçada, a detenção dos socialmente inadequados, assim como os debates sobre a eutanásia.

Com isso, torna-se claro que, apesar dos norte-americanos serem vistos como “mocinhos” para o fim do holocausto, imagem esta muito retratada na cinematografia referente à Guerra e a exterminação dos judeus, estes mesmos americanos (ou boa parte deles no campo científico), apoiaram os ideais nazistas acerca da segregação e exterminação racial, pois estas duas potências antes da Segunda Guerra, como assinalado por Vieira (2012), trabalhavam em regime de colaboração acerca dos ideais da eugenia e da segregação de indivíduos em seus territórios.

Mas, o que de fato se diferenciava no regime nazista com relação às práticas eugênicas dos modelos dos norte-americanos e ingleses eram dois aspectos: o volume das intervenções e o caráter biológico.

A primeira delas se deve ao fato de que foram certamente os nazistas os maiores responsáveis por levar ao extremo as práticas eugênicas negativas, visto que grande parte das intervenções não se limitou aos danos corporais, isto é, os maiores horrores, sob o rótulo eugenista, ocorreram por intermédio do extermínio praticado em massa, principalmente contra os judeus. A segunda delas se deve ao fato de que, ao contrário do que se passou naquelas nações, os nazistas, "parecem ter sido os únicos a levar a sério os argumentos biológicos eugenistas. Servindo à sua maneira para defender a aplicação de medidas de apuramento da espécie humana, esterilizando os loucos, os doentes, os deficientes, os delinquentes, etc., ao mesmo tempo em que eliminavam judeus, ciganas, homossexuais e outros supostos pervertidos". Em outras palavras, o que se pode certamente dizer de peculiar ao regime nazista é que – além do volume de intervenções estatais adornadas com o rótulo eugenista – este procurou estar imbuído da pretensão científicista, isto é, procurou dotar as suas práticas do maior caráter científico-biológico possível à época (VIEIRA, 2012, p. 260-261).

Cabe destacar que, esse caminho, percorrido pelos ideais eugênicos, desde a defesa de uma raça pura (eugenia positiva) ao combate e extermínio das raças consideradas perigosas, explicam as duas ações, fortemente, presentes no Nazismo (perseguição/matança de judeus e a criação de programas de proteção e geração de indivíduos de raça pura, como o Programa Lebensborn).

As concepções eugênicas se alteraram, desde a sua concepção dada por Galton. O princípio da eugenia clássica e a que mais será utilizada para a compreensão de Lebensborn, pois é a questão do Estado como detentor dos poderes e das práticas eugênicas dentro do modelo social vigente, como, por exemplo, o controle da natalidade, das esterilizações e da segregação entre raças, proibindo casamentos, relações sexuais e geração de novos filhos entre grupos da raça superior e grupos de raças consideradas inferiores. Nessa acepção estão presentes as políticas de defesa da raça pura como as de extermínio das raças consideradas impuras.

Apesar da mudança da humanidade, mas com a influência da igreja e demais órgãos, a eugenia liberal se faz presente, inclusive no nosso século XXI. Ela vem com uma nova roupagem, é uma eugenia que em princípio deixa os demais valores do passado de lado e passa a ser fortemente influenciada por fatores econômicos e sociais; não somente mais as questões culturais estão presentes. Tomemos de exemplo o modelo Chinês, conforme nos explicita Vieira (2012, p. 276-277):

Neste modelo todas as famílias que trouxeram ao mundo mais de um filho ficarão sujeitas a uma pesada carga tributária entre outras penas financeiras. Como consequência desta política, muitas famílias passam a abandonar os seus filhos ou mesmo a retirar-lhes a vida como forma de fugir do âmbito de punição da lei. Na China, portanto, pratica-se outro modelo eugênico, não mais pelo fato das crianças apresentarem alguma necessidade especial, mas, sim, pelo fato do governo – e dos costumes e tradições da população – privilegiar o controle de natalidade e outras medidas públicas.

Com isso, pode-se perceber que ainda o Estado, quando tomamos como exemplo a China, possui certa influência nas questões eugênicas, mas não como antes, no modelo nazista, em que o Estado, além de ser o centro do poder, determinava uma maior segregação, mortes em massa e o genocídio. Entretanto, o foco deste trabalho não é a análise das práticas eugênicas culturais e sociais, mas

sim aquela voltada em seu cunho genético. Contudo, é importante assinalar as duas principais diferenças entre as práticas eugênicas clássicas e liberais:

Que as duas principais diferenças entre o eugenismo clássico e o liberal dizem respeito: (i) a tentativa de inclusão de critérios científicos no aperfeiçoamento da população; e (ii) a suposta passagem da titularidade da prática eugênica do Estado (totalitário ou não) para os pais (VIEIRA, 2012, p. 277).

Essa diferenciação, segundo Vieira (2012, p. 279-280) guarda alguma relação:

No entanto, saliente-se que esta mudança de titularidade refere-se apenas e tão somente aquele que diretamente impõe a sua opção ou preferências sobre o sujeito objeto das alterações genéticas. O que não significa que o Estado deixe de ter qualquer atuação sobre tais práticas. Em verdade, o Estado continua, ainda que como um ator coadjuvante do espetáculo eugênico, a delimitar as escolhas parentais e a estabelecer limites claros no que tange à saúde pública.

Contudo, o que se torna claro é que, ainda o Estado e os seus aparelhos ideológicos e de repressão como os utilizados na China para o controle da natalidade, por exemplo, são ainda modelos de práticas eugênicas, porém estas não podem ser comparadas com a magnitude das concepções clássicas, pois como mencionado o Estado não deixa de realizar um controle pessoal e social dos indivíduos, mas este controle é realizado com o uso de multas como é o caso do exemplo dado na China e não mais na exterminação daqueles considerados sub-humanos como no nazismo.

Ou seja, o Estado ainda expressa um controle aos indivíduos, mas este controle é realizado de forma simbólica, isto é, ideológica.

2.2 A educação das crianças e jovens alemães no período nazista

Neste último tópico do capítulo trataremos de uma questão de suma importância para o sucesso do Reich de Hitler, a saber: a educação. Por meio dessa como bem se sabe há inculcamentos em seus indivíduos, podendo ser de cunho emancipatórios ou de dominação. É possível dizer que a educação, apesar de ser formada por indivíduos que em algumas vezes vão contra a arma ideológica do

Estado, na Alemanha nazista, a mesma veio a contribuir com o regime hitlerista e a sua política de ódio aos judeus.

Contudo, logo com a chegada do Terceiro Reich alemão, período datado entre os anos de 1933 a 1945, uma das primeiras transformações ocorridas foi na perspectiva educacional, com a mudança de currículo¹⁷, de disciplinas e principalmente do ensino como um todo. A educação, no contexto nazista, priorizava no ensino de crianças e adolescentes os ideais nazistas, bem como, objetivava a inculcação dos conceitos defendidos pelo Nacional-Socialismo de Hitler. Adolf Hitler defendia que sua crença ideológica possuía uma fundamentação, na supremacia da raça ariana.

A atuação de Hitler, com a sua ascensão ao poder, foi totalitária, conforme também indica a obra *Origens do totalitarismo* de Hannah Arendt (1989). Conforme comentam Vicente e Witt (2018), existe a utopia política de que para começar um novo mundo é natural investir-nos mais jovens de uma sociedade e que com isso muitos dos regimes tirânicos ao chegarem ao poder focalizaram na doutrinação das crianças e jovens, pois esses absorveriam mais facilmente as novas ideologias.

Conforme nos auxiliam Vicente e Witt (2018), no Terceiro Reich foi dada uma grande valorização para as crianças e jovens, pois desta forma além dos ensinamentos nazistas estes poderiam aproveitar o seu potencial, posteriormente, servirem como força de batalha para o exército de Mil anos do *Führer*, ou seja, a

¹⁷É Válido também uma nota acerca das concepções eugênicas e educacionais em nosso país, como destaca Rocha (2010, p. 41): O movimento eugenista visava o controle da população, o que era fundamental para a purificação da raça brasileira e/ou da espécie humana. Controlar a população, naquele momento, significava intervir nos processos da vida, o que implicou um esforço especial no controle da sexualidade, da taxa de natalidade e mortalidade, na reprodução, nos hábitos higiênicos em geral. Isto significaria controlar os processos biológicos, os processos da vida, da população. A educação e, como parte dela, a difusão da ciência eugênica, foram consideradas de suma importância para alcançar as metas do movimento eugenista. Estas ações foram realizadas, a partir de políticas públicas de saúde e de educação da população – pela escola e pela divulgação dessa ciência fora do âmbito escolar. Os intelectuais tentaram popularizar a eugenia, de modo a sensibilizar a população, por meio da divulgação de noções sobre raça, espécie, evolução, higiene, hereditariedade, normalidade e saúde. Era preciso, no entendimento deles, desenvolver na população o sentimento de comoção, de modo que esta entendesse a importância da ação de cada indivíduo na aplicação da eugenia, em prol dos benefícios de regeneração da espécie.

educação alemã neste dado momento histórico era uma força motriz dos nazistas para alcançar seus objetivos futuros, principalmente para a organização social do povo alemão e a sua alienação ao Reich nazista.

Cabe ressaltar que, as crianças e jovens deste período vivenciaram uma educação dogmática¹⁸, que lhes era imposta, um programa que visava ter em seu currículo apenas o que realmente interessava ao Reich, sendo o restante dos conteúdos deixados de lado, ou também aprimorados a serviço do Reich alemão para serem trabalhos em sala de aula.¹⁹

Uma das primeiras tarefas do novo modelo de Estado foi uma reorganização da educação na Alemanha, pois Hitler acreditava no potencial²⁰ das crianças e já sinalizava essa mudança educacional, em seu livro de memórias e filosofia de governo *Mein Kampf*.

Em primeiro lugar, o cérebro infantil não deve ser sobrecarregado com assuntos, noventa por cento dos quais são desnecessários e cedo esquecidos [...]. Em muitos casos a matéria é tão vasta que só uma parte é conservada e essa mesmo não encontra emprego na vida prática. Do outro lado, nada se aprende que seja de utilidade, em uma determinada profissão, para a conquista do pão cotidiano (HITLER, 2001, p. 316 apud VICENTE; WITT, 2018, p. 73).

Com isso, o *Führer* alemão sinalizava que a educação ali empregada antes de seu “governo”, era desnecessária às crianças e jovens, pois além de não ser prática, ou seja, de não ser vinculada ao mundo do trabalho e a vida prática em si, era desnecessária de ser apreendida. Um exemplo disto era o desmerecimento que Hitler dava ao ensino do francês, pois ao tomar o poder na Alemanha foi uma das primeiras disciplinas a desaparecerem do currículo escolar alemão. Com isso, torna-se bastante nítido que o objetivo central da educação para a juventude hitlerista era o inculcamento de valores do Reich alemão e de sua filosofia, e também

¹⁸O dogmatismo é oriundo de uma corrente na qual o indivíduo, ou um grupo de pessoas como no Nazismo, afirmam ou creem em uma verdade indiscutível, ou seja, uma verdade absoluta e imutável e na educação isso se transpõe como uma educação imposta e de verdade inquestionável, ou seja, aquela educação dada no referido contexto, poderia ser considerada uma educação de verdade única e absoluta.

¹⁹Mais adiante discutiremos as mudanças curriculares.

²⁰O termo potencial aqui é utilizado no sentido de que, com uma educação e uma filosofia educativa ideal e atrelada à visão do Reich Nazista, as crianças seriam doutrinadas com as visões antissemitas e de respeito ao *Führer* e a pátria alemã, sendo bons cidadãos e futuros soldados de proteção ao Reich de Mil anos Nazista.

conhecimentos para a vida prática, para o trabalho e para estes jovens assumirem o exército de Hitler.

Como colocado acima, o espaço escolar é de fato um espaço apropriado para realizar a influência no pensamento das crianças e dos adolescentes; com isso, a educação regular e, posteriormente, os espaços criados por Hitler passaram de fato a desempenhar um papel de destaque no Reich, pois com essa educação era levado a milhares de crianças e jovens o pensamento e a ideologia nazista, sem uma imposição direta do Estado, mas sim, por meio dos professores ali presentes. Aqui é possível identificar o outro lado da ação do processo de dominação. Ao lado da violência física legítima do próprio Estado há também a violência simbólica. Esse tipo “é uma violência oculta, que opera prioritariamente na e pela linguagem e, mais geralmente, na e pela representação, pressupondo o irreconhecimento da violência que a engendrou e o reconhecimento dos princípios em nome dos quais é exercida” (MAUGER, 2017, p. 360). A violência simbólica é produzida no interior no processo do poder simbólico, particularmente por pessoas que detêm reconhecimento de sua condição quase mágica (professor). Para Bourdieu (2002, p. 9), “o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica”. Esse poder “é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2002, p. 7-8).

Na avaliação do principal líder nazista:

O trabalho de educação coletiva do Estado nacionalista deve ser coroado com o despertar do sentido e do sentimento da raça, que deve penetrar no coração e no cérebro da juventude que lhe foi confiada. Nenhum rapaz, nenhuma rapariga deve abandonar a escola sem estar convencido da necessidade de manter a pureza da raça (HITLER, 2001, p. 322 apud VICENTE; WITT, 2018, p. 73).

Com esta contribuição percebe-se claramente que o objetivo central da educação nazista, conforme bem relatam Vicente e Witt (2018) era transformar essas crianças e jovens em bons nazistas para servir a sua pátria. Desse modo, a função dos professores no terceiro Reich era realizar essa doutrinação, com um enfoque primordial: a pureza da raça ariana, bem como, fazer com que essas

crianças e jovens tivessem em suas cabeças e em seus corações que a raça ariana era superior a todas as demais.

Além de as escolas públicas terem sido “nazificadas”, foram criadas, neste período, escolas diferenciadas para essa doutrinação ainda ser mais efetiva; contudo, essa educação diferenciada era para uma clientela selecionada, em que o porte físico era vital para a aceitação. Com isso, essas instituições eram as Napolas e as escolas Adolf Hitler.

No aniversário de Hitler, em 20 de abril de 1933, Rust fundou três instituições político-educacionais nacionais, ou ‘Napolas’, internatos montados nos prédios das antigas escolas de cadetes da Prússia (extintas pelo Tratado de Versalhes) e planejados para treinar uma nova elite para governar o futuro Terceiro Reich (EVANS, 2011, p. 370 apud VICENTE; WITT, 2018, p. 74).

Além da fundação das Napolas, o Nacional Socialismo de Hitler foi além com o seu projeto educacional, como pode ser visto a seguir:

Em 15 de janeiro de 1937, o líder da Juventude do Reich, Baldur Von Schirach, e o líder da Frente de Trabalho Alemã, Robert Ley, emitiram um anúncio conjunto informando que Hitler, por solicitação deles, havia dado ordem para a fundação das ‘Escolas Adolf Hitler’, colégios secundários dirigidos pela Juventude Hitlerista, que determinaria o currículo, com supervisão dos líderes regionais do Partido Nazista (EVANS, 2011, p. 370, apud VICENTE e WITT, 2018, p. 74).

Com isso, torna-se bastante claro que o Reich alemão via em suas crianças e jovens um excelente público, pois enquanto os adultos poderiam em algum momento se voltar contra o Reich alemão, a nova geração trabalharia em prol do mesmo, sem questionar ordens ou a filosofia imposta pelo partido Nazista, pois já estavam sendo educados a não questionar essas determinações.

Um dos segredos para a efetivação dessa educação (doutrinação) seria moldar as crianças desde jovens, com um currículo diferenciado, como já mencionado, e que atendesse, de fato, as necessidades do Estado. Conforme destaca Bartoletti, (2006, p. 45 apud VICENTE; WITT, 2018, p. 74):

Hitler concordava que o sistema educacional dele era duro, mas fundamental para sua meta. – Eu busco uma juventude profundamente ativa, dominadora, brutal – disse. – A juventude deve ser indiferente à dor. Não pode ter fraqueza, nem carinho.

Ou seja, dessa forma no regime nazista a educação era praticamente concebida em uma esfera militar, na qual o que importava não era o aprendizado real dessas crianças, mas sim uma educação fechada que valorizava apenas o trabalho com a sua ideologia e doutrina. Os nazistas assumiram o poder, até mesmo livros que eram considerados inapropriados foram jogados fora das escolas, como vemos abaixo:

Assim que os nazistas assumiram o poder, passaram a controlar as escolas públicas, chamada Escolas Nacionais. Jogaram fora os livros e lançaram novos. Mudaram os currículos de alto a baixo, de forma a só ensinar ideias aprovadas pelo nazismo (BARTOLETTI, 2006, p. 40 apud VICENTE; WITT, 2018, p. 74).

O importante era pregar a filosofia nazista nas diversas disciplinas que ali estavam presentes, desde a educação física até o ensino da história, havendo em muitos momentos uma grande inversão de valores e de filosofia perante o ensino, pois ali não se tinha como objetivo o sucesso acadêmico dos estudantes, mas sim, alunos e futuros cidadãos domesticados e fáceis de serem dominados. A partir do exposto, é digna de escrita também uma síntese de todas as disciplinas alteradas e as novas acrescentadas pela Alemanha após a entrada de Hitler ao poder.

A primeira delas e considerada a mais importante aos olhos do *Führer* era a educação física, pois o aperfeiçoamento físico adquirido com ela era fundamental para a nova Alemanha; na concepção do líder nazista, primeiro deveria ser trabalhado o corpo para daí ser trabalhado o intelecto.

O Estado deve dirigir a educação do povo, não no sentido puramente intelectual, mas visando, sobretudo à formação de corpos sadios. Em segundo plano, é que vem a educação intelectual. Aqui, ainda, a formação do caráter deve ser a primeira preocupação, especialmente a formação do poder de vontade e de decisão e o hábito de assumir com prazer todas as responsabilidades (HITLER, 2001, p. 309 apud VICENTE; WITT, 2018, p.75).

Para Hitler, um dos motivos da Alemanha ter perdido a Primeira Guerra Mundial, foi devido ao exército ter pouco preparo físico, e isso segundo ele, era culpa também das instituições escolares, pois não valorizavam em seus currículos educacionais as lutas, o esporte e a ginástica, algo que em seu governo deu primazia na educação. “Se nossa juventude, nas escolas, tivesse aprendido menos

conhecimentos e se tivesse mais exercitado no domínio de si mesma, grandes vantagens se teriam verificado nos anos de 1915 – 1918” (HITLER, 2001, p. 315 apud VICENTE; WITT, 2018). Nota-se o grande apreço do líder nazista por esta disciplina e como ela se tornou determinante para o currículo, pois as aulas de educação física duravam em torno de 3 a 5 horas semanais de aulas de ginástica.

Duas outras disciplinas que sofreram grande interferência e alterações durante o terceiro Reich, foram história e geografia. Conforme esclarece Koch (1973, p. 98):

A História também foi matéria seriamente atingida. Todos os livros da disciplina foram submetidos à rigorosa revisão. O primeiro compêndio de história que este autor recebeu num ginásio, em 1943, começava com Adolf Hitler e acabava com Anibal. A história era exclusivamente político-militar, focalizando a luta contínua do povo alemão pelo poder e pela existência.

De acordo com Evans (2011, p. 348 apud VICENTE; WITT, 2018, p. 76):

Em 30 de julho de 1933 um decreto central dispôs as “Diretrizes para Livros Didáticos de História”, segundo as quais as aulas de história dali em diante deveriam ser montadas em torno do “conceito de heroísmo em sua forma alemã, ligados à ideia de liderança”. Em breve os estudantes estavam às voltas com redações sobre tópicos como “Hitler: o realizador da unidade alemã”, “a revolução nacionalista como o começo de uma nova era”.

O estudo da história não seria mais visto para se compreender o passado, ou revisitar estes fatos do passado, mas sim para o futuro alemão e a sua supremacia perante os demais povos. Sendo, também, que este ensino apenas tinha o foco nos germânicos puros, desta forma marginalizava os demais indivíduos formadores da história, ou seja, a história, neste contexto, apenas era ensinada pela visão alemã e do Nazismo.

O ensino da geografia também havia sofrido mudanças drásticas em sua concepção, pois era focado nos territórios nazistas, nos territórios dos judeus e, sendo passado pela ideologia alemã às demais crenças e povos.

Outra disciplina que também merece destaque é a da língua materna, o alemão; além de abandonar os clássicos da literatura, por serem considerados indignos de entrarem para a reformulação do Reich, sempre deveria em seus livros enaltecer a figura de Hitler. E pela falta de bibliografia e dificuldade dos professores

em encontra-la, os livros fornecidos às escolas eram produzidos pelos membros do partido.

Já com a disciplina das ciências naturais tinha um enfoque na biologia; os professores puderam melhor contribuir para (alienar) os seus alunos, pois podiam através dela construir os ideais nazistas, até porque foi com essa disciplina que mais focavam nos estudos raciais. Conforme nos destaca Bleuel (1972 apud VICENTE; WITT, 2018, p. 78), as aulas de Biologia eram usadas justamente para demonstrar e anunciar a importância dos conhecimentos étnicos para a futura projeção do Reich. Ali se objetivava reforçar ainda mais os ideais nazistas e perceber a importância da genética, do sangue puro alemão e da hereditariedade, ou seja, de que a árvore genealógica da família tem suma importância para serem considerados de fato alemães puros.

Outra disciplina com bastante destaque no Reich foi a de ciências raciais e eugenia, pois esta disciplina foi acrescentada ao currículo para que os alunos ali percebessem a importância de sua raça ariana, bem como, desenvolvessem nessas aulas noções para descobrirem as demais raças, através da observação. Foi a partir desses estudos com a eugenia que os jovens aprendiam que eram *Herrenrasse* (raça superior), e por conta disso, os mesmos iriam dominar o mundo; a aula também contava com exercícios práticos, como já mencionados acima, para a diferenciação das demais raças e principalmente a do judeu.

Visando exercitar o olhar da criança para julgar rostos estrangeiros, acrescentavam-se as sessões mais práticas ainda de mensuração da caixa craniana a que se entregavam mutuamente os alunos, nas salas de aula. Tratava-se de ora aprender a descrever a expressão frouxa e dissimulada de seus camaradas judeus, ora de aprender a reconhecer os mais belos espécimes da raça nórdica ou ariana (MICHAUD, 1996, p. 294 apud VICENTE; WITT, 2018, p. 79).

Para os nazistas, a raça significava a alma, pois muitos poderiam tentar enganar que em sua essência eram arianos, mas a partir dessas aulas e com a observação não apenas do físico, eles esperavam identificar com maior precisão.

Até mesmo as disciplinas exatas, como física e matemática sofreram interferência, porque nessas aulas conforme explica Evans (2011 apud VICENTE; WITT, 2018, p. 79), houve uma reorientação da disciplina de física para compreender em seus estudos, tópicos militares, tais como, balística, aerodinâmica

e radiocomunicação. Os exemplos e explicações dessas disciplinas se davam a partir de situações da esfera social, como os gastos que o Estado tinha com os doentes mentais, a aniquilação de judeus em números, porcentagem, estatísticos e outros.

Por fim, a disciplina que também sofreu uma forte interferência, foi a de ensino religioso; a mesma não era mais ministrada por padres ou freiras, mas sim por professores que passavam aos alunos a doutrina do nacional-socialismo. Isso nos mostra que, o Reich não só reformulou a metodologia das escolas como também seu material didático, o treinamento de professores e a forma geral de como o ensino era concebido nas escolas.

Portanto, este capítulo apresenta uma ideia geral da eugenia, destacando o seu sentido clássico que fundamenta a ação do nazismo para defender a raça pura e combater as raças consideradas impuras. Além de todas as intervenções, o sistema educacional se mostrava um espaço importante para difundir o ideário e as práticas da eugenia. Assim, a partir dessa discussão, no próximo capítulo, passamos a tratar do Programa Lebensborn.

3. PROGRAMA LEBENSBOHN

O presente capítulo aborda em sua gênese as questões de Lebensborn, desde a sua criação, a partir do braço direito do *Führer*, Heinrich Himmler, seguindo até os seus reflexos na vida das crianças de Lebensborn, aqueles e aquelas que foram sequestrados, tirados de seus países e cidades de origem e repatriados em um novo país.

Esta discussão é feita a partir da história de Ingrid Von Oelhafen ou Erika Matko, conforme está em sua certidão de nascimento, uma das filhas de Lebensborn que lutou para encontrar a sua verdadeira origem, através de décadas. Assim, usamos as memórias dessa sobrevivente, os documentos de época extraídos do livro “As crianças esquecidas de Hitler- A verdadeira história do programa Lebensborn”. Ademais, nesta parte buscamos esclarecer o que foi esse programa, pois em nossa literatura acadêmica e em trabalhos que retratam o nazismo e o holocausto pouco se fala ou se produz sobre Lebensborn, sendo até a atualidade, ainda, um tabu em terras alemãs.

3.1 Origens do Programa Lebensborn

Ingrid Von Oelhafen ou Eika Matko, em seu livro²¹ escrito em parceria com o escritor Tim Tate, diz que tudo que envolveu o regime nazista foi baseado em sangue. Os alemães (nazistas) e simpatizantes da causa tinham uma obsessão pelo sangue e pela sua raça ariana, mesmo que essa nunca tivesse um verdadeiro viés científico²².

Antes de entrarmos na história de Ingrid Von Oelhafen, cabe elucidar alguns pontos do que serão objetos de estudo deste texto, tais como, quem é Ingrid Von Oelhafen, como surgiu o livro, em que contexto a personagem viveu e o que é de fato Lebensborn, essa organização que originou o programa que separou milhares de crianças de seus verdadeiros pais.

²¹Livro base desse capítulo - As Crianças Esquecidas de Hitler - A verdadeira história do Projeto Lebensborn, escrito por Von Oelhafen e Tate, publicado em 2016.

²²A eugenia e as práticas eugênicas no período nazista e também até meados do século XX ainda eram consideradas uma prática científica e de valor científico para a sociedade ocidental.

Inicialmente, vale destacar que Ingrid Von Oelhafen ainda é viva e escreveu este livro após seus 70 anos; na publicação do mesmo ela estava com 74 anos de idade; este livro é a fonte de suas memórias e a busca de sua identidade; essa busca levou mais de 30 anos, como veremos no desenrolar deste capítulo. Neste relato resolvemos seguir a cronologia de nossa fonte primária - o livro de memórias de Von Oelhafen - que irá narrar desde o rapto de Von Oelhafen ainda como Érika Matko, no extinto país da Iugoslávia no ano de 1942²³, quando esse país já estava sob a ocupação nazista; após o desenrolar da Guerra, a família Von Oelhafen é dividida pela Guerra Fria e busca escapar do território soviético, por medo de represálias.

Como Lebensborn não estava tendo o sucesso imaginado pelos líderes nazistas²⁴ e com o aval de Heinrich Himmler a cada nova conquista nazista eram feitas seleções de bebês e crianças, e aquelas que possuíam um valor racial com características arianas como foi o caso de Érika Matko (Ingrid Von Oelhafen) eram “retiradas” de suas famílias e realocadas em novas famílias tradicionais alemãs.

Como resultado desse rapto, a ainda então Érika Matko foi entregue aos cuidados dos Von Oelhafen, o casal Gisela e Hermann²⁵, nascendo assim Ingrid Von Oelhafen; ela só descobriu parte de seu passado na pré-adolescência, mas, apenas descobre a sua verdadeira origem, ainda não totalmente, após o falecimento de sua mãe de criação, no final dos anos 90.

A priori podemos definir Lebensborn, com a contribuição de Von Oelhafen e Tate (2016 p. 104) da seguinte forma:

As leis de Nuremberg e os certificados raciais bizarros que se organizaram delas foram não só os primeiros alicerces da decisão nazista de chegar a uma “Solução Final” para a população judaica – o Holocausto –, mas também os principais pilares do outro lado da população de extermínio dos judeus: o programa para criar uma nova raça dominante, formada por arianos de sangue puro, que governaria o Reich de Mil Anos de Hitler. Lebensborn era a organização que possibilitaria esse resultado; e Heinrich Himmler foi seu arquiteto.

²³O país batizado como Iugoslávia foi, após os anos oitenta, desintegrado e hoje o seu espaço pertence aos países da Sérvia e Montenegro.

²⁴Questão essa que será mais bem discutida nos próximos subtítulos.

²⁵O casal descrito foram os adotantes de Érika Matko, sendo que após o seu rapto a mesma se transformou em Ingrid Von Oelhafen.

Com a permissão do *Führer* nazista e como bem colocado pelos autores, Himmler foi o arquiteto de Lebensborn aquele que encabeçou desde o início do programa sua filosofia e diretrizes de funcionamento²⁶; homem esse que de um lado autorizava as matanças sem precedentes do Holocausto e da “Solução Final” ao problema judeu, mas que de outro lado estava possibilitando a geração da vida de novas crianças numa das melhores estruturas e isso relacionado às Casas Lebensborn, que dispunham de prédios e instalações com tecnologia de ponta e em locais privilegiados que a pátria alemã poderia lhes possibilitar, ou seja, nessa Guerra para os nazistas a sua balança era clara, “dois pesos, duas medidas”, eles separavam a todo o instante o que consideravam o “joio” do “trigo”, pois para os alemães nazistas tudo sempre girou ao redor do sangue e de uma obsessão pela genética e uma preza racial que a envolvia.

Com isso, o subitem a seguir, tratará do início de Lebensborn e da história de Von Oelhafen, narrando primeiramente o seu sequestro na então Iugoslávia, para posteriormente adentrarmos no programa em si e na busca desta personagem, com documentos e auxílio de diversas pessoas e órgãos governamentais e não governamentais.

As histórias de Ingrid Von Oelhafen e Lebensborn se cruzam na antiga e extinta Iugoslávia, no ano de 1942, após o a ocupação nazista. Os novos governantes alemães convocaram entre os dias três e sete de agosto do ano em questão, todas as mulheres e crianças para uma escola da região, com um pretexto de exames médicos (VON OELHAFEN; TATE, 2016). Contudo, logo que elas chegavam eram presas e obrigadas a esperarem por horas para realização dos exames; exames estes que iriam definir o valor racial daquelas crianças e bebês, ou seja, estes estavam sendo avaliados para possível sequestro e serem enquadrados dentro do Programa Lebensborn, onde iriam passar após a seleção pelas Casas Lebensborn e posteriormente colocados para a adoção, para que fosse realizado o processo de germanização.

Nesse período, cabe destacar que a Iugoslávia já estava há 16 meses sob os domínios nazistas, sendo que após a dominação ou conquista do país, os alemães proibiram a língua materna (eslovena) por medo de resistência. Entretanto

²⁶Questão essa que será aprofundada nos próximos subitens.

houve resistência, porém, no ano de 1942, o segundo homem mais poderoso do Reich, Heinrich Himmler, ordenou de uma vez por todas o fim da resistência no seguinte comunicado:

Esta campanha possui todos os elementos necessários para tornar inofensiva a população que apoiou os rebeldes e lhes deu recursos humanos, armas e abrigo. Os homens dessas famílias, e, em muitos casos, inclusive seus parentes, devem ser mortos, as mulheres, presas e levadas para os campos de concentração, e as crianças, retiradas de sua terra natal e alojadas nos territórios do antigo Reich. Aguardo um relatório especial sobre a quantidade de crianças e seus valores raciais (HIMMLER, 1942, apud VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 15. Grifo nosso).

A partir da análise deste documento é possível notar em suas últimas linhas um interesse diferente pelas crianças eslavas e o seu valor racial, que seriam descobertos muitos anos mais tarde. Com essa ordem dada, mais de 1.262 pessoas, muitas delas familiares dos mortos (VON OELHAFEN; TATE, 2016), aguardavam pelo seu destino no pátio daquela escola.

Entre todos aqueles que ali esperavam pelos próximos acontecimentos, estava uma família de Sauerbrunn, um pequeno vilarejo, da qual tinha como pai Johann Matko²⁷, a sua esposa Helena e seus três filhos – Tanja, uma menina de 8 anos, Ludwig, um menino de 6, e Erika, um bebê que nessa época estava com 9 meses (VON OELHAFEN; TATE, 2016).

Após, todas as 1.262 pessoas se apresentarem, os comandantes do local as dividiram em três grandes grupos: mulheres, homens e crianças; os oficiais arrancaram as crianças de suas mães e os separavam, para muitos ali uma separação que duraria anos e mais anos.

Enquanto as mães esperavam do lado de fora, os oficiais nazistas começaram a fazer um exame básico das crianças. Munidos de pranchetas e formulários, eles anotavam cuidadosamente as características físicas e faciais de cada uma delas. As anotações não diziam respeito a “exames médicos” no sentido comum, mas sim a avaliações grosseiras de “valor racial” baseadas em quatro categorias. Himmler havia descrito como seria a aparência de uma criança de verdadeiro sangue alemão, e quem se enquadrava em seus rígidos critérios era colocado nas categorias 1 e 2: em termos formais, isso significava que elas tinham potencial para serem incluídas na população do Reich. Em contrapartida, qualquer pista ou traço de características eslavas, e certamente qualquer sinal de uma “herança judaica” fazia a criança ser relegada ao *status* racial mais baixo das

²⁷Família consanguínea de Ingrid Von Oelhafen.

categorias 3 e 4. Classificadas como *Untermensch* (sub-humano), elas não tinham nenhum valor, exceto como futura mão de obra escrava para o Estado Nazista (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 16).

Como bem relata Ingrid, em seu livro, as seleções duraravam até o dia seguinte, restando de todas as crianças que teriam feito o exame apenas 430 sendo divididos em bebês e até crianças com 12 anos de idade; o restante que foi considerado inapto ou como bem explicitado na contribuição acima como *Untermensch* foram devolvidos para suas famílias. Mas, estes 430 “escolhidos” foram recolhidos por enfermeiras da Cruz Vermelha Alemã e levados de trem até um *Umsiedlungsger* (campo de trânsito), localizado em *Frohnleiten*, uma cidade austríaca.

Entretanto, os mesmos não ficaram nesses campos de trânsito por muito tempo, pois após as primeiras seleções como as feitas na Iugoslávia, as próximas, ainda realizadas no Campo de trânsito não foram mais tão rústicas como as iniciais, pois vinham peritos do Reich, onde mediam os narizes das crianças e eram comparados ao formato tido como ideal aos nazistas; também eram medidos pelos peritos os lábios, genitálias e toda a parte do corpo, pois, dessa forma eram separados, de forma mais aprimorada, aqueles com traços de judeus ou de qualquer outra nacionalidade, dos que possuíam um “sangue bom”; os que eram constatados como “sangue ruim” acabavam por ser levados à campos de reeducação e os demais como foi o caso de Ingrid Von Oelhafen eram enviados para as Casas Lebensborn²⁸ que eram espalhadas pela Alemanha (VON OELHAFEN; TATE, 2016).

As crianças mais velhas que entraram na lista das categorias 3 e 4 foram enviadas para campos de reeducação na Baviera, bem no centro da Alemanha Nazista. As melhores crianças, atribuídas às duas primeiras categorias, seriam entregues no momento certo, a um projeto secreto liderado pelo próprio *Reichsführer* (literalmente “chefe supremo” da SS). O projeto se chamava Lebensborn, e entre as crianças entregues aos seus cuidados estava uma bebezinha de 9 meses chamada Erika Matko (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 17).

²⁸No livro não se dá ao certo para qual Casa Lebensborn Ingrid foi enviada após o rapto, mas no apogeu de Lebensborn tinham mais de 20 casas espalhadas por toda a Europa conquistada pelos nazistas.

Com isso, e para toda a família Matko e Von Oelhafen (posteriormente) nascia Lebensborn, o projeto que sequestrou milhares de crianças ao longo de sua existência, que separou famílias em alguns casos para sempre, devido aos encaminhamentos dados por Hitler e seus perpetradores. Mas, para Erika Matko (Ingrid Von Oelhafen) anos mais tarde, o projeto significaria uma busca por respostas e soluções de sua verdadeira origem, bem como, iria descobrir que para os alemães nazistas a palavra mais importante de seus dicionários era raça e sangue.

Apesar de todos os esforços recorridos por Hitler e seu exército, a Alemanha perde a Segunda Guerra Mundial e no dia 7 de maio de 1945, o general do exército alemão Alfred Jodl, assina a rendição incondicional do Reich de mil anos de Adolf Hitler (esse se matou dias após a rendição da Alemanha em seu *bunker* na capital Berlim).

Mas o que isso significaria para Ingrid Von Oelhafen e toda a sua família? Significaria que a partir dali a Alemanha e toda a Europa estavam iniciando o ano “zero”, e principalmente, isso valia para a Alemanha que, diferentemente da Primeira Guerra Mundial, na qual assinou os acordos de culpa e pagou um alto valor de multa as demais potências, agora seria dividida pelas quatro grandes potências que tomaram conta do território alemão: Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e União Soviética (VON OELHAFEN; TATE, 2016).

No início da divisão territorial da Alemanha, bem como nos primeiros anos de “gestão” das potências sobre seus territórios, os quatro países se auxiliaram nos processos de desnazificação²⁹, de organização do pessoal e de traçar os limites de cada espaço que os pertencia após a divisão. Entretanto, os planos para a “nova Alemanha”, com o passar dos tempos se tornaram muito distintos, pois os Estados Unidos, a França e a Grã-Bretanha tinham um interesse mais em questões territoriais e acabaram por facilitar a organização dos alemães e o combate ao nazismo se deu por salvo-conduto, pois as pessoas assinavam nunca terem

²⁹Processo esse para dissipar todo e qualquer vestígio dos nazistas em teoria, pois cada potência assumiu o processo como mais lhe agradava, sendo que, os Estados Unidos da América dava o *Status* de “bom cidadão” alemão e sem envolvimento com o nazismo apenas pelo preenchimento de formulários, a potência mais dura e que realizou uma “Caça as Bruxas” ao nazismo foi União Soviética, sendo que qualquer pessoa que tivesse relação com o nazismo iria para os Campos do Silêncio, locais bem parecidos com os Campos de extermínio dos nazistas.

participado de nenhuma organização do antigo Reich. Entretanto, para os soviéticos a questão da desnazificação era mais profunda e mais densa.

Contudo, cabe ressaltar o legado deixado do nazismo para a Alemanha que, segundo Von Oelhafen e Tate (2016, p. 23):

Um país faminto e morrendo de inanição; uma população reduzida à luta desesperada por sobrevivência, em que homens, mulheres e crianças consumiam, quando muito, metade das calorias necessárias para viver. Um país abatido e semidestruído, cuja existência havia sido dizimada por completo.

A questão da comida, para os Estados Unidos, por exemplo, foi um dos motivos por não terem sido tão rígidos no processo de desnazificação, porque para os americanos assumirem aquele pedaço de terra por completo, teriam mais prejuízos do que vantagens, pois as estradas de ferro estavam destruídas, levar alimentos era quase que um desafio total e as forças armadas que ali lutaram estavam exaustas naquele contexto de pós-guerra.

Com relação a essa questão de comida, com o passar do tempo e isso na zona soviética principalmente se agravou, pois sem as linhas férreas e com o exército para alimentar, os cartões de comida para os civis eram cada vez piores; é nesse contexto inicial que se encontravam a mãe adotiva de Ingrid Von Oelhafen e seu irmão também adotivo (mas dados esses que a mesma demora anos a descobrir), sendo que Gisela, a mãe de Ingrid tomada pelo medo de represálias e por estar longe de seu marido Hermann começa a refletir sobre um possível plano de fuga.

Mas foi a comida - ou melhor, a falta dela - que, quase da noite para o dia, se tornou a principal preocupação. Os cartões de racionamento emitidos pelo derrocado Estado nazista perderam valor; as provisões antes disponíveis, já escassas no final da guerra, agora eram reivindicadas pela SMAD³⁰ para alimentar o exercito vermelho. Nas cidades de todo o país, a fome e o medo passaram a definir a existência das pessoas (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 33).

³⁰SMAD- Na tradução literal ao português equivale a: Administração Soviética na Alemanha, sendo que as iniciais estão no idioma alemão.

Contudo, ainda um maior medo que assolava, principalmente, a área russa era, além da fome, os estupros, pois após a chegada dos soviéticos, as mulheres alemãs pagaram a “conta” pelos horrores do Reich nazista, como vemos abaixo:

Durante todo o ano de 1945, à medida que o Exército soviético invadia a Alemanha, seus soldados se tornaram mestres em dizer uma frase acima de todas as outras: *Komm, Frau* (literalmente, “venha mulher”). Uma ordem que não tolerava desobediência e levava a mesma conclusão inevitável. Dezenas de milhares de alemãs - talvez dez vezes mais do que isso - pagaram com o próprio corpo o tratamento estarrecedor e brutal dado por Hitler às cidades e ao povo da Rússia. O estupro era tão comum no setor soviético – tanto que deixou de ser notícia – que para mulheres e garotas entre a puberdade e a idade adulta, a questão não era se elas tinham sido violentadas, mas sim, quantas vezes (VON OELHAFEN; TATE 2016, p. 32).

Nesse ponto, a mãe de Ingrid Von Oelhafen, Gisela estava atormentada, pois as mesmas estavam vivendo no interior de Mecklenburgo, área rural que tinha o conforto de uma casa burguesa; mas a questão de segurança a preocupava muito, pois se o Exército Vermelho desconfiasse de sua ligação com os alemães, além dela vir a ser violada seria deportada para um dos campos de silêncio.

Contudo, a outra parte da família de Gisela e seu marido Hermann estavam nas zonas britânicas e americanas, que estavam melhores para viver, e com todo o medo dos russos, segundo relatos de Von Oelhafen, sua mãe decidiu no ano de 1947 fugir dali, para se safar e não passar pelos os horrores que os alemães estavam vivendo na zona soviética.

3.2 Fuga e descoberta de uma infância roubada

Ingrid Von Oelhafen descreve sua mãe e seu pai de criação:

Gisela estava com 31 anos: jovem, linda, radiante - apesar do aspecto frágil e privilegiado de sua classe - e bela. Também estava casada – e, ao que se revelou com o tempo, nada satisfeita. Hermann Von Oelhafen era soldado de carreira. Teve a honra de servir na Primeira Guerra; foi gravemente ferido em 1914, de novo em 1915 e, depois de sofrer seu último ferimento em 1917, foi condecorado com a Cruz de Ferro por seu sofrimento. Assim como Gisela, suas origens eram aristocratas; tanto pai como mãe ostentavam em seus sobrenomes o simbólico *von* – significante de classe alta. Enquanto Gisela era jovem e cheia de vida, Hermann era o exato oposto. Ele era 30 anos mais velho que Gisela e sofria ataques epiléticos graves. Não sei dizer se os ataques eram a causa de sua natureza mesquinha e irritadiça, mas tenho certeza de que o casamento –

consumado em 1935, durante os primeiros anos otimistas do reinado de Hitler – acabou efetivamente em 1935. Da minha infância até quase adolescência, vi meu pai pouquíssimas vezes; enquanto vivíamos na casa de campo de *Bandekow*, Hermann morava a um quilometro de distância na cidade bávara de *Ansbach* (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 25-26).

Com este relato de Ingrid já se pode constatar que as relações com seu pai nunca foram das melhores; e após a fuga de sua mãe com ela e seu irmão mais novo, Dietmar, as coisas entre eles não melhoram, pois o que marca a garota durante toda a sua infância e adolescência e, principalmente, após o fim da guerra foi uma grande falta afetiva e de laços com seus pais, porque além de viver em um lar sem afeto percebia a distância afetiva entre seus pais e para com eles: Ingrid e Dietmar.

Contudo, posteriormente à morte de sua mãe de criação, no ano de 2002, Ingrid Von Oelhafen descobre que ela mantinha uma espécie de diário secreto sobre o desenvolvimento da menina, onde a mesma localizou trechos escritos da fuga deles para uma área de segurança no pós-guerra.

Na primeira página, uma foto minha em preto e branco, descalça e de shorts, com a legenda: *Bandeknow – Ingrid, meados de 1944*. Entre uma página e outra há um envelope com data de 4 de junho de 1944 – contendo segundo anotação de minha mãe – algumas mechas do meu cabelo. Se esse parece o início de um diário convencional do tipo que qualquer mãe afetuosa guardaria como registro de infância da filha, o restante logo desfaz essa impressão. Em primeiro lugar, há poucas anotações – umas cinco no máximo, para cada um dos cinco anos em que minha mãe se ocupou em escrevê-lo. Mas, além da concisão, esses registros têm outra curiosidade: todas foram escritas em terceira pessoa. Do começo ao fim, Gisela nunca se refere a si mesma como “eu”, e sim como *Mutti* – palavra coloquial alemã que significa “mamãe” (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 37-38).

Já pela forma que Ingrid se sentia pelo tratamento que sua mãe lhe dava e pelos relatos do diário é possível constatar que Gisela não se sentia de fato mãe da menina, mas apenas uma guardiã da mesma, pois como já mencionado pelos relatos de Von Oelhafen (2016), aparentemente não havia laços afetivos, algo que após a fuga da zona soviética, apenas aumentou.

O que cabe aqui destacar é alguns escritos de Gisela no diário sobre a filha e a sua evolução de crescimento, gênio e outras características, tais como:

[...] O estilo de escrita curiosamente alheio parece enfatizar que minha mãe tinha dificuldades de corresponder ao estereótipo materno, além de confirmar a distância que eu sempre senti entre nós. Mesmo assim, o diário me dá uma ideia do tipo de criança que fui. A anotação do dia 11 de novembro de 1944, meu aniversário, diz: “hoje Ingrid completa 3 anos. Não é alta para sua idade, mas está crescendo e progredindo maravilhosamente, além de ter uma constituição saudável. Tem uma vontade forte e predisposição ao temperamento violento. Sua personalidade é calma e persistente. Não presta atenção em quem não conhece: nesse ponto, seu ego de criança assume papel principal e exige um pouco mais de seu pequeno mundo.” A anotação do mês seguinte, com data de um mês depois, parece indicar meu desejo de conquistar o afeto dela. Por motivos não revelados, ela me deixou sozinha com Dietmar no horário do almoço; quando voltou percebeu que “Ingrid, com uma cara séria, estava muito ocupada dando comida para o irmão, do jeitinho que a mamãe sempre faz” (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 38).

Com estes relatos e a fala de Von Oelhafen e Tate (2016), na qual ela relata que foi um fracasso na infância para sua mãe de criação, pois no diário havia poucos escritos e o número diminuiu no pós-guerra, tendo encontrado após 1945 apenas cinco registros de acontecimentos neste diário. Desta forma, a autora acredita que além de todo o distanciamento com a sua mãe de criação em questões afetivas e de comunicação, ela já não lhe dava orgulho desde a tenra infância, porque no diário havia escrito pouquíssimos relatos sobre Ingrid e seu desenvolvimento; e isso no pós-guerra praticamente cessou.

Ao chegarem ao destino de sua fuga, a mãe Gisela deixa as crianças em um abrigo logo após atravessarem a fronteira soviética, no ano de 1947. Entretanto, as duas crianças já estiveram em um abrigo, no ano de 1945, devido a um colapso nervoso da mãe, que segundo Ingrid, foi devido ao exercito vermelho, o medo do estupro ou que descobrissem algo que a ligassem ao Projeto Lebensborn; um pouco antes da fuga, Gisela escreve no diário da seguinte forma: “1º de maio de 1947”. O papai leva as crianças para o abrigo infantil em *Lobetal*. Mamãe quer atravessar a fronteira ilegalmente (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 39).

Em outro trecho do diário, Gisela retrata que Ingrid é mais próxima da avó e possui mais amor pela mesma do que por ela que é a sua mãe. A fuga da mãe com as crianças ocorre no dia 30 de junho de 1947; o primeiro trecho da viagem em busca pela “liberdade” começa de carroça até a cidade de *Lubtheen*³¹, a uns 25 km

³¹Todas essas são cidades alemãs, onde a família Von Oelhafen passa durante a sua fuga da zona soviética, para a zona britânica no pós-guerra.

donde estavam; no dia seguinte Von Oelhafen relata não saber como, mas o pai as encontrou para prosseguirem na viagem; eles se juntaram de carro para esse trecho da viagem com destino à cidade de *Ludwigslust*, no Leste alemão; e como relata Ingrid Von Oelhafen em suas memórias foi o último momento que passaram juntos como uma família, pois o pai os deixou na estação de trem com destino *Magdeburgo*.

No diário de Gisela, a única informação sobre o ocorrido é que o pai das crianças colocou Dietmar e Ingrid nos braços dela (a mãe) e ficou na plataforma acenando de forma tímida (VON OELHAFEN; TATE, 2016). Chegando à cidade de *Magdeburgo* o diário de Gisela não fornece nenhuma informação se passaram a noite em algum lugar, somente que passaram um dia e uma noite lá, e seguiram para o vilarejo de *Gehrendorf*, pois ali naquele vilarejo tem o rio *Aller*, sendo este a fronteira entre o lado soviético e o britânico e a última parte da viagem da família. Gisela atravessou o rio com as duas crianças e descreveu em seu diário apenas que a temperatura estava altíssima e registrou que além de Ingrid ser muito corajosa realizou a travessia sem reclamar (VON OELHAFEN; TATE, 2016).

Após estarem na segurança do lado britânico, as crianças acompanharam sua mãe até a cidadezinha de *Wunsdorf*, pois nesse trecho Gisela entrega as crianças para o abrigo infantil de *Loccum*, registrado no diário com a data 4 de julho.

Ela havia tirado Dietmar e eu da zona soviética e nos levado para o território menos perigoso no setor britânico. Mas esse foi o limite de sua proteção maternal. Tão logo nos deu segurança, nos abandonou aos cuidados de outras pessoas. Assim, minha segunda noite de liberdade acabou nos arredores de um abrigo para crianças indesejadas. Eu passaria os próximos seis anos – sozinha e isolada – aos cuidados da Igreja. Na verdade, minha nova vida começará exatamente do mesmo jeito que a antiga: fria e apavorante (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 43, grifo nosso).

Von Oelhafen, ainda relata pelas suas memórias as lacunas de uma vida sem a mãe, bem como, salienta até aonde ia a sua proteção e cuidado com as crianças; esse cuidado não iria muito longe, pois enquanto Hermann estava na zona americana em segurança e ela em Hamburgo com a sua família, seus filhos foram destinados a um abrigo, que como relata a mesma era para crianças indesejadas.

Desta forma, torna-se claro constatar que a grande maioria dos filhos de Lebensborn pode ter passado por esta situação em um pós-guerra, pois não eram

crianças desejadas, mas apenas um número para o Reich que compensaria futuramente as famílias que os acolhessem, seja em marcos do reich e com o exército de mil anos de Hitler; as famílias que acolheram esses filhos de Lebensborn, em sua grande maioria, apenas fizeram isso por lealdade a seu *Führer*, mas de forma alguma queriam estas crianças.

No abrigo, Ingrid relata que uma de suas primeiras lembranças do espaço foi a de uma laranja em fragmentos e a mesma deitada no chão de um trem, passando frio, pois mesmo estando agasalhada e coberta o frio estava presente e a de um rato passando sob seus pés (VON OELHAFEN; TATE, 2016).

Estou sentada numa mesa de jantar comprida, de madeira. Há muita gente por perto, crianças e adultos. Sei que a maioria dos adultos é de homens e mulheres sem-teto que foram convidados para passar o dia; as crianças, no entanto, moram no prédio. Cada pessoa recebe uma bandeja com frutas, incluindo uma única laranja como tratamento especial. Eu sei o lugar e a época dessa lembrança. O ano era 1947, eu estava quase completando 6 anos. A sala com a mesa comprida ficava no abrigo para onde eu e Dietmar fomos despachados. Era dia de natal. O abrigo era dirigido pela Igreja protestante e se chamava *Nothelfer*, que significa “ajudai-nos em nossa aflição”. Havia 65 meninos e meninas morando ali, todos com menos de 10 anos (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 45-46).

Nesse espaço, a maior parte das crianças era constituída por aquelas que tinham perdido seus pais ou familiares pela Guerra, pelo antissemitismo Nazista ou até mesmo se perdido nas migrações para outros locais; entretanto, a questão de Ingrid e Dietmar era diferente, pois eles tinham pais vivos e que sabiam onde eles estavam, mas apenas não os queriam por perto.

Ingrid relata que as irmãs que cuidavam desse abrigo onde estavam, os puniam com castigos morais, psicológicos e físicos, em *Nothelfer*, caso desobedecessem alguma norma, se urinassem na cama, se fossem crianças de fato com as suas brincadeiras como escorregar nas dunas; uma daquelas irmãs andava com uma varinha e batia nas nádegas das crianças durante as punições (VON OELHAFEN; TATE, 2016).

Contudo, os pais das crianças os visitavam de tempos em tempos; mas Gisela e Hermann estavam separados, cada um vivendo em sua casa e seu espaço; Hermann havia também se mudado do setor americano, para o balneário em *Bad Salzflun* na *Vestfália*, que era pertencente da zona britânica e Gisela continuava a

viver em Hamburgo com uma nova vida e acompanhada da tia Eka³² e da governanta. Nesse meio tempo, Gisela engravidou de um namorado e não de Hermann, apesar deste novo filho ter sido registrado com o sobrenome Von Oelhafen.

Uma das questões levantadas no livro e nos relatos de Von Oelhafen (2016) indaga para os motivos de sua mãe terem os abandonado após a passagem para o lado britânico; e que logo de início a mesma e a família dividiam a casa com os soldados britânicos e ao que parece Gisela tinha medo do passado de Ingrid ser descoberto e o seu envolvimento com uma organização nazista também; porém, após a saída dos soldados, as crianças permaneceram no abrigo até o ano de 1952.

A falta da mãe pode ser observada em nossa fonte, inclusive isso foi notado pelas irmãs, como se pode notar no relato a seguir:

Estimada senhora, Gostaria de acrescentar algumas frases à carta que Ingrid lhe escreveu. Comecei a me preocupar com ela há algumas semanas. Ela sente uma saudade profunda da “Mamãe”. Todos os dias fala na “Mamãe”, ou pergunta: “A senhora me permite visitar a Mamãe? Eu queria muito vê-la. Tia Emi, a senhora acha que poderei sair da Ilha e ficar um pouco com a Mamãe? Ingrid está comendo muito pouco e se sente infeliz, em minha opinião, o motivo dessa calamidade é a falta que ela sente da Mamãe. Nos estudos Ingrid é uma das melhores. Ela se esforça bastante. De modo geral é uma menina adorável! Sinto que é meu dever lhe informar sobre isso. Saudações cordiais, *Schwester* (Irmã) Emi³³ (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 48).

Ela também relata que não se recorda se sua mãe respondia ou não as cartas, mas anos após a sua morte localizou as cartas guardadas; nisso é possível notar um sentimento com a filha adotiva; Gisela sentia ao menos uma estima pela garota. Em seus arquivos Ingrid Von Oelhafen também localiza outra carta que escreveu para sua mãe, mas estava sem data:

Querida mamãe,
Muito obrigado pelo pacote. Vou escrever só um pouco hoje. Mamãe, por favor, me leve embora para sempre. Sinto muita saudade de você, da vovó e da tia Eka. Eu sempre choro se alguém fala de você ou se penso em você. Não consegui comer na viagem (de volta para *Lengeoog*). Continuo

³²Irmã de Gisela Von Oelhafen.

³³Carta enviada aos pais de Von Oelhafen no de 1947, pela irmã (ou madre superiora) nomeada na obra como Irmã Emi, o local de envio foi o abrigo de *Nothelfer*, na ilha de *Langeoog*, localizada a 10km da costa da Alemanha e a 200km da cidade de Hamburgo, onde estava a mãe das crianças Gisela Von Oelhafen.

com o chocolate e os dois marcos. Por favor, escreva o mais rápido que puder para as autoridades e diga que posso sair da ilha. Christa (outra menina do abrigo) vai sair daqui este mês ou no próximo. Mas eu quero ir embora este mês! Dietmar me disse que ganhou um monte de frutas e doces. Ele me provoca muito e pergunta: “Por que você não ficou em Hamburgo?” Quero tanto sair daqui. Mamãe, por favor, dê um jeito de eu ir embora. Christa me disse que também chorava muito quando se separava dos pais. Muitos beijos e abraços de Ingrid. Não escreva para o papai contando que escrevi esta carta. Mamãe, minha querida Mamãe, por favor, venha me buscar³⁴ (VON OELHAFEN; TATE, p. 48-49, 2016).

Esse relato da jovem Ingrid Von Oelhafen mostra uma criança desesperada por afeto e carinho, bem como a saudade que sente de sua mãe, a quem sempre recorreu, mas durante toda a sua estada no abrigo não teve devolutivas de sua mãe nas cartas enviadas, mas conforme salientam, as cartas eram entregues a Gisela Von Oelhafen, pois após a sua morte, no ano de 2002, as mesmas foram localizadas por Ingrid Von Oelhafen nos documentos de sua falecida mãe. Esses documentos continham uma espécie de diário que registrava informações, desde a chegada de Ingrid a casa dos Von Oelhafen até o ano de 1949, quando cessam as escritas. Esse diário acompanhou Gisela em sua passagem do lado soviético ao britânico; fazemos menção ao mesmo durante o texto e sobre as vagas escritas de Gisela sobre a menina no documento.

Acreditamos que o diário foi uma contrapartida dos alemães nazistas ao entregarem as crianças do Programa Lebensborn a suas novas famílias. Pois, como acreditava que essas crianças eram “super-humanas” e diferentes das demais raças e crianças normais, ou sub-humanas, necessitavam de registros de seu desenvolvimento, desde a mais tenra idade até o início da adolescência, uma espécie de controle e também de poderem observar o desenvolvimento das cobaias de Lebensborn e em como se saíam em emoções e processos de desenvolvimento, tais como, andar, falar e outros aspectos gerais.

Contudo, e como já mencionado acima, os registros no diário de Ingrid Von Oelhafen cessam no ano de 1949, enquanto a menina estava no abrigo de *Langeoog*. Uma das causas, ao pesquisar a história e os relatos de Von Oelhafen sobre o esquecimento do diário por parte de Gisela, estaria relacionada ao fato dos Nazis terem perdido o confronto mundial e o Programa deixar de existir; dessa

³⁴Carta enviada por Ingrid Von Oelhafen do abrigo para sua mãe em Hamburgo, não possui uma data precisa, mas como consta no livro de memórias da autora foi entre os anos de 1947 a 1949.

forma, os registros e o próprio documento haviam perdido o sentido. Porém, essas informações somente são descobertas por Ingrid Von Oelhafen, após a morte de sua mãe, quando vasculhava seus pertences e documentos.

As crianças saem do abrigo no ano de 1952, mas quem os busca não é Gisela, mas sim Hermann que nesta altura já estava com 68 anos, muito doente e triste pela perda da esposa, perda essa dada não pela morte da mulher, mas sim pela separação dos dois, pois o último momento dos dois como “casal” se deu na fuga de Gisela e das crianças da zona soviética; conforme relatos de Von Oelhafen, seu pai “não possuía o menor preparo para cuidar de duas crianças pequenas que mal conhecia; nessa altura Ingrid estava com 10 anos e Dietmar com 9” (VON OELHAFEN; TATE, 2016).

Na visão de Ingrid, o pai adotivo os levou do abrigo como uma tentativa de reaproximação com Gisela, por quem ainda sentia amor; mas como no caso das crianças não era correspondido. A mãe os visitava bem pouco no balneário de Bad Salzuflen³⁵; e como relata Ingrid, embora a casa não fosse suntuosa, havia um quarto de hóspedes exclusivo para Gisela nas visitas, o que comprova o amor de Hermann pela ex-mulher.

A jovem Ingrid relata neste período os grandes atritos entre Dietmar e o pai adotivo, bem como menciona que o irmão era uma criança muito agitada e de difícil convívio e que talvez hoje fosse diagnosticado com transtorno do déficit de atenção ou hiperatividade.

[...] Dietmar, tinha o hábito de chegar atrasado em casa depois que saía da escola, mesmo que não demonstrasse nenhuma vontade de estudar lá, e Hermann, que tinha o pavio curto até nas situações mais simples, não tinha simpatia ou paciência para lidar com o menino irratativo. Não demorou para que começasse a bater em Dietmar. Era assustador presenciar essas cenas: uma vez, por exemplo, ele jogou Dietmar do outro lado da sala. Mas Dietmar não tinha medo dele. Eu ao contrário, ficava apavorada: ainda que meu pai nunca me batesse, eu o temia. Acabei criando uma dependência: quando queria fazer alguma coisa, por menor que fosse, era Dietmar quem pedia permissão a Hermann (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 50).

Com a contribuição de Von Oelhafen e de suas memórias é possível notar a relação que pai e filhos tinham de confronto, embate, medo, incertezas e traumas,

³⁵Balneário este, no qual Hermann Von Oelhafen viveu desde o fim da Guerra até a sua morte no de 1954.

pois além da falta da figura materna não tinham o menor amparo afetivo com o pai adotivo, mas sim, uma relação nada saudável de medo e confrontos como era o caso de Dietmar. Contudo, o irmão também adotivo de Ingrid Von Oelhafen foi levado embora algum tempo depois e a explicação foi a localização de sua família biológica, pois o menino tinha a sua procura um tio, uma tia e uma irmã. Mas o que Ingrid descobre posteriormente é que o menino nunca foi levado de volta para sua família de sangue, mas sim, foi colocado aos cuidados de um abrigo infantil (VON OELHAFEN; TATE, 2016).

O impacto da saída do irmão de Ingrid foi gigantesco, pois a menina já tinha medo de Hermann e com a saída do irmão isso piorou ainda mais. Uma comprovação desse pavor é a carta enviada para Gisela no ano de 1952:

22 de junho de 1952

Querida Mamãe!

Por favor, me envie alguns envelopes selados. Por favor, Mamãe, venha me pegar essa semana e me leve para Hamburgo, não sou capaz de ficar mais tempo com o Papai. O medo que sinto dele é ainda maior. Ele me repreendeu outro dia só porque chorei por sua causa. Agora choro todos os dias. Querida Mamãe, por favor, venha me pegar agora, não posso mais ficar aqui com o Papai. Ou venha morar aqui para sempre. Mas o “tio Harte” diz que você também tem medo do Papai. Mamãe, talvez você possa mandar os selos para o “Tio Harte”, mas não conte para o Papai que eu escrevi para você. Mamãe, podemos nos organizar assim: você vem e me leva embora para sempre, depois explica para o Papai que escreveu para Munique (Secretaria de Assistência Social) pedindo permissão para que eu more com você. Diga que não levou a carta, mas que promete enviá-la quando chegar a Hamburgo. Em Hamburgo, escreverei uma carta à máquina e mandarei para o Papai, fingindo que era alguém de Munique. Eu quero muito ver você ainda esta semana, por favor, venha me pegar o mais rápido que puder. Hoje chorei de novo porque estava pensando em você. Não tenho vontade de brincar por que você não está aqui. Me pegue dia 25 de junho. Beijos e abraços de Ingrid. Por favor, me pegue dia 25. Por favor, Mãezinha³⁶ (VON OELHAFEN; TATE, 2016 p. 51).

O desespero da criança é intenso, a ponto de propor um plano de fuga para sua mãe; mas os apelos são ignorados por sua mãe e Ingrid continuava a viver sob os cuidados de seu pai e dos empregados do local, como Emmi que se tornou um refúgio para a garota; na escola, tanto os colegas, quanto os pais dos colegas eram muito agradáveis com ela, pois a mesma tinha o desejo de fazer parte de uma verdadeira família.

³⁶Carta enviada por Ingrid Von Oelhafen a sua mãe Gisela Von Oelhafen no ano de 1952, quando a garota estava sob os cuidados do pai Hermann no balneário de *Bad Salzuffen*.

Aos 11 anos, Ingrid descobre não ser quem pensava que era; numa manhã ela não acorda muito bem e seu pai a leva ao médico; quando na espera pela consulta ouve o nome “Erika Matko³⁷”, e quando observa em seu cartão do seguro saúde percebe a grafia Erika Matko no lugar de Ingrid Von Oelhafen. Após o ocorrido Ingrid reflete acerca da situação:

Por que será que me chamavam de um nome diferente? Não tive coragem de falar nada para o médico ou para meu pai. Ainda tinha muito medo dele para questionar qualquer coisa. No final da consulta, o doutor prescreveu banhos de luz ultravioleta – tratamento bastante comum na época para deficiência vitamínica (a origem da minha provavelmente estava nos anos que passei no abrigo em *Langeoog*) – e voltamos para casa. Nada se disse sobre o estranho caso do meu nome diferente, mas nunca esqueci (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 53).

Ingrid se sentiu à vontade para falar com a empregada da casa Emmi, sobre o estranho caso de seu segundo nome; ambas ficavam sozinhas nas sextas-feiras para a limpeza do espaço; e também foi Emmi quem esclareceu as primeiras verdades sobre as origens de Ingrid.

Emmi me disse que Hermann e Gisela não eram meus pais biológicos. Eles me pegaram para criar quando eu ainda era bebê, assim como Dietmar, e meu nome verdadeiro era Erika Matko. Emmi não ficou constrangida em me dizer que eu era filha de criação. A guerra havia fraturado tantas famílias e deixado tantas crianças sem os pais que nossa situação não tinha nada de incomum. Não me lembro de ficar magoada por descobrir a verdade sobre mim mesmo. Eu não era próxima de Hermann, e acho que absorvi a informação que explicava a frieza dele comigo e também o motivo de não poder morar com Gisela. Mas é claro que eu me perguntava sobre minha origem. Tomei por certo que meus pais eram alemães – nunca me ocorreu pensar de outra maneira – e especulei sobre o que teria acontecido com eles. Talvez estivessem na prisão; talvez tivessem morrido na guerra. Emmi disse que eu devia ser originalmente judia por causa do meu nariz saliente. Mas, embora meu pai tivesse lhe dito que eu era filha de criação, ele não sabia mais nada, além disso. Todo resto era especulação (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 53-54, grifo nosso).

Com essa descoberta Ingrid interiorizou que a distância com seus pais de criação e a falta de proximidade desde a tenra infância tinha suas origens neste fato de não ser uma Von Oelhafen de sangue. Em uma das visitas, Gisela começou a tocar no assunto, mas a menina a interrompeu dizendo “eu sei”; após isso nunca

³⁷Primeira vez que Ingrid Von Oelhafen escutava o nome que se tornaria a sua busca pela verdadeira identidade: ERIKA MATKO.

mais tocaram nesse fato; posteriormente, Ingrid se culpa por ter tido essa reação perante sua mãe, pois se tivesse agido diferentemente poderia ter mais pistas de suas origens já nesse período.

A saúde de Hermann nos próximos dois anos foi se deteriorando ainda mais, ele ficava mais deitado e Ingrid apenas o saudava pelas manhãs em seu quarto. E em uma manhã no ano de 1954, Ingrid entra no quarto pela manhã e nota Hermann estranho, mas não desconfia de nada; dá o seu “bom dia” e apesar de ele não a responder vai para a aula normalmente. Ao voltar da escola, Hermann estava muito mal, possivelmente teve um derrame; ele foi levado ao hospital, mas morreu algumas semanas depois. “Devo admitir que não fiquei triste. Fiquei feliz por me livrar dele e de suas atitudes severas e imperdoáveis. E concluí que finalmente eu poderia morar com Gisela em Hamburgo” (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 56).

Mas este sonho da jovem Ingrid ainda demorou em se concretizar, pois durante seis meses, após a morte de seu pai, ela continuou no balneário de *Bad Salzuflen* sob os cuidados de Emmi e Karl Hart; somente em outubro de 1954 Ingrid Von Oelhafen retorna a viver com sua mãe Gisela em Hamburgo, sendo que neste período até havia se esquecido de Erika Matko.

Após quatro anos vivendo em Hamburgo com sua mãe e já com 15 anos, Ingrid vê seu rosto num cartaz na rua. Uma década após o fim da guerra, a Alemanha ainda era uma nação de crianças deslocadas, que não haviam sido procuradas ou localizadas por suas famílias de origem (VON OELHAFEN; TATE, 2016). As agências da ONU³⁸, também, passaram todo esse período procurando por mais de dois milhões de crianças e jovens separados dos pais, por conta dos bombardeios, das evacuações, deportações, trabalho forçado, limpeza étnica ou assassinato. Mas, nesse período, mal sabia Von Oelhafen que seu passado ainda era mais complicado do que o destas crianças, pois Lebensborn foi e é um legado que a Alemanha tenta até hoje tenta silenciar³⁹.

No ano de 1956, as agências só haviam encontrado o rastro de 346 mil crianças (VON OELHAFEN; TATE, 2016). Dessa forma, as agências e a Cruz

³⁸ONU- Sigla dada para a: Organização das Nações Unidas, que no pós-guerra auxiliou juntamente com a Cruz Vermelha Alemã a localizar pessoas desaparecidas durante a Guerra.

³⁹Utilizamos este termo devido a dificuldade em localizar documentos e qualquer questão relacionada a Lebensborn até a atualidade.

Vermelha se utilizaram da publicidade para tentar localizar essas crianças, através dos jornais, fotografias, e embaixo do rosto de cada uma delas havia o título: “*QUEM CONHECE NOSSOS PAIS E NOSSA ORIGEM?*”⁴⁰ (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p.58).

Foi em um destes cartazes que Ingrid se depara com a sua outra faceta, então adormecida dentro de si: Erika Matko.

Foi um choque, para dizer o mínimo. Eu não tinha a menor ideia de que alguém procurava por mim ou de como tinham conseguido minha foto. Só pude concluir que Gisela havia entregado alguma foto para as autoridades, embora ninguém tivesse se preocupado em me contar (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 58).

Ao ver esse cartaz, Ingrid se sente levada de volta ao seu lugar; além de se sentir mal e impactada com o fantasma de Erika Matko, outro lado seu não queria acreditar nisso. Mas a frieza e a crueldade afetiva de Gisela tanto emocional quanto física eram aparentes (VON OELHAFEN; TATE, 2016). Conforme relata, o contraste das demais relações de Gisela eram as que mais incomodavam Ingrid nesta idade em que estava, pois ela via de fato as diferenças, como relata a seguir:

Profissionalmente, ela era uma fisioterapeuta de extremo sucesso: seus pacientes claramente a amavam e ela correspondia ao afeto que recebia deles. E também era cordial com os parentes: a mãe, a irmã Eka (tia Eka, em quem eu buscava cada vez mais, amor e compreensão) e o filho. Hubertus era oito anos mais novo que eu, um garoto muito bonito que, ao contrário de mim naquela idade, falava bem e com fluência. Seria muito difícil não gostar dele – afinal, ele era filho biológico de Gisela, e quando me deixaram ir para a casa em Hamburgo, ela já morava lá havia seis meses. Gisela parecia capaz de demonstrar amor por quase todo mundo, menos por mim – mas, embora ressentisse esse fato, acabei gostando muito de Hubertus e desenvolvemos um vínculo bastante forte (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 58-59).

Ingrid sofria com essa rejeição, via sua mãe dando amor para quase todos, menos para ela; a menina, agora uma adolescente, acabou tendo que buscar o amor em outras pessoas, como tia Eka para suprir um pouco de toda essa rejeição, desde que era uma pequena criança.

⁴⁰Uso do *Marketing* e das imagens similares às ações das Avós da Praça de Maio na pós-ditadura Argentina na busca por encontrar seus familiares.

Nesse período a Alemanha vivia uma crise nacional pela questão dos órfãos, sendo que diversas organizações além da ONU entram em campo para auxiliar na localização dos familiares, bem como, é colocado em prática também o “Plano Marshall psicológico⁴¹” para as crianças órfãs (VON OELHAFEN; TATE, 2016).

Após ver sua foto fixada em um cartaz, Ingrid tinha a esperança de que sua mãe biológica viesse a seu encontro, mas também tinha medo de quem poderia ser essa mulher, e que talvez ainda fosse pior do que Gisela; esses medos e conflitos internos de Ingrid foram o que a fizeram parar de pensar neste assunto pela segunda vez, pois a primeira vez que parou de pensar no assunto ainda vivia com seu falecido pai adotivo; e desta vez tentou não pensar nessa sua possível segunda identidade por medo de saber quem era a sua mãe biológica e que esta talvez pudesse ser ainda pior que Gisela Von Oelhafen.

Outra questão que chama a atenção neste período em que Ingrid Von Oelhafen volta a viver com sua família materna em Hamburgo e a sua saída da escola aos 16 anos; em seu pensamento está associada ao fato de ser uma filha ilegítima de Gisela, e como também é relatado, ela não indagou sobre a questão por ser uma autoproteção de sua experiência não muito positiva de vida com o pai Hermann. Apesar de não concordar com a situação, Ingrid deixa a escola aos 16 anos como já mencionado, e tinha ainda a esperança de cursar, posteriormente, algum curso como enfermagem ou médica veterinária; porém, mais uma vez Gisela interrompe este sonho, dizendo que a filha faria o curso para fisioterapeuta e posteriormente atuaria no consultório junto a ela.

Mas, Ingrid só poderia entrar à faculdade dentro de dois anos, e durante a espera e por decisão de Gisela, ela seria enviada para a casa do filho de um amigo da vó dela, cuja propriedade ficaria próxima a fronteira entre a Alemanha, Suíça e Áustria. Neste local, a adolescente deveria aprender a cuidar de uma casa, mas sua estada lá, conforme é relatado foi muito positiva, contudo durante as primeiras semanas a menina só chorava com saudades de casa, porém como a mesma escreve, aos poucos foi se acostumando com o local. A relação com o agricultor, e

⁴¹Enquanto nos Estados Unidos o secretário de Estado Georg Marshall, colocava em ação um grande plano econômico para a reconstrução da infraestrutura e economia da Alemanha e também do restante da Europa, as autoridades e órgãos alemães como a *UNRA* e o *IRA* resolviam o problema dos órfãos e daquelas crianças sem família no país, trabalhando com os seus dados de identificação e o possível reassentamento das mesmas em suas famílias biológicas.

as seis filhas dele e com a esposa que é retratada como uma mãe muito gentil e afetuosa foi muito boa, sendo que Ingrid até mesmo viajou com eles.

Após 11 meses com o casal e os filhos e de ter feito uma viagem com a família, fica decidido que Ingrid iria trabalhar como *Au pair* (babá) na Inglaterra e mais uma vez a documentação se torna um obstáculo para Ingrid, algo que Gisela dá um jeito sem a adolescente conseguir compreender realmente como a mãe adotiva consegue. A nova família com quem Ingrid iria ficar era a de um banqueiro que viajava muito, uma esposa muito mais jovem do que ele e Ingrid cuidaria da filha mais nova do casal, com cinco anos; a mesma passou, nessa nova experiência, seis meses, e relata que foi muito bem cuidada e tratada neste tempo. Relata que sua volta para Hamburgo estava cheia de memórias agradáveis.

Com o início do curso de fisioterapia de Ingrid se aproximando a questão de sua identidade volta a ser um empecilho, como a mesma retrata a seguir:

Eu não soube de nada, mas, enquanto estive fora, o problema da minha identidade apareceu de novo, dessa vez em caráter de urgência. O início do meu curso de fisioterapia estava quase chegando, e a universidade precisa da minha certidão de nascimento para me matricular como aluna. Conclui que Gisela estava resolvendo a questão de alguma maneira. (Demoraria anos para eu descobrir o turbilhão de cartas entre várias autoridades do governo local falando sobre mim – e, nelas, as primeiras pistas de minhas origens). Mas acho que quaisquer coisas que ela contou sobre mim às autoridades não eram totalmente verdadeiras (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 63).

Com isso, a nova certidão de nascimento de Ingrid, com a data de 1959, estaria pronta, mas a sua existência foi realmente registrada como Erika Matko, e a certidão colocava o local de nascimento como *St. Sauerbrunn*, na Áustria, algo que ela relata que se tornou um grande obstáculo, posteriormente, para a busca de sua verdadeira identidade.

Ingrid entra na universidade e acaba por gostar do curso; em seu último ano de formação é pega por mais um choque dos Von Oelhafen, quando Gisela sofre um grave acidente, caindo da escada, sendo que fica em coma por seis meses; após a alta de Gisela, Ingrid teve de largar de seu emprego de fisioterapeuta para se dedicar a Gisela.

Gisela estava com 49 anos – relativamente jovem, mãe de um rapaz, mas agora gravemente debilitada. A queda lhe causara danos cerebrais, e ela

não conseguia andar. Não havia perspectivas de que ela reassumisse o seu trabalho de fisioterapeuta; em vez disso, decidiu-se que eu assumiria seu lugar (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 64).

Ingrid não se sentia nada à vontade assumindo os pacientes e a vida da mãe de certa forma, mas encarou a situação e assumiu a clínica; as relações entre Hubertus filho mais novo de Gisela, e tia Eka são complicadas, sendo Ingrid quem auxiliava nos conflitos; contudo, e neste período adulta Ingrid Von Oelhafen ou Erika Matko estava infeliz com o trabalho, mesmo sua relação com Gisela estando melhor, porque era dependente dos cuidados da filha; porém, as duas nunca tocaram no casamento de Gisela e nem sobre as suas verdadeiras origens.

O que realmente mudou os caminhos de Ingrid e do restante dos Von Oelhafen foi à necessidade de atender um garoto de três anos que não podia andar; ela não conseguiu o auxiliar, pois o garoto não dependia apenas de uma fisioterapeuta como era a formação de Von Oelhafen, mas sim de outros estímulos; dessa forma e com essa nova necessidade ela se inscreveu para fazer um curso na cidade de *Insbrusque* na Áustria, e após o curso ela não retornou mais para Hamburgo, pois recebeu a oferta de trabalho na Universidade de Inbrusque e, apesar de suas preocupações com a família Von Oelhafen resolveu aceitar a proposta.

Neste meio tempo ela conheceu um rapaz, mas a relação de ambos não durou. Entretanto, a verdadeira realização de Ingrid estava em seu trabalho, como a mesma relata:

Tive a alegria de ajudar muitas e muitas crianças e muitas crianças. No início da década de 1970, depois de anos trabalhando em hospitais, montei minha própria clínica de fisioterapia para trabalhar com jovens deficientes. A partir de então, trabalhei seis dias por semana, doze horas por dia, dominada pela necessidade de ajudá-los. Todo ano eu viajava pela Europa, Inglaterra e Estados Unidos, participava de cursos de especialização, ampliando meus conhecimentos e desenvolvendo minhas habilidades. Tive uma carreira longa e gratificante, de uma felicidade imensa (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 69).

Pelos relatos e memória em sua obra torna-se bastante nítido que Ingrid Von Oelhafen apesar de toda sua história ainda estar com uma grande penumbra de mistério e de questões escondidas que serão levantadas a seguir a mesma encontrou em seu trabalho uma grande satisfação pessoal e profissional; sendo que,

ela relata se sentir muito bem em ajudar outras pessoas, algo que se torna uma constante nos relatos do Programa Lebensborn; todos os seus “filhos” e “filhas” se dedicam em alguma causa benevolente.

3.3 Programa Lebensborn - a caixa de pandora nazista

As vidas de Ingrid Von Oelhafen e de Lebensborn voltaram a se cruzar após a queda do muro de Berlim, no ano de 1989, pois neste contexto de reunificação da Alemanha, Ingrid já estava com seus 50 anos, continuava solteira e com uma vida bastante confortável, além de ter uma segurança financeira e uma casa, continuava trabalhando muito; mas neste contexto também ainda havia uma grande dificuldade médica no caso de Gisela e da família (VON OELHAFEN; TATE, 2016).

Ela relata que:

A deficiência de minha mãe de criação piorou com o passar dos anos, e agora ela estava severamente incapacitada. A tragédia também atingira a família. Hubertus, o menino bonito que eu havia conhecido ainda criança, revelou-se um homem gay muito atraente; em meados da década de 1980, ele foi um dos primeiros alemães diagnosticado com a terrível doença da AIDS, sempre fatal naquela época. Em 1988, a doença o levou (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p, 74).

Com a morte de Hubertus, a família achou como melhor opção para acabar com o problema e encontraram uma cuidadora em tempo integral para Gisela, pois tanto Gisela como os Von Oelhafen tinham condições de pagar por uma sem grandes impactos econômicos para a família. Entretanto, a cuidadora de Gisela se mostrou uma grande oportunista e além de afastar Gisela de toda a família a convenceu a se mudarem para Grã-Canária, uma das ilhas Canárias, as duas foram morar juntas a cinco mil quilômetros de distância do restante da família, (VON OELHAFEN; TATE, 2016).

Ingrid só recebeu autorização para visitar a mãe após esta estar com demência; e o que presenciou neste local foi assustador, pois Gisela dependia totalmente daquela mulher (sua cuidadora) e a preocupação desta era apenas com o dinheiro de Gisela; Ingrid voltou decidida a tomar providências acerca do caso. Mas como não era filha legítima de Gisela encontrou muitas dificuldades; ela não

obteve autorização da justiça; a única coisa que restou foi Eka fazer um acordo particular com a cuidadora; Gisela viveu até o ano de 2002.

Contudo, antes de sua morte, ou seja, com o exílio da mãe em Grã-Canária, Ingrid juntamente com Eka começaram a esvaziar os cômodos pertencentes à Gisela em Hamburgo, pois a mãe não iria retornar e isso trouxe grandes revelações. Remexendo nas coisas de sua mãe adotiva, Ingrid localiza o diário que Gisela fizera para ela, junto com outros papéis que Ingrid não deu muita importância num primeiro momento, pois a surpresa e emoção em encontrar o diário foi gigantesca, como a mesma relata:

Jamais me esquecerei do momento em que segurei o diário nem da emoção que senti ao ler suas poucas páginas escritas à mão. Fiquei tão agradecida! Eu havia descoberto algo sobre mim e o começo da minha vida – por mais que fossem poucas e esparsas as informações, era a primeira vez que conseguia esticar a mão e tocar meu passado. Junto da alegria, no entanto, veio à dor (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 76).

Como bem destaca Ingrid, com o diário vieram questões em sua cabeça, a dor por não ter descoberto isso antes e por Gisela estar demente neste momento da vida e não poder lhe dar explicações satisfatórias; a emoção e raiva foram gigantescas que a mesma acabou só dando atenção ao diário e não mexendo na outra papelada, apenas guardando. Mais uma vez, Ingrid deixa de lado a dor que sentiu e volta a se dedicar única e exclusivamente ao seu trabalho.

Essa situação mudou quando no ano de 1999 ela recebe uma ligação da Cruz Vermelha, na qual a moça que estava ao telefone confirmou os dados dela e logo perguntou se ela tinha a curiosidade de procurar pelos pais biológicos.

Acho difícil descrever o que senti naquele momento. Fazia muito tempo que eu reprimia qualquer pergunta sobre quem eu era e de onde vinha, dizendo para mim mesma que trabalhar com crianças deficientes era mais importante; na verdade, acho que evitava a pergunta por medo do que poderia descobrir. E me surpreendi ao perceber que o que eu senti era uma empolgação real: finalmente eu tinha a chance de descobrir minhas origens. Talvez agora eu estivesse pronta para encarar a verdade (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 77).

Com esta ligação, Ingrid percebe o que seu interior já dizia, pois tinha ignorado toda a sua dor, os questionamentos e as dúvidas acerca de suas origens e de seus familiares, e se dedicado ao trabalho, com a satisfação em ajudar os outros;

mas isso estava para mudar, pois além da conversa com agentes da Cruz Vermelha obteve informações sobre o historiador Georg Lilienthal⁴² da Universidade de Mainz. Logo após este acontecimento Ingrid, além de esperançosa, fica muito ansiosa com toda essa situação; e escreveu uma carta para Lilienthal, pois esse historiador segundo a Cruz Vermelha era um bom conhecedor de Lebensborn e poderia ajudar Von Oelhafen a desvendar os mistérios sobre as suas origens, logo após a postagem vai à busca por mais informações naquela caixa que tinha encontrado no quarto de Gisela.

Nessa busca ela encontra uma papeleta cor-de-rosa, desgastada com o tempo, que continha a seguinte informação:

Um atestado de vacinação com data de 19 de janeiro de 1944, com carimbo de Kohren-Sahlis, perto de Leipzig. Ele mostrava que Erika Matko, nascida em 11 de novembro de 1941 numa cidade chamada *St. Sauerbrunn* tinha sido imunizada contra escarlatina e difteria (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 78).

A data para Ingrid especialmente era muito importante, pois ela sabia que Gisela e Hermann a tinham pego para criar, vários meses depois de janeiro de 1944, mas não fazia ideia de onde ficava a cidade em que atestava seu nascimento e também não sabia a quem pertencia à organização de *Kohren-Sahlis*⁴³; porém, havia nos documentos um segundo atestado, com outras vacinas contidas nele, e neste em sua parte detrás havia um carimbo oficial com o seguinte dizer: *LEBENSBOERN HEIM SONNENWIESE KOHREN-SAHLIS*. Heim significa abrigo (casa) para crianças, e isso Ingrid sabia, pois já era de seu conhecimento que não era legítima, mas a sua indagação foi com a palavra Lebensborn, pois ela nunca havia ouvido ou visto aquela palavra.

Um segundo documento aguçou ainda mais as dúvidas de Von Oelhafen e também sua vontade em desvendar o seu passado; o mesmo estava com a data de 4 de agosto de 1944, e era semelhante a um contrato que fora entregue aos Von Oelhafen, no qual dizia:

⁴²Ingrid Von Oelhafen em seu livro de memórias agradece imensamente Georg Lilienthal pelo auxílio na busca pela sua verdadeira identidade, e isso fica comprovado pelo relato da autora que sem Lilienthal não teria prosseguido em suas buscas pela sua verdadeira identidade.

⁴³Cidade alemã e um antigo município situado no distrito de Leipzid, localizado na Saxônia Kohren-Sahlis desde o ano de 2018 é pertencente à cidade de Frohburg.

Aos 3 de junho de 1944, a família Hermann Von Oelhafen, domiciliada na Gentz Strasse, 5, Munique, aceitou em sua casa a menina étnica Erika Matko [sic], nascida aos 11 de novembro de 1941. Por ser uma criança de linhagem alemã, por ordem do Reichsfuhrer, ela deve ser criada por uma família alemã. Nenhum subsídio será dado de nenhuma parte para o sustento da menina; a criança não tem recursos ou renda. Os pais de criação serão os únicos responsáveis por sua subsistência (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 79, grifo nosso).

Ingrid, apesar de não compreender muito acabava de descobrir sua ligação com o nazismo e uma de suas organizações mais secretas que foi Lebensborn; ela iria descobrir, posteriormente, o que a loucura nazista pela raça ariana pura e pela questão de linhagem foi capaz de fazer com tantas pessoas durante o seu período de poder.

Nesse tempo de espera para a resposta de sua carta que havia escrito a Lilienthal, Ingrid toma frente em sua investigação particular e escreve para o Arquivo Nacional da Alemanha, o *Bundesarchiv*; em seu relato Ingrid Von Oelhafen pergunta se eles teriam mais algum documento para auxiliá-la em sua busca por respostas de sua verdadeira origem, mas logo Ingrid descobriria que a “Nova Alemanha”⁴⁴ não estava muito disposta a vasculhar os crimes de Hitler e seus aliados, pois como já mencionado os alemães e a Europa tinham grande dificuldade para tratar dessa história recente.

Com a demora das respostas acerca de sua verdadeira identidade e origem, e também com a curiosidade aguçada, Ingrid resolve continuar com suas buscas pessoais, iniciando por buscas à internet; entretanto, não descobre muito sobre Lebensborn e muito menos consegue respostas as suas origens, pois havia e há até a atualidade pouquíssimos materiais acerca da história desse programa nazista.

Aparentemente a sociedade Lebensborn significa “origem” ou “fonte de vida” – fora criada em 1935 como um tipo de organização em prol do bem-estar, fundada pelo Partido Nazista para administrar a maternidade em toda a Alemanha; era uma resposta ao que rapidamente se tornou uma crise demográfica para o novo Reich. Quando Hitler assumiu o poder na década de 30, a população do país vinha caindo havia décadas. Em 1900, a estatística mostrava uma taxa de natalidade média de 35,8 para cada mil habitantes; em 1932, esse índice havia caído para 14,7. Desde o princípio, o regime nazista pretendia interromper – e depois reverter – essa tendência. Eles começaram com *slogans* aparentemente inocentes – “recolocando a

⁴⁴Termo este que utilizamos para “simbolizar” a Alemanha no pós Terceiro Reich Nazista.

família em seu legítimo lugar” era típico -, depois introduzir incentivos financeiros – empréstimos para casamento, subsídios para crianças e pensões familiares – para promover famílias maiores. Também se estabeleceu formalmente o culto à maternidade: todo o ano, no aniversário da mãe de Hitler, mulheres férteis eram condecoradas com a Cruz de Honra Alemã. Quem tinha mais de quatro filhos ganhava a medalha de bronze; mais de seis valia uma prata; mais de oito uma medalha de ouro. Como isso não produziu resultados imediatos surgiram novas leis para proibir a propaganda e a exposição de contraceptivos, e todas as clínicas de controle de natalidade foram fechadas. O aborto foi criminalizado como “ato de sabotagem contra o futuro racial da Alemanha” (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 84-85).

Mas as descobertas de Ingrid apenas eram a ponta do *iceberg*, pois sua busca se mostraria com o tempo mais árdua do que aparentemente era, uma vez que a Alemanha estava envolvida em uma cortina para esconder os horrores da guerra e, principalmente, de uma organização que não apenas, como mostrado na contribuição acima, pregava pela procriação em massa de crianças, mas estava envolvida com a poligamia como bem nos mostra a história, pois para os nazis e a sua filosofia como o Programa Lebensborn o importante era a natalidade e como essa era concebida não era o problema, ou seja, poderia ser fruto de um relacionamento “oficial” ou de um “paralelo”, sendo que como Himmler diversos outros membros de grande patente eram adeptos à poligamia e isso não era um tabu para esses homens; contudo, o fracasso do programa Lebensborn em sua concepção inicial foi uma resposta da sociedade que não iria permitir que a poligamia e relacionamentos paralelos fossem permitidos em seus lares e famílias.

A sede nazista e de Himmler pela raça pura era tanta que resultou na criação das casas Lebensborn. Os objetivos do Programa, segundo Von Oelhafen e Tate, 2016, p. 86, eram:

A sociedade Lebensborn está sob controle pessoal direto do *Reichsführer* SS. Ela faz parte do Departamento Central de Reassentamento e Raça e seus objetivos são:

1. Dar suporte a famílias numerosas de valor racial e genético.
2. Prover de alojamento e cuidados a mulheres grávidas que tenham valor genético para que, depois de uma investigação familiar detalhada feita pelo RuSHA⁴⁵, tanto delas quanto dos pais dos filhos que esperam, tenham a possibilidade de dar à luz crianças igualmente valiosas.
3. Cuidar dessas crianças.

⁴⁵*Das Rasse und Siedlungshauptamt* ss, ou RuSHA, em tradução literal para a língua portuguesa: Departamento Central de Reassentamento e Raça da SS”, que em prática nada mais era do que uma organização que se dedicava à proteção da “pureza racial”.

4. Cuidar das mães dessas crianças.

Os objetivos do programa já colocavam que para este ter sucesso haveria espaços de cuidados para as jovens que engravidassem e não tivessem para onde ir, bem como o Reich também auxiliaria com contribuições financeiras; mas para que isso de fato ocorresse deveria ser comprovado através das árvores genealógicas e outros documentos e testes que essas moças e rapazes eram arianos, sem nenhum viés judaico em suas origens.

Enquanto Ingrid esperava a resposta de Lilienthal, o governo austríaco tinha respondido sua carta e nela continha a informação de não terem nada a seu respeito, algo que com o tempo se mostrou não ser totalmente verdade. Contudo, em alguns dias Ingrid recebe sua tão aguardada resposta do historiador, em uma carta que continha as seguintes informações:

Cara Frau Von Oelhafen,

Primeiro, gostaria de lhe agradecer pela confiança que sua carta deposita em mim, pois tudo se resume à questão de sua identidade. Desse modo, também me alegra que a sra. Fischer, da Cruz Vermelha alemã, tenha sido cuidadosa ao conversar com você... Peço-lhe desculpas. Demorei muito tempo para responder. E, enquanto você esperava algum sinal, deve ter duvidado de ter feito a coisa certa ao me procurar. Fique tranquila. Meu longo silêncio deve-se parcialmente a razões externas (muito pouco tempo para juntar os documentos e escrever); por outro lado, eu também estava ciente de que a resposta não seria fácil, pois sabia o que poderia significar para você. Por isso venho tentando escrever desde o início de janeiro. E foi isso que me fez resumir sua presumível história de maneira tão sóbria e aparentemente fria. Eu não queria influenciar seus sentimentos com os meus. Agora, ao seu pedido. Como você mesma escreveu, há muito tempo você sabe que tem dois nomes (Erika Matko e Ingrid Von Oelhafen). Imagino que você sempre tenha se perguntado o motivo. Aparentemente, seus pais de criação não foram totalmente abertos em relação ao pouco que sabiam sobre você⁴⁶ (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 89).

Com as revelações de Lilienthal, Ingrid confirma as suposições de que seus pais de criação haviam escondido dela durante sua vida, bem como surgiram várias revelações muito importantes acerca de seu passado, como o que ela tinha sido criada em uma das casas Lebensborn, em um local chamado *Sonnenwiese* (campo

⁴⁶Carta enviada pelo historiador Georg Lilienthal a Ingrid Von Oelhafen nos primeiros meses do ano 2000.

ensolarado)⁴⁷, em *Kohren-Sahlis*; e isso comprovava Erika Matko era um bebê de Lebensborn (VON OELHAFEN; TATE, 2016).

A carta, também, continha outras informações, tais como, a questão dos raptos pela Europa das crianças, como bem está explicitado abaixo:

As crianças mantidas nessa maternidade eram alemães, nascidas de forma ilegítima no programa Lebensborn para acolhimento familiar ou adoção. Mas algumas crianças em Kohren-Sahlis tinham sido traficadas dos países ocupados pela Alemanha e designadas à germanização⁴⁸ (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 91).

Ingrid ainda não sabia mais se era uma destas crianças raptadas durante as intervenções nazistas em outros países dominados, também não sabia o significado do termo germanização, mas mais uma vez Lilienthal tinha esta resposta em sua carta:

O programa Lebensborn funcionava com famílias de acolhimento alemãs com o intuito de posterior adoção depois do fim vitorioso da guerra. A queda do terceiro Reich impediu a realização desses planos. A maioria dessas crianças estrangeiras voltou para seu país de origem. Algumas, no entanto, continuaram na Alemanha com suas famílias de criação. Houve vários motivos para isso. Alguns pais de criação tinham verdadeiro apreço por sua família. Outros escondiam a origem estrangeira até mesmo das crianças, por medo de que elas pudessem ser levadas embora ou ter vontade de voltar para casa. Por fim, temiam perder o afeto e o amor dos filhos de criação. Além disso, queriam proteger as crianças de qualquer hostilidade e dificuldade de integração. Esses são alguns motivos que impediram as crianças de serem adotadas depois da guerra, bem como a inexistência de documentos necessários. Alguns aliados não quiseram mandar as crianças de volta para casa contra vontade delas. Por não terem mais família biológica, muitas crianças permaneceram com as famílias alemãs, depois de um acordo com as autoridades do país de origem⁴⁹ (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 91).

Contudo, Ingrid sabia que nenhuma destas questões eram totalmente verídicas com relação a não contarem sua verdadeira história, pois a mesma teve problemas de relacionamento com seus pais adotivos, bem como, sabia que os pais

⁴⁷Uma das diversas Casas Lebensborn que estavam espalhadas pela Europa durante o regime nazista.

⁴⁸Processo esse no qual os bebês e principalmente as crianças um pouco mais velhas, perdiam o contato com a sua língua materna, cultura e hábitos tanto familiares como sociais e culturais, sendo inculcado nos mesmos (as) os princípios e valores do Reich nazista.

⁴⁹Alguns erros na grafia ou na coesão textual são oriundos da tradução literal do material em alemão para o nosso idioma. Sendo que essa carta é a continuação da que já foi mencionada, enviada para Von Oelhafen, no início dos anos 2000.

tinham era mais medo de serem pegos pelas forças aliadas no pós-guerra por pertencerem a uma organização nazista, do que permanecerem com ela por um cuidado, uma das reais e possíveis causas para não lhe contarem os fatos de seu passado.

Contudo, ainda faltava Lilenthal soltar a maior das informações:

Frau Von Oelhafen, você acredita que pode não ser filha de pais alemães? Faz muitos anos que conheço seu nome, “Erika Matko”, e o de seus pais de criação “Von Oelhafen”, por muitos documentos no Bundesarchiv. Pesquiso Lebensborn há mais de vinte anos e conheço o destino de muitas crianças do Lebensborn. Seus nomes aparecem em listas criadas pelo Lebensborn para crianças que seriam germanizadas vindas da Polônia, Iugoslávia e Tchecoslováquia (no controle do Lebensborn, elas eram chamadas apenas de “Ost-Kinder”) e em registros e declarações de antigos funcionários do Lebensborn. Embora eu não possa apaziguar seu espírito lhe apresentando algum papel (como certidão de nascimento), tenho documentos que aparecem indicar sua origem como Iugoslava. Depois de ler minha carta, você deve estar se perguntando: “E agora?” Não posso lhe responder. Mas, se quiser continuar em busca de sua identidade, ficarei feliz em lhe ajudar. Entre em contato sempre que desejar (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 91-92).

Com as novas descobertas, Ingrid Von Oelhafen, além de estar com a cabeça a mil, respondeu Lilenthal pedindo a sua ajuda, pois após pedir para alguns órgãos governamentais respostas, até mesmo de locais que tinha plena certeza de que teriam informações acerca de seu passado, os mesmos sempre respondiam que não tinham nada a declarar acerca das perguntas de Von Oelhafen, algo que se tornou um grande obstáculo para a mesma; tudo se complicava, sendo um país que hoje é inexistente, pois a Iugoslávia tinha sido dividida em vários estados menores. Contudo, e antes de dar sequência a sua busca pessoal pela identidade, Ingrid buscou mais respostas acerca do que foi Lebensborn, suas origens, sua filosofia e em como havia parado nesta organização horrenda do partido Nazista.

Alguns registros de um ensaio para Lebensborn estão na “obra-prima” de Hitler em *Mein Kampf*, de 1925, onde consta:

O que hoje se apresenta a nós como produto da cultura humana, as conquistas da arte, da ciência e da tecnologia, é quase exclusivamente produto da criação dos arianos. Esse fato nos permite chegar à conclusão nada infundada de que o ariano, e tão somente ariano, é o fundamento da humanidade superior, a verdadeira essência do que designamos pelo termo “homem”. Precisamos nos esforçar para preservar a existência e a

reprodução da nossa raça e do nosso povo, o sustento de nossos filhos e a pureza de nosso sangue [...] (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 100).

Neste ensaio para o programa que seria materializado, Hitler deixa claro sua visão acerca da raça ariana, uma verdadeira obsessão pelo sangue e pela pureza racial de um povo que deveria vigorar e ser superior em detrimento de outros povos.

Além de matar mais de 6 milhões de judeus e outras minorias, o governo nazista organizou um programa que pregava sobre a natalidade e concepção de novas crianças, com o objetivo de propagar o exército de mil anos de Hitler e dominar o mundo. Hitler achou em Himmler o segundo homem mais forte do Reich e um de seus braços direitos para efetivação desse projeto, pois o mesmo compactuava com a filosofia de seu líder maior, como se pode notar na contribuição a seguir:

Se conseguimos estabelecer de novo nossa raça nórdica na Alemanha e arredores [...] e dessa sementeira gerar uma raça de duzentos milhões, o mundo será nosso. Somos convocados, portanto a criar uma base para que a próxima geração possa fazer história (HIMMLER 1933, p. 100, apud VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 100).

Em 1933, dois anos antes da criação efetiva de Lebensborn, uma das primeiras leis sancionadas, foi a de prevenção de descendentes geneticamente doentes, exigindo dos médicos um laudo sobre todos os casos de doenças hereditárias entre suas pacientes em idade fértil (VON OELHAFEN; TATE, 2016).

E por que dessa lei? Pois o Reich de Hitler não queria alemães fracos e doentes em seu espaço, mas sim, queria alemães nórdicos puros e a preservação da raça ariana. E qual foi uma das próximas medidas? A esterilização em massa daqueles e daquelas que eram considerados improdutivos, ou que pudessem gerar filhos “defeituosos” que não contribuíram com o Estado Nazista, mas sim os traria prejuízos.

Sendo assim, mais de quatro mil pessoas foram esterilizadas neste período; e cinco anos após o início da Segunda Guerra Mundial, esse número já pulou para mais 320 mil esterilizações, pois aqueles que eram considerados fracos não deveriam gerar novos filhos, mas sim serem varridos do “mapa”, juntos com seus genes fracos.

Mas a ofensiva do Terceiro Reich não parou por aí, pois novas Leis como a de proteção do sangue alemão começaram a ser implantadas, como a questão do casamento ser apenas concedido a aqueles e aquelas que provassem ser de uma árvore genealógica digna para tal ato, bem como classificações “genéticas” dos indivíduos, também de acordo com a árvore genealógica destes, como se pode observar abaixo:

Essas leis classificaram quatro categorias de seres humanos no Estado Nacional-Socialista. Pessoas com quatro avós alemães eram, classificadas como de “sangue alemão ou aparentado”; as que tinham um ou dois avós judeus eram consideradas de “sangue misto” e listadas – em ordem de valor descendente – em duas classes de *Mischling* (mestiço); e quem descendesse de três ou quatro avós judeus era simples e irremediavelmente judeu (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 102).

Vale destacar também que só quem possuía os direitos como verdadeiro cidadão do Reich Nazista, eram aqueles enquadrados na primeira classificação, sendo que os de sangue misto eram colocados em uma categoria inferior e os judeus ou com parentesco judaico em suas origens, deveriam ser exterminados, pois não eram dignos de viver e nem mesmo de dividir o espaço com os verdadeiros nórdicos alemães.

Voltando mais precisamente a Lebensborn, Himmler que foi o seu arquiteto, explica o porquê da criação do projeto, pois para ele o mesmo tinha uma motivação benigna e altruísta, bem como iria auxiliar Hitler e a Alemanha com o seu exército de “super-homens” de mil anos.

Eu criei as casas Lebensborn porque não acho correto que uma moça que tenha falta de sorte em engravidar fora do casamento seja maltratada por todo mundo [...], por todos esses exemplos de virtude - homens e mulheres – que se acreditam no direito de condená-la ou destruí-la. Não acho correto que ela seja punida, uma vez que o Estado não lhe ofereça ajuda (HIMMLER, 1933, apud, VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 104).

E ia além à defesa pelas mulheres e do voto em que o programa tinha em preservar a identidade de cada uma delas, conforme vemos pelo exposto a seguir:

Cada mulher nessas casas é chamada pelo primeiro nome – Frau Maria, Frau Elisabeth, ou o que seja. Dentro das casas, ninguém pergunta se elas são casadas ou não; nós apenas cuidamos dessas mães, educando-as e protegendo-as (HIMMLER, 1933, apud VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 105).

É claro, que se deve refletir que as casas não eram abertas para toda e qualquer mulher; o Reich apenas educava e cuidava daquelas com o “certificado” de Arianas e que engravidassem de Arianos, pois outra “qualquer” não deveria nem procriar, pois seus genes não eram puros; isso era uma premissa do Reich nazis, pois, de um lado, baniam da face da Terra todos aqueles considerados impuros ou sub-humanos, desde bebês até senhores e senhoras de mais idade, e de outro lado, criavam *slogans* e davam subsídios para que as mulheres engravidassem; contudo, essa gravidez era totalmente assistida pelo programa Lebensborn e caso a mãe não quisesse assumir a responsabilidade em criar o filho ou filha e apenas tivesse engravidado por amor à pátria alemã, a criança seria entregue aos cuidados do programa e posteriormente essa era assentada em uma nova família.

Um dos próximos passos de Himmler foi dar uma ordem a todos os seus homens e membros da SS para cumprirem o seu dever com Estado; esses homens de boa “índole” e de bons “genes” deveriam ser os genitores da próxima geração alemã, e não importava se eram ou não casados, pois a poligamia nesses casos era tolerada e até fomentada.

Berlim, 28 de Outubro de 1939⁵⁰

Fora dos limites e das convenções e leis burguesas, que talvez sejam necessárias em outras circunstâncias, seria nobre que mulheres e jovens alemãs de sangue bom se tornassem mães (movidas não pela alegria, mas por uma profunda seriedade moral), inclusive fora do casamento, dos filhos de soldados convocados para guerra, soldados que só o destino dirá se voltarão vivos ou mortos pela Alemanha. Durante a última guerra, muitos soldados, conscientes de sua responsabilidade, decidiram não ter mais filhos para que suas esposas não passassem dificuldades ou sofressem caso morressem em combate. Vocês homens da SS, não carecem dessas preocupações, resolvidas pelas seguintes regulamentações:

1. Representantes especiais, escolhidos pessoalmente por mim, assumirão, em nome do *Reichsführer* SS, a guarda de todos os filhos legítimos e ilegítimos de sangue bom cujos pais tenham sido mortos na guerra. Daremos apoio às mães e garantiremos o sustento e a educação dessas crianças até a maioridade, para que nenhuma mãe e nenhuma viúva passem por necessidades.
2. Durante a guerra, a SS cuidará de todos os filhos legítimos e ilegítimos nascidos nesse período e das mães grávidas em casos de necessidade.

⁵⁰Ordem revolucionária, enviada por Heinrich Himmler no ano de 1942, de forma confidencial a todos os membros da SS e da polícia alemã.

Depois da guerra, com o retorno dos pais, a SS também vai garantir uma generosa ajuda material para pedidos bem fundamentados. Homens da SS e vocês, mães das crianças que a Alemanha tanto espera, mostrem que estão prontos pela fé no *Führer* e em nome da sobrevivência do nosso sangue e do nosso povo, a gerar a vida para a Alemanha com a mesma coragem com que sabem lutar e morrer pela Alemanha (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 106-107).

Himmler poderia não ter a oratória “perfeita” de Hitler, mas sabia quais instrumentos usar, pois nesse seu comunicado, apela para as questões da honra e amor à Alemanha, bem como garante a todos os homens e mulheres que “procriarem” pela pátria amada que ganhariam proteção e fundos materiais para a criação dos filhos; em tese, isso seria maravilhoso e teria soado com muitos bons olhos pelo povo alemão, mas a tradição moral resistiu a essa proposição de procriação.

Apesar de sua ordem de procriação em larga escala não ter soado muito bem em alguns setores, o braço direito de Hitler continuava firme com o seu posicionamento e três meses após o primeiro decreto, ele emite uma declaração bem fervorosa a respeito do cumprimento de sua normativa, como se pode observar a seguir:

Gabinete do *Reichsführer* SS e chefe da polícia alemã, Berlim, 30 de janeiro de 1940.

Ordem da SS para todos os oficiais da SS e da polícia,
Vocês estão todos cientes da minha ordem de 28 de Outubro de 1939, na qual os lembrei de seu dever de, se possível, gerar filhos durante a guerra. Tal publicação, concebida com senso de decência e recebida com o mesmo senso, declara e discute abertamente problemas reais. Algumas pessoas a interpretaram mal. Portanto, considero necessário que todos conheçam essas dúvidas e interpretações equivocadas e o que há para dizer sobre elas. Objeta-se clara declaração de que filhos ilegítimos existem e que sempre houve mulheres não casadas ou não comprometidas que se tornaram mães desses filhos fora do casamento, e sempre haverá. Não há sentido em discutir isso⁵¹ (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 107-108).

Com essa segunda normativa e bem mais dura do que a primeira, e a partir do relato Himmler esperava que o programa Lebensborn de certa forma ganhasse sua vida própria, mas mesmo explicitando que sempre houve e sempre haverá filhos fora do casamento, à sociedade alemã continuava a interpretar a normativa com

⁵¹ Segundo comunicado de Himmler, após o primeiro não ter surtido resultado em meses anteriores.

maus olhos. Para ajudar Himmler, neste contexto, o delegado do Reich, Rudolf Hess, publicou uma carta aberta a uma mãe solteira, na qual defendia que toda fonte de vida em uma guerra deve ser louvável.

Contudo, Himmler ainda publicaria mais uma normativa, na qual explicaria a interpretação de seu ato e também coloca que todas as mulheres sabem como manter a sua honra, bem como repudiaria que soldados “dormissem” com mulheres de companheiros de guerra.

E apesar da rejeição da sociedade alemã a Lebensborn não podemos deixar de colocar que os homens e mulheres da SS fizeram este programa funcionar, mesmo que de forma parcial, como se pode notar nessa contribuição de Himmler de janeiro de 1940:

Perguntou-se por que as esposas dos oficiais da SS e da polícia recebem cuidados especiais e não são tratadas da mesma maneira que todas as outras. A resposta é muito simples: porque a SS, pela disposição ao sacrifício e por companheirismo, arrecadou os fundos necessários, por meio de contribuições voluntárias dos líderes e oficiais; e esses recursos têm sido repassados há anos à organização Lebensborn. Com esta declaração, todas as dúvidas devem ter sido esclarecidas. Mas cabe a vocês homens da SS, como em todos os momentos em que visões ideológicas têm de ser esclarecidas, fazer com que homens e mulheres da Alemanha compreendam essa questão sagrada tão importante para o nosso povo, a qual está fora do alcance de zombarias e piadas baratas (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 110).

Com mais essa declaração do *Reichsführer* torna-se claro da onde vinham os provimentos para a elaboração e execução de Lebensborn, bem como a relação intrínseca dessa organização com a SS; porém, a história e os dados mostram que desde os primórdios dessa organização era solicitado para todos aqueles que nela queriam ingressar a árvore genealógica; e só quando atestado essa nobreza no sangue que eram aceitos; isso era mediante, também, a exames físicos para testar a aptidão desses homens.

Mas o que de fato queremos ressaltar é que Lebensborn já estava sendo pensando muito antes de ser concretizado, ou seja, desde o início da organização SS, Himmler já sonhava com isso, sendo que alguns de seus discursos sobre os SS facilitam essa compreensão acerca de sua filosofia para a Alemanha, tais como:

Um casamento com poucos filhos não passa de uma aventura. Espero que os membros da SS, especialmente seus líderes, sejam um bom exemplo. Quatro filhos é o mínimo necessário para um casamento bom e saudável. No caso de não ter filhos, é dever de cada líder da SS adotar crianças racialmente valiosas, livres de doenças hereditárias, e inculcar-lhes o espírito de nossa filosofia (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 117, grifo nosso).

Nessas declarações de como imaginava que deveria ser os casamentos e a procriação de um casal da SS, o braço direito de Hitler fixa um número mínimo de filhos que eram quatro; e isso principalmente aos líderes que deveriam dar o exemplo aos demais; entretanto, também dava a oportunidade de “adoção” para aqueles que não podiam ser pais; com isso pode-se perceber um dos fundamentos para o rapto das crianças, em uma segunda etapa de Lebensborn, pois após essas declarações e conquistas de novos territórios, a busca e seleção de bebês e crianças de valores raciais superiores começaram a ser feitas na Europa.

Contudo, o que é claro nesta compreensão mais profunda de Lebensborn é o caráter e objetivo do programa, salientar a procriação de crianças de valor genético racial e de uma eugenia positiva, para que dessa forma o sonhado exército de mil anos de Hitler fosse materializado.

3.4 Um quebra-cabeça sem fim

Voltando às buscas de Ingrid Von Oelhafen, acerca de sua verdadeira identidade; após as suas investigações iniciais e uma vida profissional de muito sucesso dedicada às crianças deficientes, ela relata um vazio muito grande e uma infelicidade por não saber de fato quais eram as suas verdadeiras origens.

E devido a grande demora dos órgãos oficiais em responder a sua demanda, a mesma procura os dados de uma antiga paróquia, dos arquivos da cidade de Maribor na Eslovênia, e quem lhe deu uma pista de suas origens foi Joze Golicnick, diretor desse arquivo no ano de 2000, onde consta: “o pai de Erika Matko se chama Johaan Matko, de Zagorje ob Savi. A mãe dela é de origem croata. O Sr. Johan Matko era vidraceiro e viveu em Saurbrunn” (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 122).

Como relata Ingrid em suas memórias, a sua felicidade foi tão grande que desatou a cantar, pois o seu alívio e felicidade transbordaram naquele momento,

pois sabia que era pertencente a algum lugar e alguma família, e não apenas um bebê raptado e entregue aos Von Oelhafen para o processo de germanização.

Após essa descoberta, Ingrid realizou uma busca sobre cidades da Eslovênia com grandes produções de vidros, para tentar rastrear suas verdadeiras origens; a carta de Joze ainda a auxiliou ainda mais, pois em seus anexos constavam a data de nascimento dos Matko, sendo que, Johan nasceu em 12 de dezembro de 1904 e a sua esposa Helena Haloschan nasceu em St. Peter na Croácia, em 8 de agosto de 1915 (VON OELHAFEN; TATE, 2016).

E para ter mais pistas ela escreve mais uma vez para o governo da Eslovênia, atualizando os dados de sua busca e colocando as novas informações que tinha descoberto, bem como, também, escreveu para a Cruz Vermelha Alemã. Além disso, Ingrid localizou em sua busca a cidade de *Sauerbruunn* como uma grande produtora de vidros. “Eu havia encontrado a cidade natal de Erika Matko. Havia encontrado meu lar” (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 123).

E após a espera de quase um ano, o governo Esloveno a responde em 2001, e como bem ressalta Ingrid, ler aquelas informações foi como um “soco no estômago”, pois o parecer Esloveno dizia que:

Gostaríamos de informar que, segundo a administração local de *Rogaska Slatina*, eles encontraram (registros de) uma Erika Matko, nascida em 11 de novembro de 1941, mas essa senhora ainda vive na Eslovênia. Desse modo, a ideia de que Ingrid Von Oelhafen nasceu como Erika Matko está errada (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 124).

Com esse triste golpe em suas buscas e tudo vindo a cair por terra, além da sensação de não ser ninguém e de não ter uma verdadeira identidade, toda a angústia voltou a tomar conta de Ingrid. Diante disso, ela decidiu colocar um fim em suas buscas, voltar a se dedicar ao seu trabalho como fisioterapeuta e cuidar de suas crianças. Isso só mudou após um ano, quando Georg Lilienthal lhe envia uma carta mencionando que haveria um encontro das crianças do projeto Lebensborn e se ela não gostaria de participar.

Apesar de suas ressalvas e seus medos, Ingrid decidiu encarar seu passado aos 61 anos de idade em um encontro dos “filhos de Lebensborn”, na cidade de Hadmar, a mais de 260 quilômetros de onde morava. Esse encontro, além de lhe render muitas emoções, foi um grande fio condutor para as respostas ainda ocultas

de seu passado. Além disso, foi possível articular o programa Lebensborn ao conjunto das políticas da eugenia nazista.

Essas ações estavam ligadas às ideias sobre pureza racial e eugenia desenvolvidas por pesquisadores alemães. Embora a Ação T-4 tenha acabado oficialmente em 1941, o programa na verdade durou até a rendição da Alemanha, em 1945. No total quase 15 mil cidadãos alemães foram enviados para o hospital e morreram lá, a maioria numa câmara de gás. Nesse lugar é que me encontraria com outras crianças do Lebensborn (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 128).

Neste encontro havia cerca de 20 pessoas com idade entre 60 e 70 anos, e um a um foram se apresentando, e quando chegou à vez de Ingrid, ela apenas conseguiu proferir uma única frase ao grupo: “Meu nome é Ingrid Von Oelhafen. E eu não sei de nada” (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 128). E após isso, apenas chorou. Cada um revelou suas experiências e suas investigações pessoais acerca de seu passado; muitas delas tinham alguma similaridade com o passado de Ingrid, seja pela ausência de sentimento familiar ou pelas lacunas de uma vida longe dos familiares verdadeiros.

Um dos relatos que revela aspectos significativos de Lebensborn foi dado por Ruthild Gorgass⁵², conforme descreve Ingrid: uma mulher alta, de olhos claros, cabelos curtos e loiros, de idade similar, também fisioterapeuta, disse que localizou um diário de sua mãe sobre sua infância; uma constante entre as crianças de Lebensborn, pois esse diário deveria ser uma exigência do programa para as famílias que adotassem as crianças das casas como já foi mencionado anteriormente.

Von Oelhafen e Tate (2016, p. 128-129) descreve a história de Ruthild da seguinte forma:

A história de Ruthild também era uma boa introdução ao Lebensborn. Quando nasceu, seu pai tinha 41 anos. Ele havia sido tenente do exército Alemão durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1916 foi gravemente ferido na Batalha de Verdun⁵³, seu peito e suas costas ficaram repletos de estilhaços de bomba. Filiou-se ao nazismo na década de 1930 e, quando começou a Segunda Guerra Mundial, ele era um figurão da indústria

⁵²Outra senhora sobrevivente a Lebensborn e que estava presente neste encontro juntamente com os demais.

⁵³Batalha de Verdun foi uma batalha da Primeira Guerra Mundial que se estendeu durante os meses de fevereiro e dezembro de 1916 na Frente Ocidental entre o exército francês e alemão.

química. Também era casado e tinha um filho adolescente. Apesar disso, em algum momento ele conheceu a mãe de Ruthild e os dois tiveram um caso. Ela era secretária da Câmara do Comércio de Leipzig⁵⁴, 18 anos mais nova que ele; pouco antes do natal de 1941, descobriu que estava grávida. Sua situação se encaixava perfeitamente no objetivo original do projeto Lebensborn: os pais haviam morrido, ela não tinha se casado, gerava um filho ilegítimo e corria o risco de ser humilhada pela família e discriminada pela comunidade. Além disso, o pai dela era um nazista de carteirinha, e tanto ele quanto a esposa conseguiram provar que sua pureza racial remontava a várias gerações. Em meados de 1942, os dois partiram juntos na jornada de 170 km de Leipzig a Wernigerode, uma cidadezinha cravada na espetacular cordilheira de Harz, na Saxônia. Ali, no coração da velha Alemanha, Himmler fundara uma casa de maternidade Lebensborn. E ali, em 1942, Ruthild nasceu.

Como se pode notar, a mãe dessa outra sobrevivente era o modelo ideal para o programa, sendo que o mesmo dispunha de grande tecnologia para aquela época, hospitais de ponta e médicos muito bem preparados para atender a nova geração de “super-humanos”; contudo, no ano de 1939, uns dos médicos responsáveis pelo programa, Gregor Ebner, envia um relatório para Himmler dizendo que mais de 1300 grávidas haviam solicitado o parto nas casas Lebensborn, mas com os exames de pureza racial e outros testes como o da árvore genealógica e das gerações de antepassados, apenas 653 mães foram aceitas (VON OELHAFEN; TATE, 2016).

As casas do programa, em seu total, eram 25 e estavam espalhadas por toda a Europa, como se pode notar na tabela a seguir:⁵⁵

TABELA 1- O número de Casas Lebensborn espalhadas pela Europa durante os anos 30 e 40 sob a ocupação do regime nazista.

PAÍS	NÚMERO DE CASAS
ALEMANHA	9
ÁUSTRIA	2
NORUEGA	11
BÉLGICA	1
LUXEMBURGO	1
FRANÇA	1

Fonte: Von Oelhafen, I. TATE, T. **As Crianças esquecidas de Hitler: a verdadeira história do Programa Lebensborn**. São Paulo: Contexto, 2016.

⁵⁴Cidade alemã localizada no estado da Saxônia, porém é uma cidade independente.

⁵⁵Dados retirados do livro “As crianças esquecidas de Hitler - A verdadeira história do programa Lebensborn”.

O processo de inclusão ao Programa Lebensborn seguia rigoroso mecanismo de seleção, conforme é explicitado abaixo:

O sangue era de suma importância. Cabia ao programa Lebensborn a responsabilidade de prover e assegurar a próxima geração de uma raça suprema, gerada pela seleção, para governar o império global do Reich de Mil Anos de Hitler. Havia até um *slogan* que resumia o dever das mulheres de dar à luz nas casas de maternidade: “*Schenkt dem Führer ein Kind*” – “Dê uma criança ao Führer”. Mas, embora a saúde física das mães do Lebensborn fosse a principal preocupação de Himmler, ele também estava determinado a monitorar e direcionar o bem estar político dessas mães. E para garantir que saíssem transformadas em nazistas ainda mais dedicadas do que quando chegaram, as mulheres participavam de aulas semanais de “educação” ideológica durante sua estada. Nessas aulas, elas assistiam a filmes de propaganda, liam capítulos do *Mein Kampf*, ouviam palestras pelo rádio e participavam de cantorias coletivas de hinos do partido (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 130).

Como são perceptíveis, as ações em torno das mães dos novos super-arianos de Himmler e Hitler não tinham apenas um caráter de dar à luz aos novos bebês genuínos, mas também a transformação das mentes e corações dessas mães, para continuarem a perpetuação do projeto nazista fora das Casas Lebensborn.

Até mesmo havia um cerimonial nazista para uma espécie de batismo dessas crianças, com um altar e bandeiras nazistas por todos os lados, onde um oficial SS erguia uma adaga nazista sobre a criança e o superior dava a essas crianças as boas vindas à irmandade SS (VON OELHAFEN; TATE, 2016). Apesar das propagandas e defesas de Lebensborn, o programa não tinha garantido o crescimento da natalidade. Em razão disso, em 1941, Himmler ordena que se façam buscas de crianças puras e realizassem os chamados raptos a fim germanizá-las.

O encontro com os demais filhos de Lebensborn foi de grande valia para Ingrid, pois além do compartilhamento de experiências, ela saiu renovada para suas buscas; ela viu uma esperança na cidade de Nuremberg e solicitou a Josef Focks, tido como um localizador de pais para auxiliá-la; Focks aceitou ajudá-la, mas da mesma forma, Ingrid, no ano de 2003, embarcou para Nuremberg a fim de descobrir mais partes de seu quebra-cabeça. Ali começou o seu mistério a tomar uma devida forma e a encaixar as últimas peças, porque Ingrid não só teve acesso aos autos do processo dos 186 réus acusados de 1946 a 1949 (VON OELHAFEN; TATE, 2016),

como também pode fazer algumas descobertas muito importantes sobre seu passado.

Uma das questões que cabem ser destacadas aqui é a denúncia oficial; protocolada em 10 de março de 1948, a mesma continha 14 páginas e listava as acusações dos envolvidos em crimes contra a humanidade, crimes de guerra e participação na SS (VON OELHAFEN; TATE, 2016). E esse processo também começava com a seguinte afirmação:

Entre setembro de 1939 e abril de 1945, todos os acusados aqui citados cometeram crimes contra a humanidade [...]. O objetivo desse programa era fortalecer a nação alemã e a dita raça “ariana” [...]. O departamento Central de Reassentamento e Raça da SS (RuSHA) foi responsável, entre outras coisas, por exames raciais. Esses exames eram realizados por líderes do RuSHA [...] ou membros de sua equipe chamados “peritos raciais” (*Eignungsprüfer*) em conexão com [...] o rapto das crianças elegíveis para germanização. [...] o Lebensborn foi responsável, entre outras coisas, pelo rapto de crianças estrangeiras para fim de germanização (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 148, grifo nosso).

A parte final não só estava relacionada com tudo o que Ingrid havia ouvido e presenciado em seu encontro com os filhos de Lebensborn, como também explicava que ela mesma poderia de fato não ser uma alemã, mas sim, uma criança raptada que sofreu o processo de germanização.

A denúncia do tribunal de Nuremberg⁵⁶ ia além desta parte inicial, a qual tratava com mais contundência e detalhes o caso dos raptos, como se pode observar a seguir:

Instituiu-se um plano abrangente de rapto de crianças estrangeiras “racialmente valiosas”. Esse plano tinha o propósito duplo de enfraquecer as nações inimigas e aumentar a população da Alemanha. Também foi usado como método de retaliação e intimidação a países ocupados. Durante os anos de guerra, inúmeras crianças tchecas, polonesas, iugoslavas e norueguesas foram retiradas dos pais ou guardiões e classificadas de acordo com seu “valor racial” (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 148, grifo nosso).

⁵⁶Os julgamentos de Nuremberg ficaram mundialmente conhecidos por terem julgado por crimes contra a humanidade entre outros, diversos nazistas envolvidos no Holocausto e o mesmo ocorreu durante o período de: novembro de 1945 e outubro de 1946. Os julgamentos ocorreram na cidade de Nuremberg no Palácio da Justiça, no total foram 24 indiciados, mas destes, apenas 22 foram julgados, pois virou uma prática recorrente dos membros do partido como Himmler se suicidarem com capsulas de cianureto para não enfrentarem o julgamento e nem serem pegos pelos opositores.

Mais uma vez o propósito de Lebensborn e dos nazistas é exemplificado e agora por uma denúncia oficial. No caso de Lebensborn tinham quatro oficiais superiores e responsáveis pelo programa, que foram acusados, mas nenhum deles foi condenado. Como pode ser visto a seguir:

Os quatro oficiais eram os seguintes: MAX SOLLMAN- *Standartenfuhrer* (coronel) da SS; Diretor do Lebensborn; GREGOR EBNER- *Oberfuhrer* (general) da SS. e Chefe do departamento de saúde do Lebensborn; INGE VIERTMITZ- Subcomandante do Departamento Central A do Lebensborn; GUNTHER TESCH- *Sturmbannfuhrer* (major) da SS. e Chefe do Departamento Jurídico Central do Lebensborn – esse foi quem que assinou o documento contratual da entrega de Ingrid para os Von Oelhafen (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p.149).

Ingrid também localiza em uma parte de suas buscas em Nuremberg no processo do programa as seguintes informações:

Então, achei as listas [...] As folhas de papel almaço cinzentas e desgastadas, organizadas pela equipe de Lebensborn em 1944, estavam muito pouco legíveis, pois quase 60 anos depois a tinta tinha se apagado. A primeira era uma lista de nomes em ordem alfabética e, como a coluna ao lado mostrava a data de nascimento – todas do início da década de 1940 – era nítido que se tratava de um registro de crianças. O título da terceira coluna era “transferida para”, e junto de cada anotação havia uma data. Havia 473 crianças identificadas nesse documento. E no meio de uma das páginas li o seguinte:

Matko, Erika.

[Nascida em] 11/11/41.

[Transferida para] Oberst (coronel) Hermann Von Oelhafen, Munique, Gentztrasse, 5

[em] 3/6/44 (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 155).

Nesse momento, Ingrid não somente teve uma alegria imensa, mas sabia que de fato era também Erika Matko, que os órgãos oficiais estavam lhe escondendo algumas questões sobre sua verdadeira identidade; aquele documento tinha que ser verdadeiro, porque além de conter seus dados, continha o seu primeiro endereço com os Von Oelhafen, como também tinha o nome de seu pai de criação.

Com essa lista, Ingrid também localizou uma declaração juramentada de Maria-Martha Heinze, que trabalhou na direção de Lebensborn; ela viu a documentação e se lembrou de Erika, dando a seguinte declaração ao tribunal:

Das listas que estão aqui, reconheço os seguintes nomes de crianças iugoslavas [...]. Erika MATKO

Conheço muito pouco do registro dessas crianças, pois elas já tinham sido transferidas pelo Lebensborn [...] para famílias alemãs. Como ficou claro pelos documentos, elas eram chamadas de “crianças bandidas⁵⁷”, e o Lebensborn as pegou da *Volksdeutsche Mittelstelle (VoMi)* [...]. Pelo que me lembro, o Lebensborn as pegou de um campo da *Volksdeutsche Mittelstelle* no distrito de Bayreuth (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 156).

Ingrid, nesse momento, teve a certeza de que era iugoslava e que foi um dos 25 bebês filhos dos resistentes da guerra; por isso da nomenclatura crianças guerreiras que foram raptadas pelo projeto no ano de 1942 (VON OELHAFEN; TATE, 2016). Apesar da descoberta, ela sabia que ainda teria mais algumas peças para encaixar em seu quebra-cabeça.

E enquanto esperava novas informações serem trazidas por Josef Focks, Ingrid mais uma vez tomou a frente em suas investigações e buscas, enviando diversas cartas para os Matko que localizou pela antiga Iugoslávia; nesse intervalo de tempo, Josef Focks localizou na cidade de *Rogaska Slatina*, Maria Matko, a matriarca da família, da qual seus filhos estavam envolvidos com a resistência contra os nazistas; essa era a família Matko que mais se assemelhava com a história de Ingrid, pois ela mencionou que “os nazistas executaram um membro da família e que ela ouvira uma história, muito tempo atrás, de que talvez três crianças tivessem sido raptadas no início dos anos 40” (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 162).

Entretanto, essa história ainda tinha mais um enigma, havia outra Erika Matko na família de Maria; dessa forma, Ingrid Von Oelhafen não poderia ter grau de parentesco com eles, mas, mesmo sabendo dessa ressalva, Maria Matko concordou em encontrar Ingrid para lhe dar mais informações sobre a história. No caminho para Rogaska Slatina, Focks, Ingrid e um tradutor foram ao encontro de outros Matkos pela região que concordaram em ceder uma amostra de saliva para um posterior exame de DNA.

Ao final da jornada, era hora de Ingrid se encontrar com a matriarca da família Matko; elas se encontraram em uma pequena cafeteria da cidade e Ingrid descreveu o encontro da seguinte forma:

Maria se revelou amigável e prestativa, além de um elo fundamental para soltar as correntes do meu passado. Ela tinha 73 anos – não era Matko de nascimento, mas se casou com um Matko e adotou o sobrenome. Seu

⁵⁷Bebês filhos dos “combatentes iugoslavos denominados de *partisans*”, os pais dessas crianças eram rebeldes e se opuseram aos ocupantes nazistas.

marido se chamava Ludvi e ele tinha duas irmãs: Tanja mais velha que ele e Erika, mais nova. Tanto Ludvi quanto Tanja tinham morrido, mas Erika estava viva, embora bastante doente; era para ela que eu havia escrito e a quem esperávamos no café. Mas Maria disse que ela não queria me encontrar. Ficou claro pela conversa que ninguém da família Matko achava que tivéssemos algum parentesco. Maria era a mais aberta, mas não deixava de ser cética. E, naquele momento comecei a ter as mesmas dúvidas. Até que Maria me deu alguns detalhes que, outra vez, suscitaram minhas esperanças. Os pais de Ludvig, Tanja e Erika se chamavam Johann e Helena – os mesmos nomes que me foram dados três anos antes pelo arquivista em Maribor. Além disso, Johann tinha sido preso pelos nazistas por participar da resistência, o que parecia encaixar com o que Georg Lilienthal me dissera sobre minha história (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 169-170).

Como relata Ingrid, a história ainda estava encoberta por algumas neblinas e peças do quebra-cabeça que não se encaixavam, pois havia outra Erika Matko; no dia seguinte de sua estada, ela foi ao encontro de Maria em seu apartamento, onde lhe mostrou fotos de Johann e Helena e contou mais um pouco da história da família, a prisão de Johann pelos nazistas por ser um *partisan* membro da resistência, a questão da proibição do esloveno, a queima dos livros e a destruição da cultura deste povo.

Ao final da conversa com a matriarca Maria e com seu filho Rafael, e apesar da contra vontade de Marko, primo de Rafael, eles cederam a Ingrid uma amostra de saliva para a realização do exame de DNA; mas, Ingrid relata que saiu de lá sem muitas esperanças de ser uma Matko daquela família; e a memória da outra Erika ainda continuava como um fantasma, sendo que a misteriosa não apareceu em nenhum momento ao encontro; Maria justificou essa ausência, dizendo que ela era adoentada fazia muitos anos e vivia em cima de uma cama.

Os exames de DNA estavam se expandindo na época, embora ainda custasse um valor relativamente caro; mas para desvendar os mistérios sobre seu passado, Ingrid juntou suas economias e pagou o valor. Os resultados do teste demoraram alguns meses para sair; como já suspeitava Ingrid, tinha dado negativo para os outros Matko que encontrou no caminho do encontro com Maria, mas o próximo resultado era de Rafael Matko, filho de Ludvig e Maria (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p.173): “a análise científica mostra que Ingrid Von Oelhafen e Rafael Matko são parentes de segundo grau [...] há 93,3% de certeza de que Ingrid Von Oelhafen é tia de Rafael Matko”.

Mas, a felicidade de Ingrid durou pouco, pois o teste de DNA de compatibilidade de parentesco com Marko Matko mostrava que Ingrid e Marko tinham 98,8% de certeza de não serem parentes próximos. E conforme relata Ingrid Von Oelhafen:

Simplesmente não tinha sentido. Pensei na árvore genealógica da família para me lembrar do que sabia: Johann e Helena tiveram três filhos: Tanja, Ludvig e Erika. Rafael era filho de Ludvig, e o teste mostrou que eu era tia dele; portanto, eu tinha de ser Erika. Mas o teste também mostrou que o filho de Tanja, Marko, não era meu parente biológico. Por mais que eu mexesse as peças, não conseguia encaixá-las. Se eu era irmã de Ludvig e Tanja, por que não era tia de Marko? A família Matko parecia cercada de segredos (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 176).

Contudo, Ingrid Von Oelhafen já possuía sua certeza do momento e para ela isso já bastava:

Por fim, decidi me concentrar no que havia de concreto. Eu tinha certeza de que era – ou tinha sido – Erika Matko, filha de Johann e Helena, e que pelo menos Ludvig era meu irmão. Como Tanja e a outra Erika se encaixavam na história ainda era um mistério, mas pelo menos eu tinha certeza de quem eram meus pais biológicos (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 177).

E, apesar de todo este misto de emoção e de contradição acerca das novas descobertas, Ingrid sabia quem poderia lhe ajudar com as últimas peças de seu quebra-cabeça que demorou mais de 60 anos para começar a se encaixar; essa pessoa era a outra Erika, mas essa ainda se negava a entrar em contato com ela e esclarecer sobre qualquer questão do passado.

Somente no ano de 2007 que as últimas peças do quebra-cabeça de Ingrid se encaixaram; e quem ajudou Ingrid a terminar de montar este “jogo” nefasto dos nazistas pela obsessão de sangue, foram os funcionários do SIB⁵⁸, uma organização que mantinha os documentos nacionais do Nazismo, mas que só foi aberta para o domínio público no ano de 2007. Nessa organização, Ingrid localizou documentos sobre Gisela e os Von Oelehafen de uma forma geral, registros da caça nazista ao seu pai Johann e de como Erika Matko se transformou em Ingrid Von Oelhafen.

Neste mesmo ano, Ingrid resolve voltar a *Rogaska Slatina* para preencher as lacunas faltantes em seu passado; e dessa vez, antes de chegar ao seu destino, iria

⁵⁸SIB- Sigla para Serviço Internacional de Busca, localizado na cidade de *Bad Arolsen* na Alemanha.

passar um dia com os historiadores de *Maribor*; e como a mesma relata, estava acompanhada de um programa de televisão que seria filmado, para fazer uma reportagem sobre Lebensborn. A sua recepção na cidade foi totalmente diferente e mais calorosa do que a primeira vez (isso se deve a exposição do caso e de que o governo viu que não adiantava negar mais os fatos sobre os raptos das crianças de outros países para o macabro programa de Himmler). Nesse dia, Ingrid descobre a verdadeira história e as últimas informações sobre o passado de Erika Matko. Os funcionários de Maribor relataram que:

Johann e Helena chegaram ao pátio da escola com três crianças. Os registros diziam que, quando os deixaram ir embora, eles saíram com três crianças – Tanja, Ludvig e uma bebê chamada Erika. Eu sabia que minha irmã e meu irmão tinham sido devolvidos aos meus pais, mas quem era essa terceira criança? Como Erika Matko poderia, ao mesmo tempo, estar no trem para *Frohnleiten* e voltando para *Rogaska Slatina* com Johann e Helena? Não tinha sentido nenhum, embora fosse exatamente o que aconteceu (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 211).

Ainda faltava esta última peça; e foi em Rogaska Slatina que Ingrid soube da verdade, pois como já havia pensado, a família Matko continha seus segredos e Maria era a detentora de alguns deles; ela esclareceu o passado de Ingrid Matko Von Oelhafen⁵⁹, ao revelar que:

No dia em que as crianças foram devolvidas para Johann e Helena, os nazistas executaram, na prisão de *Celje*, vários suspeitos de serem *partisans*. Testemunhas afirmaram que as famílias do lado de fora da escola escutaram as rajadas de tiros. Os filhos dos homens e mulheres assassinados estavam comigo, dentro da escola; algumas crianças passaram a ser órfãs. Quando Tanja e Ludvig foram devolvidos para Helena, ela deve ter reclamado que faltava uma criança. Talvez para apaziguá-la ou por não saberem o que fazer os alemães lhe entregaram uma bebê órfã. Essa foi a menina que cresceu como Erika Matko. Meu peito foi dilacerado numa mistura de dor, raiva e perplexidade. Eu sabia que minha mãe deve ter percebido que a bebê confiada a seus braços não era sua. Não devia parecer a mesma criança, tampouco ter o mesmo cheiro, uma vez que as mães tem um modo indefinível de conhecer o cheiro dos próprios filhos. O que a levaria a aceitar essa substituição imoral? A única explicação possível para mim é que ela estava apavorada demais para argumentar; que o barulho dos fuzilamentos a deixou com medo de morrer e de perder o marido e os filhos. Mas o entendimento racional é uma coisa o emocional é outra. Eu passei quase 60 anos perturbada por não saber quem eu realmente era; durante os últimos sete anos, realizei uma jornada longa e angustiante para desvendar o mistério de meu passado e descobrir

⁵⁹Apesar de Ingrid “assinar” este livro e outros documentos como Ingrid Von Oelhafen, sua certidão de nascimento atualizada consta como: Ingrid Matko Von Oelhafen.

como me transformaram de Erika Matko em Ingrid Von Oelhafen. Agora eu sei. E não ajudou em nada (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 211-212, grifos nosso).

Este relato angustiante de Ingrid mostra como ela ficou incomodada por toda configuração de sua história.

A dor e o sofrimento que reprimi a vida inteira vieram à tona. Eu estava com raiva de todas as pessoas envolvidas na minha história. Raiva de Hitler e Himmler pela ordem de me raptar e me negar o amor da minha família; raiva de Inge Viermetz⁶⁰ e dos oficiais do Lebensborn por esconder minha verdadeira identidade e me reinventar como uma criança alemã. Eu tinha ódio do que os nazistas fizeram comigo e com todas as vítimas de sua obsessão pelo sangue puro e pela raça ariana dominante. (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 213).

Os nazistas não destruíram “apenas” milhões de judeus com o holocausto, mas também destruíram milhares de laços afetivos, romperam com estes, seja com os judeus, com os campos de extermínio, mas em todos os seus programas o rastro foi de destruição que acompanhou a geração futura como a de Ingrid e aqueles que sobreviveram em partes ao holocausto e carregam consigo até hoje essas marcas e cicatrizes, que em muitos casos são físicas como as tatuagens dos campos de extermínio e em outros são também psicológicas.

Ingrid permaneceu meses digerindo essa história. Mas com a ajuda dos demais filhos de Lebensborn e os encontros mensais que tinham e o vínculo afetivo que haviam criado, eles a auxiliaram a perceber que a outra bebê órfã não era a culpada pelas dores de Ingrid, pois ela também teve os pais mortos e hoje estava entevada em uma cama; e na outra face estava Ingrid, que apesar de não receber os cuidados merecidos, estava bem formada, lúcida e com uma carreira brilhante para se orgulhar. Isso ajudou Ingrid a perdoar Erika e seguir com sua vida.

Uma das últimas passagens de Ingrid de volta ao seu passado foi à viagem no ano de 2014 para Frankfurt ao encontro de Annelise Beck⁶¹, que nessa época estava já quase cega e com 92 anos (VON OELHAFEN; TATE, 2016). Mas essa ex-funcionária de Lebensborn trabalhava na casa de Sonnenwisse, no mesmo período em que Ingrid estava lá. Dessa conversa relatou que:

⁶⁰Uma das subcomandantes nazistas envolvidas em Lebensborn e no rapto das crianças de outras nacionalidades.

⁶¹Funcionária que trabalhou na Casa Lebensborn na qual Ingrid Von Oelhafen foi enviada após o seu rapto da Iugoslávia.

Frau Beck havia trabalhado na casa *Sonnewisse*, em *Kohren Sahlis*, na época em que fui mantida lá. Ela não se lembrou de mim; havia 150 crianças no espaço, e eu não fazia parte do grupo pelo qual ela era responsável. Mas consegui me contar bastante coisa sobre a minha vida naquele lugar. Ela me mostrou uma fotografia dela mesma junto com algumas crianças. Agradou-me ver que estavam bem vestidas e claramente bem alimentadas. Ela também insistia em dizer que, apesar das circunstâncias e da presença da SS, a maior parte do tempo que passamos em *Kohren-Sahlis* foi feliz e confortável. Encontrar *Frau Beck* me ajudou a preencher as últimas lacunas ainda abertas no meu conhecimento. Eu não tinha nenhuma lembrança de *Sonnenwise* e, por mais que tentasse, era incapaz de visualizar os anos que passei lá; eu podia forçar ao máximo minha memória, mas tudo que via era um buraco negro. Agora, o buraco estava cheio, e as paredes que encobriam minhas lembranças começavam a ruir (VON OELHAFEN; TATE, 2016, p. 223).

Ingrid, após esse tempo, visitou *Ragska* sob a companhia de Maria e levou flores ao túmulo de seus pais e irmãos, bem como foi ao memorial feito em homenagem aos revoltosos contra o regime nazista; mas, como a mesma relatou nunca foi de fato próxima aos Matko, porém sentia uma grande proximidade afetiva com Hubertus, seu falecido irmão de criação.

Contudo, também sabe que essa jornada de décadas do seu passado lhe ajudou a esclarecer dúvidas e descobrir sua verdadeira identidade. Portanto, o que Lebensborn deixa de legado é a sua frieza com o tratamento dos seres-humanos, tudo pelo sangue, sendo que esse substantivo foi uma das desculpas pelo Holocausto, pela guerra e por todos os programas nazistas; o sangue foi tema central da ideologia nazista e a sua busca pela perfeição também.

O final dessa história resultou em mais de seis milhões de mortos e uma Alemanha devastada, mas Lebensborn ainda estava encoberto pela penumbra de mentiras e omissões, continuando pouco conhecido até a atualidade.

O objetivo central desta pesquisa foi trazer ao conhecimento de mais pessoas as atrocidades cometidas por Himmler e todos os demais participantes, pois essas crianças, filhos de Lebensborn, não foram apenas privadas de uma infância e da sua história, mas privadas da vida familiar e do contato com sua língua, cultura e sociedade, onde estavam inseridos; elas foram raptadas e germanizadas, contudo, suas memórias e busca pela verdade foram expressas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho de conclusão de curso teve como preocupação produzir um entendimento acerca do que foi o Programa Lebensborn, sem deixar de lado a pesquisa sobre a Alemanha em seu período Nazista e o significado do Holocausto. Assim, foi necessária uma reflexão acerca do antissemitismo, das questões de raça e pureza racial para que houvesse uma compreensão do programa.

O conflito no qual a Alemanha nazista estava envolvida, bem como os seus antecedentes e desdobramentos são essenciais para a compreensão da historicidade do antissemitismo em nossa sociedade ocidental, e também da ascensão de Hitler e do Nacional Socialismo ao poder; com isso, os desdobramentos de Lebensborn e a busca de seus filhos e filhas se tornam ativas em um pós-guerra e em uma Alemanha devastada e dominada por quatro grandes potências; foi nesse ambiente que descrevemos o drama de Ingrid Von Oelhafen à procura de sua identidade e suas verdadeiras origens.

Dada à dificuldade de encontrar algum estudo que tratasse do Programa Lebensborn, optamos por dialogar com pesquisas que contemplaram situações com alguma semelhança no contexto da ditadura Argentina, enfatizando os aspectos da memória e dos raptos que lá ocorreram; a aproximação é porque houve nesses diversos períodos uma negação de humanidade aos envolvidos nesses conflitos, cada um em sua conjuntura social e período, mas que através de suas características e similaridades pudemos realizar essa “ponte” histórica; pois o sentido ético-político destes períodos deixou de existir, tanto na Argentina, como no holocausto nazista.

O estudo de Lebensborn, desta forma, não foi e não é algo tão distinto e distante de nossas realidades, mas sim, muito próximo quando tratamos da negação das condições de humanidade aos indivíduos envolvidos, quando tratamos de crimes contra a humanidade e dos raptos de crianças e familiares, ainda mais em nossa atualidade e em nossa atual conjuntura política, onde observamos um intenso retrocesso em políticas públicas de proteção e valorização das minorias, como os povos indígenas e afrodescendentes.

Com isso, a discussão sobre Lebensborn e seus desdobramentos se tornam ainda mais importantes, porque a história é um indicador de acontecimentos

passados que através do estudo e da produção acadêmica deve nos prevenir contra os esquecimentos que poderão ser produzidos pelos grupos que dominam o presente e tendem a controlar as memórias do passado. Nesse aspecto, “a história corresponde à necessidade da criação da memória social” (SILVA; NOVAIS, 2011, p. 15). Além disso, destacam esses dois autores (2011, p. 16), “o discurso do historiador responde, desde sempre, à necessidade da narrativa do acontecimento para a constituição da memória social e configuração de nossa própria identidade”.

A escolha em trabalhar com a memória da sobrevivente Ingrid Von Oelhafen veio nesse sentido, de uma mulher que viveu grande parte de sua vida em busca de sua verdadeira identidade que lhe foi tirada durante o terceiro Reich nazista. Isso se assemelha com as discussões da Argentina em seu período ditatorial, do trabalho feito pelas instituições não governamentais na busca por sobreviventes e dos filhos e filhas que foram retirados de suas famílias como mecanismo de coerção do Estado. Sendo que, tanto na Alemanha como na Argentina, no pós-conflito, houve e há por parte do Estado uma grande negação do ocorrido, dizendo que os raptos não ocorreram. Lebensborn se assemelha a isso, também, pelo fato do Estado Alemão no pós-guerra negar o programa e esconder os documentos comprobatórios do mesmo, sendo este arquivo liberado apenas no início dos anos 2000; também cabe ressaltar que o interesse pela pesquisa é o de não termos nenhuma pesquisa voltada ao programa em nosso país; uma pesquisa que realmente trabalhe com o programa, com as suas características e com um estudo investigativo sobre o mesmo.

Lebensborn foi a materialização do conceito de eugenia pregado pelos dirigentes do partido nazista e por grande parte do povo alemão, seja por medo, por coerção do Estado nazista, ou também por simpatizarem com a “limpeza” da “praga judia”. Essas ações geraram e geram impactos até a atualidade, como já mencionado uma discussão necessária e pertinente em nosso atual contexto social e político mundial.

Dessa forma, para não fugirmos tanto do contexto formativo trouxemos a educação, destacando como a mesma era concebida, o seu currículo, a forte influência dos nazistas e sua materialização em materiais didáticos e na transposição didática dos professores, para que estes por sua vez realizassem o trabalho de doutrinação das crianças e jovens alemães, para que não refletissem

sobre o holocausto, mas que concordassem e apoiassem as medidas do Reich, até porque esse estava trabalhando em sua perspectiva para o bem comum de todo o povo alemão (povo este considerado apenas dentro da eugenia e características arianas), pois todo o resto deveria ser exterminado.

A contraposição ao holocausto está na própria educação, segundo as reflexões de Theodor Adorno, em palestra transmitida em radio, em 1965:

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi à barbárie contra a qual se dirige toda a educação (ADORNO, 2006, p. 118).

Se o regime nazista organizou a educação com o fim de justificar e legitimar suas propostas, Adorno enxerga na própria formação humana a possibilidade de luta contra a barbárie. Desse modo, uma das contribuições da educação e dos estudos históricos é manter viva essa experiência, mostrando as condições sociais que contribuíram para a existência do holocausto e divulgando as implicações éticas à condição humana, à vida de povos que foram dominados, a grupos que foram presos, humilhados, exterminados e a crianças que foram sequestradas de suas famílias e educadas a partir de outra identidade, como é o caso de Ingrid Von Oelhafen e tantas outras. Assim, parafraseando Adorno, podemos dizer: a exigência que Lebensborn não se repita é a primeira de todas para a educação.

Portanto, este estudo visa não só contribuir academicamente, ao produzir uma pesquisa documental e bibliográfica, mas também se espera uma contribuição nas reflexões acerca de nossa sociedade, questões de preconceito e a negação do direito à diversidade. Devemos discutir essas questões não só no âmbito universitário, mas também na educação básica e nas esferas sociais de nossa vida cotidiana, para que não sejamos ludibriados por falsos discursos e, principalmente, por aqueles carregados de preconceito e de ódio, mas que, possamos ter consciência de nossas ações perante a democracia e as noções que entendemos como seres morais dentro de nosso contexto ocidental.

REFERÊNCIAS

ABINET, E. G. **Fui localizada gracias a mi abuela que se dedicó a buscarme.** Testemonios de nietos, Abuelas da Plaza de Mayo, disponível em: <http://www.abuelas.org.ar/material/testimonios/t014.htm>. Entrevista concedida a organização das Abuelas da Plaza de Mayo.

ADORNO, T. **Educação e Emancipação.** São Paulo: Paz e Terra, 2006

ARENDT, H. **Origens do totalitarismo.** Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BARTOLETTI, S. C. **A juventude hitlerista:** a história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram. Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

BATISTA, M. J. A. História sobre os principais modelos, teorias e pensadores. **Renefra** - Revista eletrônica de educação da Faculdade Araguaia, Mato Grosso, v. 2, n. 2, 2012.

BISSOLI, C. M.; SANTOS, P. R. A. Desparecimentos de Crianças na Ditadura Militar Argentina. **Panóptica**, Vitória, v. 9, n. 27, 2014.

BLEJMAR, J. La Argentina en pedazos: los collages fotográficos de Lucila Quieto. In: BLEJMAR, J. *et al.* (org.). **Instantáneas de la memoria: fotografía y dictadura en Argentina y América Latina.** Buenos Aires: Libreria, 2013. p. 173-193.

BLEUEL, H. P. **O sexo na Alemanha Nazista.** Tradução de Theobaldo de Souza. Rio de Janeiro: Senegra, 1972.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOYNE, J. **O menino do pijama listrado.** Tradução de Augusto Pacheco Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRANDÃO, O. G.; FERREIRA, M. B. L. **Filosofia e História da Biologia**, v. 4, p. 43-63, 2009.

Brandt, C. A. **Regime nazista: as teorias ideológicas e educacionais moldando a formação do indivíduo nazi.** São Paulo, 2011.

BRENNER, H. **As meninas do quarto 28: amizade, esperança e sobrevivência em Theresienstadt.** São Paulo: LeYa, 2014.

BRITO-COSTA, L. F. **A construção da identidade em periódicos infantis no Brasil da era Vargas e na Alemanha Nazista.** 2016. 180 f. Dissertação (Mestrado

em Filologia Língua Portuguesa) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2016.

CARMO, M. **Ex-presidente militar argentino diz ter ordenado até 8 mil mortes.** BBC, Buenos Aires, 13 abr. 2012. Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/04/120413_videla_livro_mc.shtml. Acesso em: 23 fev. 2019.

CARNEIRO, M. T. **Holocausto: crime contra humanidade.** São Paulo: Ática, 2002.

CARNEIRO, M. T. *O êxodo das crianças judias.* O Estado de São Paulo. **Caderno 2/Cultura**, São Paulo, p. 1-7, n. 1028, Ano 20, 9 jul. 2000.

CARNEIRO, M. T. *Estudos alertam para a repetição da barbárie.* O Estado de São Paulo. **Caderno 2/Cultura**, São Paulo, p. D-4, n. 923, 27 jun. 1998.

CATELA, L. S. **Situação-limite e memória: a reconstrução do mundo dos familiares de desaparecidos da Argentina.** São Paulo: Hucitec, 2001.

CAPELATTO, M. H.; D'ALESSIO, M. M. **Nazismo: política, cultura e holocausto.** Editora atual, São Paulo, 2004.

DEL CONT, V. Francis Galton: Eugenia e Hereditariedade. **Scientle Studia**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-218, 2008.

DILLON, M. Lucila Q: Arqueologías. *In:* QUIETO, Lucila. **Arqueologías. Buenos Aires: Fondo Nacional de las Artes.** São Paulo, 2007.

EVANS, R. J. **O Terceiro Reich no poder.** Tradução de Lúcia Brito. 1. ed, São Paulo: Planeta do Brasil, 2011. Livro eletrônico versão em PDF.

FABRIS, A. Memórias dos desaparecidos: algumas estratégias visuais. **Anais do Museu Paulista.** São Paulo, v. 25, p. 261-278, jan.- abr., 2017.

FERNANDES, L. B. L. **Pelos olhos a criança: concepções do universo concentracionário nos desenhos de Teresín.** 2015. 468 f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

GARCÍA, P. L. N. **Saber mi verdadera identidad no tiene precio.** Testimonios de Nietos, Abuelas da Plaza de Mayo, disponível em: <http://www.abuelas.org.ar/material/testimonios/t005.htm>. Entrevista concedida a organização das Abuelas da Plaza de Mayo.

GEARY, D. **Hitler e o nazismo.** Tradução de Alexandre Kappaun. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GOLDHAGEN, D. J. **Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o holocausto.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GUTERMAN, M. **A Moral Nazista: uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha de Hitler**. São Paulo: ed. USP, 2013.

HITLER, A. **Minha luta**. São Paulo: Editora Moraes, 1983.

JAPIASSU, H. Da Noção de “raça” ao “eugenismo”. **Cadernos de Pesquisa do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento**, n. 2, p. 23-35, jul. 2004.

KOCH, H. W. **A juventude Hitlerista - mocidade traída**. Rio de Janeiro: Renes Ltda, 1973.

LENHARO, A. **Nazismo “O triunfo da vontade”**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

LEWGOY, B. Holocausto Trauma e memória. **Webmosaico - Instituto Cultural Judaico March Chagall**. v. 2, n. 1, jan.- jun. 2010.

LONGERICH, P. **Heinrich Himmler: Uma biografia**. Objetiva. Rio De Janeiro: 2013.

MANDELBAUM, E. Algumas considerações sobre judeus, judaísmo e antissemitismo. **Revista USP**, São Paulo, n.93, p. 225-237, mar.- abr., 2012.

MAUGER, G. Violência simbólica. In: CATANI, A. M. *et al* (Org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 359-361.

MICHAUD, E. “Soldados de uma idéia” Os jovens do terceiro Reich. *In*: LEVI, G; SCHMITT, J. (Org.). **História dos Jovens 2 - A época contemporânea**. Tradução de Paulo Neves, Nilson Mulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 291-317.

MONTEIRO, C. F. **Propaganda Ideológica e ascensão do Partido Nazista ao poder na República de Weimar/Alemanha: A Eclosão do ovo da Serpente**. Tubarão, SC: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2017.

NOVARO, M; PALERMO, V. **A ditadura militar argentina 1976-1963: do golpe de estado à restauração democrática**. São Paulo: ed. USP, 2007.

OELHAFEN, I. V.; TATE, T. **As crianças Esquecidas De Hitler: a verdadeira história do Projeto Lebensborn**. São Paulo: Contexto, 2016.

OLIVEIRA, B. B. **Anna Seghers: do exílio de si ao nome**. Pelotas, RS: Universidade de Pelotas, 2017.

PALÁCIOS, A. **Há 30 anos terminava a ditadura militar argentina - Pequeno manual sobre o modus operandi do regime**. Os Hermanos, Estadão, São Paulo, 10 dez. 2013. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/ariel-palacios/ha-30-anos-encerrava-se-a-ditadura-argentina-pequeno-manual-sobre-o-modus-operandi-do-regime/>. Acesso em: 23 de fev. 2019.

PÉREZ, V. D. **La identidad para mí es algo que está en permanente construcción.** Testimonios de nietos, Abuelas da Plaza de Mayo, disponível em: <http://www.abuelas.org.ar/material/testimonios/t007.htm>. Entrevista concedida a organização das Abuelas da Plaza de Mayo.

QUIETO, L. **Entrevista a Lucila Quieto** (2013). Disponível em: <http://conti.derhuman.jus.gov.ar/2013/04/noticias-entrevista-lucila-quieto.shtml>. Acesso em: 04 mar. 2019.

RIBEIRO Jr. J. **O que é nazismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Primeiros Passos).

ROCHA, C. A. A re-significação da eugenia na educação entre 1946 e 1970: um estudo sobre a construção do discurso eugênico na formação docente. 2010. 491 f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2010.

RODRIGUES, L. C. B. **A primeira Guerra Mundial: a grande guerra: a paz dos vencedores: os legados da guerra**. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1985.

SHIRER, W. L. **Ascensão e queda do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

SOUZA, S. V. A. Eugenia brasileira e suas conexões internacionais: Uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto. **História, Ciências, Saúde**, Rio De Janeiro, v. 23, p. 93-110, dez., 2016.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. Memória. In: _____. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 275-279.

SILVA, R. O. S. **Infância na Alemanha Nazista: versões fictícias de uma história real**. Universidade Federal do Piauí, Piauí, s. d.

SILVA, R. F. da; NOVAIS, F. A. Introdução: para a historiografia da nova história. In: SILVA, R. F. da; NOVAIS, F. A. (Org.). **Nova História em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 6-70. v. 1.

TELEVISA, **Admite Armada argentina que torturó durante dictadura**. Noticeros Televisa. Buenos Aires, Argentina, 3 mar. 2004. Disponível em: <http://www.esmas.com/noticierostelevisa/internacionales/347693.html>. Acesso em: 02 mar. 2019.

TELLO, M. E. **La fuerza de la cosa dada: derechos humanos, política y moral en las “indemnizaciones” a las víctimas del terrorismo de Estado en Argentina**. In: LIMA, Roberto Kant de (Org.). **Antropologia e Direitos Humanos 2**. Niterói: Ed. UFF, 2003. p. 37-74.

VICENTE, G. A.; WITT, A. M. A educação na Alemanha durante o Terceiro Reich e seu papel na doutrinação das crianças e jovens. **Conhecimento Online**. Novo Hamburgo, v. 1 Jan./Jun. 2018.

VIEIRA, F. C. O Enquadramento Histórico Conceitual da Eugenia: do eugenismo clássico ao liberal. **Cadernos da Escola de Direito e Relações Internacionais**. Curitiba, PR, n. 17, p. 251-283, 2012.

